

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**“MENINOS DE RUA OU DE UM BECO SEM SAÍDA?”:
UM NOVO RESGATE**

CONSTANTINO RIBEIRO DE OLIVEIRA JUNIOR

CAMPINAS, 2003

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

OL4m

Oliveira Junior, Constantino Ribeiro de
Meninos de rua ou de um beco sem saída? : um novo
resgate / Constantino Ribeiro de Oliveira Junior. --
Campinas, SP : [s.n.], 2003.

Orientador: Gustavo Luis Gutierrez.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Menores abandonados. 2. Políticas públicas.
3. Trabalho. 4. Lazer. 5. Identidade. I. Gutierrez, Gustavo
Luis. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação Física. III. Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Este exemplar corresponde à redação final da tese de doutorado, defendida por Constantino Ribeiro de Oliveira Junior e aprovada pela comissão Julgadora em 14/02/2003.

Professor Doutor Gustavo Luis Gutierrez
(Orientador)

CAMPINAS, 2003

Dedicatória

À minha esposa Isabel Cristina Peixoto de Oliveira e minha filha Camilla Ribeiro de Oliveira, pela paciência nas horas mais difíceis.

Aos meus pais Constantino Ribeiro de Oliveira e Dalva Ramos de Oliveira pela condição dada para chegar até aqui, bem como pela presença constante em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Ademir Gebara pela amizade e contribuição dada no caminho percorrido.

Ao Prof. Dr. Antônio Carlos Frasson pela disposição e disponibilidade demonstrada no momento mais crítico deste processo.

Ao Prof. Edilson Fernandes de Souza pela amizade estabelecida no curso do doutorado.

Ao Sr. Cassiano Rodolfo Mielitz e Sr. Paulo Ramos pelo companheirismo demonstrado nas últimas viagens.

Ao Prof. Dr. Fernando Marinho Mezzadri pelo companheirismo no transcórrer deste processo.

Ao Prof. Dr. Gustavo Luis Gutierrez. Gratidão sincera ao meu orientador que considero o mais importante personagem deste processo. Sem seu apoio e amizade não chegaria a este momento.

Ao Prof. Dr. Kleber do Sacramento Adão pelas boas contribuições acadêmicas e pessoais.

Ao Prof. Dr. Luis Alberto Pilatti pela amizade e companheirismo ao longo de toda a trajetória pessoal, e pela contribuição no desenvolvimento da vida acadêmica.

Ao Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes pelos momentos de convívio proporcionado no transcórrer desta fase e pelas contribuições dadas a este trabalho.

Ao Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior pela amizade e contribuição no processo de construção desta tese.

Aos meus irmãos, irmãs, cunhados e cunhadas, bem como a todos aqueles que contribuíram através de suas preces.

SUMÁRIO

RESUMO		xiii
ABSTRACT		xv
INTRODUÇÃO		1
CAPÍTULO I	1.1 “MENINOS DE RUA OU DE UM BECO SEM SAÍDA?”: ANTIGO ESTUDO.....	5
	1.2 AS LIMITAÇÕES ENCONTRADAS.....	27
	1.3 EXPLICITAÇÃO DO NOVO PROBLEMA A SER ENFRENTADO.....	33
CAPÍTULO II	2.1 CONDIÇÃO SOCIAL MENINOS DE RUA: ANTECEDENTES HISTÓRICOS.....	43
	2.2. CONDIÇÃO SOCIAL MENINOS DE RUA: VISÕES CONTEMPORÂNEAS.....	53
	2.3. ALGUMAS APROXIMAÇÕES COM O OBJETO.....	60
CAPÍTULO III	3.1 PERCEPÇÕES DO CONTEMPORÂNEO: UMA PRIMEIRA JANELA.....	62
	3. 1. 1 Globalização e Mundialização.....	63
	3.2 A SEGUNDA JANELA: O TRABALHO EM FOCO.....	70
CAPÍTULO IV	4.1 SOCIOLOGIA DO PROCESSO: PORTA DE ENTRADA PARA UMA COMPREENSÃO SOCIAL.....	84
	4.2 DA ORIGEM AO AUTO-CONTROLE: A FUNÇÃO DO ESTADO NO PROCESSO.....	93
	4.3 CONTROLE ATRAVÉS DA ESTIGMATIZAÇÃO.....	97
	4.4 LAZER: CONTRAPONTO DO TRABALHO OU UM MEIO DE AUTO-CONTROLE?.....	106
CAPÍTULO V	A PESQUISA	117
	5.1 METODOLOGIA.....	117
	5.2 COLETA DE DADOS.....	121
	5.2.1 Descrição do Local de Abordagem da Pré-entrevista e da Entrevista.....	121
	5.3. ANÁLISE DE DADOS.....	123
CONCLUSÃO	138
ANEXOS	144

REFERENCIAL
BIBLIOGRÁFICO 174

RESUMO

Esta pesquisa retoma a discussão sobre o projeto social denominado Centro Ocupacional para Adolescentes em Situação de Proteção Especial (COCASPE), realizado na cidade de Ponta Grossa, Paraná no período entre 1993 a 1996. O objetivo foi verificar sua eficiência educacional em relação aos meninos que participaram deste. O problema que gerou a pesquisa está centrado na preocupação de verificar se as atividades desenvolvidas no COCASPE, bem como as relações produzidas no interior deste projeto, modificaram o comportamento destes meninos na sociedade passados dez anos. Mais: identificar se estas relações produziram uma nova identidade. A hipótese trabalhada seria a de que este projeto propiciaria configurações, as quais só não proporcionaram uma nova identidade a estes meninos por não possibilitar o convívio social com grupos diferentes dos quais estes meninos mantinham contato. Para a execução da pesquisa foram utilizados mecanismos próprios de uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo. O estudo de caso foi trabalhado com a construção da problematização com base no relatório de pesquisa da dissertação que tratou do COCASPE num primeiro momento. A partir desta problematização e da formulação da hipótese foram utilizadas fontes de inspiração para mostrar a condição social dos meninos de/na rua, bem como para uma leitura da sociedade contemporânea. Com base nestas fontes de inspiração foi organizada a entrevista, semi-estruturada, para ouvir os antigos participantes do projeto, hoje maiores de idade. As entrevistas tiveram dois momentos: a pré-entrevista com 7 pessoas ouvidas e a entrevista com 5 pessoas. A pré-entrevista serviu para o retorno às fontes, e a entrevista permitiu a visualização de que estes meninos interiorizaram formas de auto-controle, economia psíquica, que permite associá-los a um dos qualitativos do homem proveniente desta economia: o homem equilibrado. Constatou-se que o COCASPE não contribuiu num processo de colocação destas pessoas no mercado formal de trabalho. Mas através de atividades rotineiras (cursos semi-profissionalizantes) e atividades de lazer, teve êxito no processo de interiorização das restrições das pulsões. Conclui-se que esta forma de auto-controle contribuiu para que estes meninos buscassem alternativas no mercado informal de trabalho bem como atividades miméticas como forma compensatória das dificuldades encontradas no cotidiano. Destarte, a hipótese foi confirmada parcialmente. Houve uma evolução no processo de autocontrole, no entanto estas pessoas continuam associadas a grupos considerados outsiders.

Palavras-chave: Política pública; Trabalho, Lazer, Identidade, Meninos de/na rua.

ABSTRACT

This research retakes the discussion on the social project denominated Occupational Center for Adolescents in Situation of Special Protection (COCASPE), accomplished in the city of Ponta Grossa, Paraná in the period of 1993 to 1996. The objective verified was the educational efficiency in relation to the boys that participated. The problem that generated the research is centered in the concern of verifying the activities developed in COCASPE, as well as the relationships produced inside this project that modified these boys' behavior in the society after ten years. To identify if these relationships produced a new identity. The worked hypothesis was centered that this project provided configurations that didn't provide a new identity to these boys for not facilitating the social conviviality with groups different from the ones that these boys maintained contact. For the execution of the research a self mechanisms of exploratory research in qualitative matter was used. The case study worked with the construction of the problem and was based on COCASPE in a first moment. Starting from the construction of the problem and the formulation of the hypothesis inspiration sources were used to show the social condition of the boys on and at the streets, as well as for an analysis of the contemporary society. Based in these inspiration sources the interview was semi-structured and organized to hear the old participants of the project, today all over 18. The interviews had two moments: the pre-interview with 7 people and the interview with 5 people. The pre-interview return to the sources, and the interview allowed the visualization that these boys had within, forms of self-control, psychic economy, that allowed them to associate to one of the quality of men coming to this economy: the well balanced man. It was verified that COCASPE didn't contribute in a process of these people's placement in the formal market of work. But, through routine activities (courses semi-professionalizing) and leisure activities, had success in the process of self control. It was concluded that this form of self-control contributed so that these boys looked for alternatives in the informal market of work as well as adaptive activities to compensate form of the difficulties found in the daily living. This way, the hypothesis was partially confirmed. There was an evolution in the self-control process, however these people continue associated to groups considered outsiders.

KEY-WORDS: Public policies; Work; Leisure; Street boys.

INTRODUÇÃO

No período compreendido entre 1993 e 1996 houve um projeto social destinado a meninos de rua denominado de Centro Ocupacional para Adolescentes em Situação de Proteção Especial (COCASPE)¹. Este projeto atendeu inúmeras crianças. Entre elas existiam cerca de dez adolescentes.

Num noticiário policial de Ponta Grossa, três matérias chamaram a atenção. As reportagens referiam-se a arrombamentos, furtos, armas e drogas. Alguns dos envolvidos foram reconhecidos como sendo adolescentes que freqüentaram assiduamente o COCASPE.

Este fato chamou a atenção e possibilitou colocar a eficiência deste projeto em questionamento. Este projeto foi substituído. No seu lugar surgiram outros com a mesma linha de atuação, ou seja, utilização do esporte e lazer, cursos semi-profissionalizantes, profissionalizantes, reforço escolar entre outras atividades sob o discurso de “reinsserir” estas crianças no seio da sociedade.

Após dez anos da implantação do COCASPE este projeto volta ao foco de análise. Adotando-o como objeto de estudo tem-se o objetivo de verificar se este projeto, através de suas atividades, foi eficiente no processo educacional destes meninos. Será que o período em que viveram e freqüentaram o COCASPE alteraram suas relações sociais, seus estilos de vida?

Para dar voz a esta questão o resgate dos participantes daquele projeto tornou-se necessário. Através deste resgate a visualização dos rumos percorridos possibilita a verificação da eficiência ou não do COCASPE enquanto projeto social.

Para isto, este trabalho parte de um relatório de pesquisa no qual são apresentados argumentações no sentido de desqualificar o COCASPE como um projeto eficaz. O

¹ O COCASPE foi realizado no município de Ponta Grossa, Paraná.

primeiro capítulo está dividido em três partes. A primeira apresenta a estrutura do COCASPE, bem como o referencial teórico que permitiu a análise do projeto frente a uma comparação com o desenvolvimento do capitalismo. Na segunda são apontadas as limitações vistas na abordagem realizada. Na terceira existe a preocupação em problematizar este objeto no sentido de uma nova análise, um novo olhar.

A preparação destes meninos para o mundo do trabalho, através do aprendizado de atividades semiprofissionalizantes foi uma das estratégias aplicadas. No entanto, não foi a única. Atividades esportivas e de lazer foram utilizadas como estratégia de ocupação do período de convivência no referido projeto. Surge aí uma dúvida: o que ficou interiorizado nestes meninos? Uma ética voltada para o trabalho ou uma valorização do lúdico frente à necessidade do trabalho?

Levanta-se como hipótese que os objetivos centrados em tirar os meninos de rua do ambiente em que se encontravam (rua) não foram efetivados em função das configurações produzidas no COCASPE não permitirem a criação de uma nova identidade com um novo grupo.

As atividades lúdicas possibilitaram uma forma de interiorização de valores típicos do grupo a que estes meninos pertenciam. O que chamaremos de “outsiders”². Esta forma refinada de interiorização do autocontrole permite pensar na possibilidade de uma preparação de um novo homem. E desta forma, compreender como estes meninos transitaram num meio em que as relações estabelecidas tenderam a um processo de estigmatização.

No segundo capítulo é apresentado um resgate histórico da situação social meninos de rua. O objetivo é mostrar que no Brasil o menino de rua possui a atenção de instituições públicas e privadas desde muito. Aponta-se para uma conceitualização de menino de/na rua.

² Termo utilizado por ELIAS & SCOTSON. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

No terceiro e quarto capítulos buscam-se fontes de inspiração para a compreensão da sociedade contemporânea. Para isso são utilizados autores de matrizes teóricas diferentes. No entanto, esta utilização permite apreender o fenômeno em questão de uma forma mais inteligível. O processo de globalização e mundialização é apresentado no mesmo capítulo em que o trabalho é o foco. É questionada a centralidade do trabalho enquanto categoria sociológica de análise.

No quarto capítulo são privilegiados: o processo de estigmatização e a nova alternativa de entendimento do Lazer. Através destas categorias pretende-se apresentar uma forma de compreensão em relação ao funcionamento de projetos sociais destinados a meninos de rua.

A aproximação de um novo referencial demonstrando formas eficazes de auto-controle de determinados grupos no sentido de manter indivíduos num determinado enquadramento social parece útil para o enriquecimento do debate a respeito da condição social destes meninos.

No quinto capítulo é apresentada a pesquisa. Para a efetivação da mesma utilizou-se dos mecanismos referentes a um estudo de caso numa pesquisa exploratória, de cunho qualitativo. Lançou-se mão de entrevistas para a coleta de dados.

Com relação às entrevistas foi utilizado o procedimento semi-estruturado. Foram feitas em duas etapas: pré-entrevista e entrevista. A pré-entrevista serviu de base para o retorno às fontes de inspiração. Foram contatados sete entrevistados. Na entrevista foram encontradas cinco pessoas que responderam a oito questões relacionadas ao objetivo que se propõe. A trajetória em relação a trabalho, estudo e lazer após a participação no projeto, bem como suas lembranças em relação ao convívio dentro do COCASPE foram privilegiadas.

A escolha deste tema e da conseqüente problematização decorre de dois aspectos. O primeiro seria referente ao número cada vez maior de pessoas a margem das possibilidades de acesso aos bens produzidos em nossa sociedade. Em face disso começam a viver numa aparente organização social paralela, possuindo a rua como seu

local de vivência, moradia e lazer. Neste quadro o menino de rua acaba sendo uma das peças de grande importância no jogo da sobrevivência. O segundo seria a utilização de atividades ligadas à área da Educação Física como um dos meios eficazes no processo educacional destas pessoas. Acredita-se que por estes motivos que a realização do presente estudo parece oportuno e relevante.

CAPÍTULO I

1.1 “MENINOS DE RUA OU DE UM BECO SEM SAÍDA?”: ANTIGO ESTUDO.

Em estudo anterior, intitulado “Meninos de rua ou de um beco sem saída?”¹ realizou-se uma dissertação cujo objetivo foi apresentar argumentações que apontassem para o entendimento do funcionamento do Centro ocupacional para Adolescentes em Situação de Proteção Especial (COCASPE). Um projeto social realizado sob responsabilidade da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa (PMPG)- Paraná, no período compreendido entre 1992/96, destinado a meninos de rua². A preocupação seria a de compreender este projeto em relação aos objetivos iniciais. Entender quais seriam as causas de existir uma distorção entre o discurso e a prática.

Para melhor compreensão da problematização foi apontado um discurso segundo o qual pretendia-se possibilitar a inclusão social dos meninos para que os mesmos pudessem exercer a cidadania. A idéia seria a de que estes meninos seriam desprezados por um lado e temidos por outro. Desprezados em relação a oportunidades dentro de toda estrutura social em que vivemos, temidos em função de seu estilo de vida na rua. Ou seja, em comparação a crianças que freqüentam a escola e adquirem o perfil desejado pela sociedade. A de crianças que não estão na rua para incomodar, de uma forma ou outra. Crianças que, em tese, não teriam a possibilidade de servir ao tráfico e ao roubo.

¹ OLIVEIRA JR, C. R. **Meninos de rua ou de um Beco sem saída?** Piracicaba, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba.

² O termo menino de rua será abordado no capítulo seguinte para uma melhor compreensão. Neste capítulo apresentar-se-á, no devido tempo, o entendimento sobre o termo utilizado no projeto COCASPE.

Neste contexto a preocupação em entender o porque do Estado desenvolver projetos assistencialistas para estas crianças e as condições de relações sociais produzidas pelo sistema capitalista permearam o problema enfrentado.

Entre os problemas estruturados com a revisão de literatura pode-se destacar o de “descobrir o real motivo de existir uma estrutura teórica para a educação destes meninos, e na prática ocorrer o contrário. (...) Como um projeto financiado pelo Governo Federal consegue encontrar tantos obstáculos a nível municipal? Será que o projeto deveria ter êxito?”³.

A hipótese que balizou o desenvolvimento do trabalho foi a de haveria objetivos implícitos no projeto que tenderiam a uma prática descolada dos objetivos propostos. Existiria um pano de fundo em relação aos objetivos propagados. Dito de outra forma, o projeto não contemplava o objetivo de proporcionar condições de inserção social para ocupar espaços que permitissem o resgate da cidadania. Entendendo este resgate como uma possibilidade de inserção no mercado de trabalho.

Com o intuito de trabalhar na compreensão destes pontos foi dividido o trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo foi construído a problematização a partir da apresentação do COCASPE em duas frentes. Uma que se referia ao projeto teórico elaborado por funcionários da PMPG e outra em relação aos acontecimentos vivenciados no desenvolvimento das atividades do centro durante dois anos. Em termos precisos este primeiro capítulo foi dividido em três momentos. Momentos que buscaram uma analogia a uma peça teatral que encenaria a vida humana: a) O palco: nascimento e desenvolvimento do município de Ponta Grossa; b) O cenário: o projeto COCASPE; c) Os atores em cena: a realidade efetiva.

No segundo e terceiro capítulo houve a construção do referencial teórico de análise. A preocupação foi discutir as origens da pobreza no sistema capitalista ocidental até determinadas formas de manutenção da pobreza em período recente. A idéia foi a de que estas crianças surgem de um ambiente de pobreza e, neste sentido, entender como é

³ OLIVEIRA JR, loc. cit., p. 52.

produzida ou reproduzida a pobreza no sistema capitalista, esse foi o raciocínio seguido. O caminho foi norteador por ações econômicas que percorrem a revolução industrial até 1996. Além deste aspecto foi apresentado o darwinismo social como forma de justificar o fato destes meninos encontrarem-se na situação social atual. Os autores principais que deram sustentação a este capítulo foram MARX⁴, HOBBSAWM⁵, HARVEY⁶ e BERGO⁷.

No terceiro capítulo a preocupação foi resgatar alguns pontos referentes a medidas políticas, que proporcionaram a liberdade do povo frente a coerções e explorações, às quais o homem foi submetido. Para buscar alguns fundamentos que embasam a ação política foi realizado um levantamento sobre a revolução francesa e a doutrina que surgiu posteriormente. Trata-se das bases do que veio a ser chamado de “Neoliberalismo”. Neste mesmo capítulo apresenta-se um enfoque do entendimento do que é a concepção de cidadão. Os autores principais neste capítulo foram VERGARA⁸, MACEDO⁹ e CANIVEZ¹⁰.

No primeiro momento do capítulo inicial foi feito um resgate histórico da transição de povoado a município de Ponta Grossa. Buscou-se algumas características históricas no processo de municipalização e urbanização pelo qual Ponta Grossa passou desde 1541. Data relatada como o início de passagem de expedições pelo local em que viria a ser povoado a partir da concessão de terras pelo governo Português em 1704. Na trajetória

⁴MARX, K. A Chamada Acumulação Primitiva. In: _____. **O Capital: crítica da economia política**. Livro Primeiro, Vol. II. O processo de Produção do Capital. São Paulo: DIFEL- Difusão Editorial, 1982.

⁵HOBBSAWM, E. J. **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**. Trad. Maria T. L. Teixeira e Marcos Penchel. Ver também: _____. Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁶HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Trad. Adail Sobral, Maria Stela Gonçalves. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

⁷BERGO, A. C. **“Darwinismo Social” e Educação no Brasil**. Campinas, 1993. Tese (Doutoramento em Educação) – Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas.

⁸VERGARA, F. **Introdução aos Fundamentos Filosóficos do Liberalismo**. Trad. Catherine M. Mahieu. São Paulo: Nobel, 1995.

⁹MACEDO, U. B. **Liberalismo e Justiça Social**. São Paulo: Ibrasa, 1995.

¹⁰CANIVEZ, P. **Educar o cidadão?** Campinas: Papyrus, 1991.

deste povoamento surgem famílias tradicionais bem como organizações religiosas, como a dos jesuítas.

O marco principal do povoamento foi a passagem de tropas do Rio Grande do Sul para Minas Gerais, via São Paulo. A passagem destas tropas exigiu uma infra-estrutura de currais e pousos. Somente em 1872 surge o município de Ponta Grossa, depois de um percurso em que vários nomes foram dados ao povoado.

O fato que caracterizou uma divisão social no município na sua trajetória de povoamento foi a chegada de nobres, peões e escravos alforriados. Os dois últimos permaneciam em locais provisórios e na medida em que chegavam os nobres, os peões e escravos mudavam-se para a periferia.

A imigração ocorrida no Brasil deveu-se a políticas adotadas no Império. Em decorrência destas políticas o município de Ponta Grossa foi privilegiado. Havia a preocupação em desenvolver a agricultura trazendo imigrantes europeus que poderiam contribuir neste seguimento. Este seguimento na região teve uma significativa evolução graças a holandeses que se instalaram por aqui por volta de 1911¹¹. Mas, a maioria dos imigrantes procurava o centro do município em busca de alternativas à agricultura.

Houve um destaque do município na economia nacional em função da posição geográfica de Ponta Grossa. O município situava-se como passagem obrigatória para os principais centros comerciais. Posição que levou ao entroncamento rodo-ferroviário, principalmente para o escoamento da produção de café e erva-mate. Hoje existem outras alternativas viárias.

O crescimento populacional teve como fomentadores a estrada de ferro e um processo de industrialização que ampliaram a oferta de serviços. Sobretudo na primeira metade do século XX, período em que Ponta Grossa constituiu uma base agro-industrial.

¹¹ DIAS, M. L. M. S. M. (coord.). **Projeto Realidade:** alfabetização em Ponta Grossa. Brasília: INEP, 1994.

Por volta de 1970 o município torna-se predominantemente urbano. No entanto as áreas em que Ponta Grossa se destacou e se destaca se encontram no setor agrícola, na pecuária e na área de minerais.

A consequência do processo de urbanização foi o inchaço populacional, fruto de um êxodo rural não planejado. Um aumento populacional de indivíduos sem qualificação profissional que contribuíram para a formação de favelas, e de pessoas desocupadas.

Pela documentação utilizada na construção do processo de urbanização do município, e em função da formação religiosa fazer parte deste processo, encerrou-se este primeiro momento com a noção de um povoado propenso à ajuda ao menos favorecido. Uma propensão que leva a acreditar numa “qualidade” superior da população a ser incorporada em projetos sociais¹².

Feito o resgate histórico do município de Ponta Grossa passou-se para o segundo momento. Construiu-se “o cenário: o projeto COCASPE”. Enfatiza-se que neste momento a preocupação foi apresentar a estrutura que compôs o centro. Estrutura que foi privilegiada com cursos de encadernação e serigrafia, atividades esportivas e recreativas e a horticultura. Deu-se a idéia de que este projeto surgiu após a incorporação da preocupação com os direitos humanos no Brasil, explícito na Constituição de 1988. Fato que levou o Estado e a sociedade civil a compartilhar com a família a preocupação com o menor.

O COCASPE foi coordenado pela Secretaria de Bem-Estar-Social da PMPG no início da década de noventa. Sua elaboração teve início em 1992. Além deste projeto existiam outros paralelos. Seriam a “Casa do Menor” e a “Assoma (Associação dos Meninos e Meninas de rua)”. Os objetivos destes projetos seriam fornecer benefícios básicos como a alimentação, local para dormir e orientação educacional.¹³. Existia

¹² Como forma de complementação mais dados de Ponta Grossa estão disponível em: <http://www.pontagrossa.pr.gov.br/acidade/historia.html> e <http://www.pontagrossa.pr.gov.br/acidade/geograficos.html> em <http://www.pontagrossa.pr.gov.br/acidade/geograficos.html> Acesso em : 09 jan. 2003.

¹³ OLIVEIRA JR., op. cit., p. 25.

também o “Centro de Ação Social” que tinha a preocupação de produzir material didático para campanhas educacionais através da serigrafia.

O principal motivo de criação do COCASPE foi o de complementar as atividades de formação oferecidas pelos projetos citados. A clientela do COCASPE, em grande maioria, seria conseguida através do redirecionamento de meninos alojados em outros projetos. A intenção era alocar os meninos mais próximos dos locais onde suas famílias residiam.

Os cursos oferecidos para complementar os outros projetos citados seriam o de serigrafia e o de encadernação, considerados como cursos "semiprofissionalizantes". No entanto o COCASPE ampliou a oferta. Ofertou-se o aprendizado em horticultura e atividades esportivas.

As crianças atendidas estavam compreendidas entre sete a 18 anos incompletos. Além da realocação de outros projetos, a comunidade e a polícia davam a indicação para o encaminhamento da clientela. Sendo mais preciso, a descrição da clientela seria a seguinte: “crianças (...) que perambulam pelas ruas sem ocupação, predispostas à marginalidade, servindo ou podendo vir a servir a quadrilhas na venda de tóxicos, ou para guardar objetos furtados em troca de uma suposta "proteção"; ou ainda as exploradas em condições de subemprego, ou seja, as que mendigam, para ajudar na renda familiar.”¹⁴.

Para fortalecer a personalidade das crianças, sobretudo com relação à auto-estima e autoconfiança, as atividades semiprofissionalizantes, pedagógicas e esportivas foram as contempladas com a elaboração do projeto. Cabe ressaltar que este ponto será destacado na construção do novo problema a ser construído. Além deste objetivo, pretendia-se substituir o que se chama renda vindo de atividades de mendicância por atividades que dariam ganhos financeiros e educativos. As atividades ocupacionais, com o intuito de desenvolver-lhes um hábito dirigido ao trabalho, foram implantadas. Como? Através da encadernação, serigrafia e a horticultura. Exploraremos mais detalhes à frente.

As justificativas apresentadas para sua criação, com nítido tom ideológico, foram:

¹⁴ OLIVEIRA JR., loc. cit., p. 25.

(...) cabe ao poder público reverter a situação de risco pessoal e/ou social destas crianças; entre o futuro mais justo e desejável situa-se a sobrevivência destes; o analfabetismo e a desnutrição marginaliza e prejudica o seu desenvolvimento; a violência brutaliza e degrada em termos pessoais e sociais; a rua não é só o lugar de trabalho, mas de lazer, de moradia, de consumo e socialização; constitui-se ainda local de tráfico, prostituição, levando-os a contribuir com o crime organizado; e principalmente (...) o trabalho de boa qualidade mantém e renova a dignidade de quem o produziu.¹⁵

Existia a previsão de reforço escolar para os participantes do projeto. Partiu-se da noção de que os participantes já estariam inseridos no sistema formal de ensino. O que não constatou-se ser a realidade de todas as crianças.

Existiu a previsão de haver remuneração para os meninos. Remuneração que seria gerada da venda da produção do próprio trabalho, segundo critérios de aprendizado, frequência e disciplina, através da serigrafia.

Como proposta o centro funcionaria de manhã e à tarde com a oferta de cursos de serigrafia, encadernação, horticultura e atividades esportivas com duração de dois meses para que se conduzissem os meninos para o mercado de trabalho ou outros projetos. Existia a previsão de dez crianças para cada atividade de forma que existisse um rodízio no período freqüentado. O local específico de realização do projeto não pertencia à PMPG. Foi cedido um prédio do Ministério da Agricultura.

Apresentou-se um cronograma de implantação. Este cronograma foi cumprido. As etapas foram: “Reforma do local; contratação e treinamento do corpo funcional; contato com entidades afins para o encaminhamento de crianças e adolescentes; divulgação para a comunidade; encaminhamento de crianças através de abordagens de educadores de rua; triagem das crianças e adolescentes para diversos cursos conforme **aptidões** [grifo nosso]; início das atividades.”¹⁶

Uma das primeiras atividades implantadas foram as de esporte e recreação com o intuito de incentivar a vinda destas crianças para o projeto. As atividades foram orientadas por dois profissionais de Educação Física e a utilização de espaços públicos esportivos

¹⁵ OLIVEIRA JR., loc. cit., p. 27.

¹⁶ Ibid., p. 30.

foram previstos por profissionais da área de serviço social. Cabe ressaltar a ênfase dada ao projeto em relação ao papel social que o esporte possui. Buscavam-se características como disciplina, cooperação, participação, conseguindo uma maior sociabilidade através do esporte e menor agressão destes meninos para com a sociedade.

O desenvolvimento das atividades de esporte e a recreação tinham como objetivo proporcionar a criação de hábitos de participação e cooperação através de atividades em grupo, a busca da canalização da agressividade e a disciplina. A forma encontrada para se atingir tais objetivos foi através de atividades esportivas e recreativas ditas informais¹⁷.

Previa-se exame médico e o encaminhamento para atividades de escolinhas de Vôlei, Basquete, Futsal, Handebol e Tênis de Mesa. A ênfase na aptidão natural era sempre frisada. “Pretendia-se que as aulas fossem recreativas, para mais tarde serem organizadas competições”¹⁸.

Foram comprados materiais de sobra em relação ao número de participantes. Materiais que revelavam uma propensão para atividades esportivas e para a ginástica calistênica¹⁹.

Outra atividade proposta pelo COCASPE foi o de horticultura. Este projeto já era desenvolvido num local afastado do COCASPE sob responsabilidade do Centro de Produção da PMPG²⁰. Sua estrutura previa quatro sub-projetos. O de avicultura, olericultura, viveiro de mudas frutíferas e viveiro de essências florestais como a arborização urbana. O principal objetivo na incorporação deste projeto foi o de criar uma cultura de subsistência de famílias carentes. A idéia da horta familiar era a que dava sustentação a esta idéia. Esta seria outra possibilidade de remuneração das famílias, ou seja, através da venda dos produtos produzidos.

¹⁷ No sentido de não serem programados planos de aula como feito para escolas e outras instituições.

¹⁸ OLIVEIRA JR., op.cit. p. 32.

¹⁹ Entre os materiais estavam cordas, massas, alteres de mão, arcos, entre outros.

²⁰ A PMPG desenvolvia diversos projetos sob responsabilidade de secretarias diferentes. A horticultura era um caso. Como ela atendia crianças do bairro Cará-Cará, local próximo ao aeroporto Sant’Ana distante a 15 Km do COCASPE, a Secretaria de Bem-Estar Social resolveu estabelecer uma parceria com o Centro de Produção.

A previsão inicial seria da participação de 100 crianças. Previu-se o transporte das crianças do COCASPE até o local deste sub-projeto. O projeto esportivo para as crianças inseridas no projeto de horticultura seria no centro da cidade. Ou seja, também foi previsto o transporte para elas.

A duração das atividades de horticultura seria de um ano - diferente das atividades desenvolvidas no prédio do COCASPE que seriam de dois meses - período em que as crianças receberiam “instruções sobre a importância alimentar das hortaliças, tipos de hortas, ferramentas e equipamentos, exigências climáticas e escolha de espécies, preparo de solo e formação de canteiros, adubação e correção de solo, produção de mudas e transplante, tratos culturais e colheita”²¹. Algo mais foi previsto. A incorporação de técnicos de agricultura e a alimentação diária para crianças deste projeto.

Com o término da descrição do cenário deu-se o contraponto com a apresentação do terceiro momento: “Os atores em cena: a realidade efetiva”. O contraponto referido diz respeito a descrição das atividades desenvolvidas junto as crianças. Constatou-se, nas atividades desenvolvidas, que a efetivação do COCASPE não parecia contemplar os objetivos propostos. Esta constatação foi o ponto inicial que incentivou o desenvolvimento da pesquisa. Muitos dos pontos contemplados na organização do projeto não tiveram operacionalização por problemas que se determinaria com a execução da dissertação.

Este terceiro momento do primeiro capítulo foi dividido nas seguintes partes: a abordagem dos meninos de rua; o desenvolvimento das atividades de esporte e recreação; o centro ocupacional; o desenvolvimento das atividades de horticultura.

Para se efetuar a abordagem dos meninos foi composta a equipe de trabalho em 1992. Esta equipe reuniu-se por dois meses esperando as reformas do local para a efetivação do projeto. Algumas estratégias de abordagem foram discutidas e implementadas: a oferta das atividades esportivas e dois lanches diários para atrair cerca de 100 crianças.

²¹ OLIVEIRA JR., op. cit., p. 35.

Nas reuniões para o estabelecimento da abordagem verificou-se que não foram efetuadas pesquisas de mercado para verificar se os cursos semiprofissionalizantes contemplavam a realidade do mercado local. Permitia-se apontar a hipótese de que os cursos não possuíam uma retaguarda em relação ao objetivo de inserir as crianças no mercado de trabalho.

Através das estratégias apresentadas teve início o COCASPE. Mais ou menos 80 crianças iniciaram o projeto. Este número foi possível através da divulgação entre os próprios meninos, pois outros centros não encaminharam nenhuma criança de início. O perfil destas crianças variava. A maioria não contemplava o que se pretendia no projeto. Poucos realmente encontravam-se na rua em situação de risco. “Uma parte dos meninos foram encontrados nas praças. Nestas praças os meninos encontram-se diariamente, permanecendo juntos o dia todo. Isso quando não dormem juntos”²². No entanto, através da abordagem conseguiu-se um número significativo de crianças para o início do projeto. Alguns meninos de rua estavam entre o grupo, sendo a maioria enquadrada no se chama meninos carentes²³.

O fato de ter como modelo as “escolinhas”, naquele momento as atividades seguiram um paradigma mecanicista no qual, apesar de possuir atividades recreativas, o rendimento era o objetivo maior. Dito de outra forma, a busca do rendimento esportivo possibilita um maior controle sobre as ações dos praticantes, proporcionando uma maior disciplina. Outro aspecto que reforça esta argumentação foi a forma de escolha dos meninos para a participação e a organização das atividades: “a seleção de meninos conforme suas aptidões para uma das modalidades; a previsão de campeonatos e torneios”²⁴.

Além destas questões sempre houve a noção, por parte de diretores dos projetos, de que poderia revelar algum talento para integrar seleções municipais. Fato que produziria um bom marketing para o projeto frente à comunidade.

²² OLIVEIRA JR., loc. cit., p. 39.

²³ Meninos que freqüentavam a escola e no contra-turno freqüentavam o projeto.

²⁴ OLIVEIRA JR., op. cit., p. 40.

O início das atividades esportivas foi através do Futsal. Esta modalidade foi escolhida pelos meninos. Talvez pelo fato do futebol, e por consequência o futsal, ser uma paixão nacional e um dos esportes mais praticado no mundo.

O espaço físico destinado ao projeto foi uma quadra e um campo de futebol com piso de saibro, situados numa praça denominada de Getúlio Vargas. Nesta mesma praça existe um ginásio com uma quadra poliesportiva, denominada de “Stanilawsczuk”. Atualmente, no lugar das quadras, existe um Centro de Convivência do Idoso.

O acesso ao ginásio foi permitido no início. No período escolar este acesso foi sendo restrito em função dos horários serem cedidos para escolas privadas e para o treinamento de seleções municipais. A saída foi a quadra poliesportiva externa. Aqui surgiram dois problemas: não poder usar a quadra externa e disputar o campo de saibro. Em relação ao primeiro, havia a utilização desta quadra por professores de Educação Física da "Escola Estadual Amálio Pinheiro", por não possuírem espaço físico dentro da escola. Ou seja, não houve possibilidade de utilizar a quadra regularmente, a não ser que fossem divididos alguns horários. Como não utilizou-se a quadra, a alternativa foi o campo de saibro da praça. Aí ocorre o segundo problema: a agressividade. Essa quadra era utilizada por adolescentes e alguns maiores de idade considerados como desocupados e não integrantes do COCASPE. A ocupação do campo não foi permitida por estes adolescentes. A forma para contornar o problema foi realizar um jogo. Neste jogo houveram disputas mais ríspidas. E o desfecho foi positivo. No entanto, soube-se:

que havia uma combinação destes adolescentes para expulsar-nos de lá. A tática era agredir fisicamente o professor. Felizmente quando se aproximaram, convidei-os a participarem do jogo. Por um lado resolvi o problema da agressão, por outro compliquei o desenvolvimento do projeto, pois as agressões passaram a ser contra os meninos do COCASPE, encobertas pelas regras do jogo. Assim alguns meninos desistiram de participar naquele local²⁵.

Foi dada autorização para utilizar o ginásio em horários que não tivesse nenhum participante. Esta concessão não foi suficiente. Durante o período matutino e vespertino os horários estavam todos preenchidos. Mais tarde nem com esta ressalva o espaço pode

²⁵ OLIVEIRA JR., loc. cit. p. 43.

ser utilizado. Foi dada uma contra-ordem para não permitir a entrada dos meninos do COCASPE no ginásio. Alguns garotos tinham depredado os banheiros deste local.

Vários pontos não foram efetivados. Não houve exame médico. O material esportivo era suficiente em relação ao número de participantes, mas inadequados em relação aos espaços existentes.

Os materiais que poderiam ser utilizados e o modelo mecanicista empregado davam vazão a atividades que privilegiavam a repetição, e não a reflexão. Em relação ao argumento de que “um dos principais objetivos deste programa seria o de docilizar esses meninos, preparando-os para atividades que exijam somente a disciplina e a repetição”²⁶, as atividades direcionadas a este objetivo encontraram resistências por parte dos meninos. Constatou-se que a preferência era jogar e sem a intervenção do professor. Criavam e, principalmente, interpretavam as regras segundo critérios próprios.

Existiu outro problema que estava relacionado a horticultura. Tanto os meninos do COCASPE iriam para as atividades de horticultura como os meninos que moravam no bairro em que as atividades de horticultura eram realizadas viriam para a praça Getúlio Vargas participar das atividades esportivas e recreativas. Para efetivação desta troca havia a previsão de transporte para os dois grupos de meninos. Não aconteceu. Solução? Os professores de Educação Física é que transitaram entre os dois locais.

No Centro de Produção não havia infra-estrutura para o desenvolvimento das atividades esportivas. A solução foi improvisar. Como? Empregando atividades alternativas dentro das condições estruturais existentes. Utilizando uma mesa de Tênis de Mesa que havia no local e a criação de um mini campo de futebol. O Tênis de Mesa foi o mais utilizado. Primeiro pelo fato de as crianças serem poucas. Segundo por ser uma das atividades que contava com estrutura para ser desenvolvida.

Improvisaram-se atividades recreativas, sendo aceitas por um breve período. Eles externavam a vontade de jogar. Para atendê-los construiu-se um campo de pelada. Houve o envolvimento do professor e alunos para a construção do campo de futebol. Campo

²⁶ OLIVEIRA JR., loc. cit., p. 45.

feito nos moldes daqueles dos terrenos baldios, encontrados na cidade. Isto foi possível em função da área utilizada para estas atividades ter espaço suficiente, além da área utilizada para a horticultura.

Como os meninos do COCASPE não tinham condução para se deslocarem para as hortas, não havia número suficiente de crianças para realizar os jogos. Inicialmente realizaram-se atividades recreativas, mas após algumas semanas não havia mais adesão dos meninos para as atividades.

As atividades desenvolvidas na praça Getúlio Vargas tiveram a duração de dois anos. Pouco mais da metade deste período pode ser considerado de atividades efetivas. Nos horários conseguidos junto ao ginásio os problemas disciplinares foram a tônica. As crianças relutavam em aceitar as atividades propostas, quase sempre tendo comportamentos agressivos contra o professor.

As improvisações contribuíram neste quadro. Havia dois tipos, uma decorrente da outra: uma institucional, contraditória ao previsto no projeto no que concerne à estrutura; outra, para adaptar-se a esses problemas, com o intuito de proporcionar efetivamente as atividades. A pergunta feita na pesquisa ainda é problema: “será que existe a real intenção de proporcionar-lhes uma vida melhor?”. A resposta encontrada seria a de que as contradições apresentadas no projeto são inerentes ao sistema capitalista. O ser humano é relegado a um segundo plano em relação ao capital. Neste sentido, a preocupação central seria assistir as crianças em função da obrigatoriedade para que se cumprisse o Estatuto da Criança e do Adolescente²⁷.

O local destinado aos projetos de serigrafia e encadernação, bem como à alimentação era chamado de centro ocupacional. Esta parte da descrição da efetivação do projeto é iniciada com uma referência ao estatuto da criança. Bastante elucidativo quanto ao tipo de escolha das atividades.

²⁷ BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estabelece normas dos direitos fundamentais, especificamente do direito à profissionalização e à proteção. COSTA, A. C. G. et al. **Brasil criança urgente**: a lei. São Paulo: Columbus, 1990.

O Estatuto da Criança e do Adolescente prevê, no capítulo V, (Direito à Profissionalização e à Proteção no Trabalho) artigo 69, que "o adolescente tem direito à profissionalização e à proteção no trabalho, observados os seguintes aspectos: I- respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento; II- capacitação profissional adequada ao mercado de trabalho"²⁸. Neste parágrafo notamos de imediato a má escolha das atividades a serem desenvolvidas no COCASPE. Anteriormente referimo-nos à pesquisa junto ao mercado de trabalho. Tal pesquisa não foi realizada e tanto a serigrafia quanto a encadernação não se constituem uma profissão com um mercado amplo, para absorver essas crianças. Existe aí uma contradição com este artigo do Estatuto do Menor²⁹.

Outro aspecto referido seria a “explícita proibição de adolescentes, assistidos por programas governamentais ou não, realizar algum trabalho, mesmo na condição de aprendiz, perigoso, insalubre ou penoso”³⁰. Refere-se ao uso de solventes no processo de serigrafia. Estes meninos saem das ruas onde a cola de sapateiro é um mal utilizado e vão para um projeto que possui uma droga que ocasiona os mesmos efeitos.

O objetivo de comercialização de camisetas não se efetivou em função das:

1º camisetas, que deveriam ser fornecidas pela Prefeitura, não vieram; 2º As camisetas não poderiam ser comercializadas. Apesar de constar no estatuto do menor que "a remuneração que o adolescente recebe pelo trabalho efetuado ou a participação na venda dos produtos do seu trabalho não desfigura o caráter educativo"; a Prefeitura, através do Departamento Jurídico não permitiu as vendas. Sua justificativa era a de que a instituição não poderia ter renda proveniente de vendas de produtos do COCASPE. A promessa inicial, de ser um projeto onde poderiam até ajudar suas famílias, não foi cumprida. Assim existiam algumas crianças, que eram pressionadas pela própria família para voltarem às ruas.³¹

Os cursos não tiveram êxito. As crianças não participavam das atividades. Um dos motivos foi o fato da não efetivação de encaminhamento das crianças para o mercado de trabalho ou para outros projetos após o segundo mês; havia a previsão de levá-los para a Casa do Menor. Quase sempre não havia disponibilidade. Alguns meninos participavam de cursos com outro intuito. O de ludibriar funcionários pegando estopa embebida em solvente para irem à praça.

²⁸ BRASIL, loc. cit., p. 14

²⁹ OLIVEIRA JR., op. cit., p. 48.

³⁰ Id.

³¹ Ibid., p. 49.

O trabalho com a encadernação teve seus problemas já no número de participantes. Apenas 5% das vagas ofertadas foram preenchidas. Esta ocupação, além de ser perigosa, por mexer com materiais cortantes, é uma atividade que requer muita paciência e tempo. As crianças envolvidas neste projeto não se adaptaram a isso. Os serviços prestados nesta unidade eram muito restritos, portanto, inadequados para o projeto.

Outras improvisações: a previsão da parte teórica dos cursos nunca se efetivou; o treinamento dos funcionários não ocorreu; os encaminhamentos não aconteceram; houve uma divulgação do projeto junto à imprensa, porém não houve em associações de moradores e centros assistenciais.

A oportunidade de um futuro mais justo, com maiores chances de obter um trabalho saindo da situação de risco da marginalidade, mostrou-se algo inviável. Mas alguma coisa era feita. Sair naquele momento da situação de risco era um ponto a se questionar, ou um ponto muito distante de se atingir. Muitos meninos, com o passar do tempo, apareciam somente nos horários das refeições. Por várias vezes houve esforços dos funcionários em reverter este quadro, mas em linhas gerais inutilmente. O fato de comparecerem no local do COCASPE nos horários de alimentação reforçava a noção de que eles próprios não se interessavam pelas atividades semi-profissionais. Tinham mais disponibilidade para ficar nas ruas. Sem fome, mas ainda em situação de risco.

De alguma forma os funcionários tentaram criar situações para que essas crianças permanecessem no COCASPE. Houve alguns momentos em que isto ocorria e parecia ser a atividade predileta dos meninos. Havia uma locadora no município que liberava filmes para esses meninos assistirem. Assim, quando havia a apresentação destes filmes, ou uma programação infantil em algum canal da televisão de que eles gostavam, havia paz no centro. Eles permaneciam lá, não brigavam e ficavam exatamente como, acredita-se, a sociedade os quer: quietinhos.

Com relação ao reforço escolar não ocorreu da mesma forma. Existia a necessidade de contratação de pessoal, no caso, uma professora. No projeto inicial não havia sequer a previsão de contratação de pessoal para essa função; por isso não houve reforço escolar.

Algumas crianças sequer eram alfabetizadas. Mesmo assim houve a tentativa por parte de algumas estagiárias de serviço social, no que tange ao auxílio a algumas crianças que freqüentavam a escola e a alguns meninos, no sentido de iniciar a alfabetização. Foram poucas vezes.

Para resolver, ou amenizar esse problema, alguns meninos foram encaminhados para o Centro de Ensino Supletivo (CES)³². Lá esses meninos poderiam escolarizar-se. Havia um problema: para entrar, necessitavam de documentação e fotografias³³. A PMPG ficou de providenciar, e realmente o fez, só que vários meses depois de solicitado. Este problema não foi central. O CES não se mostrou o local ideal para estes meninos. A escolarização no CES depende muito mais do interesse do aluno, pois ele deverá realizar a leitura de módulos e as dúvidas são esclarecidas pelo professor a qualquer horário. A não obrigatoriedade de freqüência assídua pode ter sido um dos aspectos da escolarização também não ter ocorrido aí. Constatou-se que a preferência pela rua era maior.

Na horticultura também não foi realizado o previsto. Mas, qual seria a “eficácia da escolha desta alternativa como projeto educacional para esses meninos?”. A preocupação era dar conhecimentos básicos a respeito da horticultura como forma das famílias construírem suas hortas. Bem como distribuir o que era produzido ou a renda da venda das hortaliças para os familiares dos meninos que participavam do projeto. Dois problemas foram diagnosticados: a falta de espaço físico nos locais de moradia das crianças que viviam perto do COCASPE e a não participação destas crianças nas atividades de horticultura. Os participantes deste sub-projeto do COCASPE viviam num bairro próximo ao local de execução. Estes conseguiam hortaliças para os familiares. O ponto positivo era a entrega da parte do que era produzido para a alimentação fornecida para as crianças do COCASPE. O fato é que houve essa tentativa com meninos da proximidade. O longo período para colher os frutos, as verduras, foi um dos motivos para

³² Atualmente o nome é Centro de Educação Básica para Jovens e Adultos Paschoal Salles Rosa – Ensino Fundamental e Médio (CEEBJA).

³³ Alguns tiveram dificuldades para conseguir a documentação, no caso, só a certidão de nascimento. Alguns extraviaram e precisavam da segunda via. Para retirar essa segunda via e as fotografias havia a necessidade de dinheiro. Eles não possuíam, a não ser que roubassem.

o fracasso do projeto. É verdade que esta horta proporcionava verduras para algumas famílias, mas em número bastante restrito.

Com o primeiro capítulo conseguiu-se mostrar os principais pontos em que o discurso não contemplou a prática. Com o intuito de aprofundar a discussão estruturou-se os dois capítulos seguintes.

Como ponto de partida do segundo capítulo, MARX³⁴ foi a referência para compreender o processo de acumulação primitiva do capital. Neste processo a passagem do sistema feudal para o capitalismo foi privilegiada. A ênfase foi mostrar que um dos pontos da criação da pobreza foi o processo do êxodo rural ocorrido na sociedade ocidental.

Constatou-se uma forma de pensamento pelo qual a pobreza seria determinada pela forma de organização social. Um sistema representado por estruturas que se interagem (bases e superestrutura). Na interação destas estruturas as bases materiais, econômicas e sociais determinariam as formas de pensamento, leis, moral, etc.

A forma piramidal de MARX para o entendimento da sociedade permitiu a visualização de uma organização na qual a luta pela posse dos meios de produção seria um dos pontos para determinar o lugar de ocupação na estratificação social.

Tendo o trabalho como central na produção do conhecimento humano, surge uma forma de organização social em que o homem torna-se assalariado vendendo sua mão de obra. Em função deste processo, sugere o referencial marxista, surge a alienação do homem em relação a si e ao seu trabalho.

Com a apresentação dos pensamentos de MARX vinculou-se a situação de pobreza a um processo conhecido como pauperização. A pauperização seria fruto da criação do proletariado, portanto inerente ao capitalismo. E a pauperização estaria diretamente ligada à criação do exército industrial de reserva, necessário ao controle de salário de operários.

³⁴ MARX, K. A Chamada Acumulação Primitiva. In: _____ **O Capital:** crítica da economia política. Livro Primeiro, Vol. II. O processo de Produção do Capital. São Paulo: DIFEL- Difusão Editorial, 1982.

Portanto, vinculou-se os problemas de superpopulação, miséria, pobreza ao processo ocorrido na transição do regime feudal para o capitalismo.

Neste mesmo capítulo novas formas de configuração do capitalismo foram apresentadas. Sobretudo com a utilização de HOBBSAWM³⁵ e HARVEY³⁶. Em HOBBSAWM apresentou-se uma noção de que o século XX foi o século de transformações. Transformações que foram marcadas por rupturas dos padrões de vida da sociedade antiga. Ruptura feita num período de catástrofes entre as guerras mundiais.

Novos meios de divisão do trabalho são apresentados. Principalmente pelas novas formas de acúmulo de capital. Estas novas formas de acúmulo de capital são apresentadas com base no pensamento de HARVEY. Para ele as mudanças sociais ocorridas no século XX seriam fruto tanto do processo de acúmulo de capital como de um novo modo de regulamentação social e político. Para este novo modelo é essencial a mudança de normas e hábitos. O pensamento seria o seguinte: para assumir um novo regime de acumulação é necessário um novo estilo de vida, no entanto este estilo depende de uma nova educação.

No período entre as guerras surge o modelo “fordista-keynesiano”. Somente se consolidará no pós-guerra. Um modelo de produção e consumo em massa que tem os Estados Unidos como modelo central. Surge o modelo Taylorista de gerência do trabalho com o intuito de criar um novo homem, um novo trabalhador. Este modelo descartava as habilidades manuais tradicionais. No entanto, para a consolidação do novo modelo houve trocas. Foram feitas concessões a sindicatos no sentido de ganhos sociais. São implantadas novas normas de produção. Este modelo de produção, que possuía uma relação direta de bem-estar social, começa a ruir na medida em que sindicatos e o Estado começam a receber pressões sistemáticas da população desempregada, dita excluída.

³⁵ HOBBSAWM, E. J. **A Era das Revoluções:** Europa 1789-1848. Trad. Maria T. L. Teixeira e Marcos Penchel. Também *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

³⁶ HARVEY, David. **A condição pós-moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Trad. Adail Sobral, Maria Stela Gonçalves. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

Outro modelo aparece no cenário. A pobreza serviu como fio condutor no entendimento do processo de transição do capital. A manutenção desta pobreza foi creditada à organização político-econômica do regime de acumulação do capital. A nova crise foi apontada por HOBBSBAWM em função de três situações: processo de globalização, descentralização da Europa e a mudança no padrão de comportamento.

HARVEY faz um histórico da mudança dos rumos econômicos globais e mostra que a queda dos Estados Unidos como regulador do sistema financeiro mundial, nas décadas de 60 e 70, foi um dos motivos da mudança no regime de acumulação. Para isso foi eleito um culpado. A rigidez. Rigidez em investimento, em produção. O capital fixo impedia o crescimento e o acúmulo de capital. Solução? Entrar num processo de flexibilização, acumulação flexível. No entanto, a tentativa de flexibilização de mão de obra, de investimentos, bate num obstáculo: os sindicatos. As duas últimas décadas do século XX foi caracterizada por um período de lutas contra os sindicatos para uma nova forma de racionalizar, reestruturar e intensificar o controle do trabalho em busca deste novo modelo e uma nova regulamentação social e política.

O setor de prestação de serviços surge com maior ênfase do que trabalho dentro da indústria. A rotinização de empregados tornou-se uma necessidade. Conseqüência? Enfraquecimento de sindicatos, ganhos modestos de salários e maior utilização de grande excedente de trabalhadores. Surge aí o trabalho em tempo parcial, temporário e a subcontratação. Este processo vai ampliar a massa de trabalhadores desempregados. Aumentam os pequenos negócios e surge com maior intensidade o mercado informal.

O “Fordismo periférico” foi um dos desdobramentos deste quadro. Através deste modelo, os países desenvolvidos buscaram mão de obra barata no terceiro mundo. A terceirização de serviços surge como outra característica. Enfim, há uma transição da produção de bens para a produção de eventos; um novo nicho a ser explorado.

A mudança de ênfase de investimentos no setor produtivo para o setor financeiro ocasionou o que se chama de austeridade. O aumento de capital volátil exigiu dos Estados-nações uma forte mudança no controle de suas finanças para que pudessem

receber investimentos de curto prazo. Conseqüência notada com o referencial teórico: um individualismo exacerbado com o aumento da competitividade e a perda de valor do ser humano frente ao capital.

Para efetuar uma transição para a discussão sobre o darwinismo social, ficou a intenção de mostrar que determinados valores vigentes na sociedade contemporânea são frutos de um processo de individualização na qual os indivíduos buscam sempre a própria satisfação em detrimento do semelhante. E esta individualização é fruto de um processo de formação de comportamentos creditado de forma implícita na teoria capitalista.

Para aprofundar esta discussão foi utilizado BERGO³⁷. A idéia apresentada foi a de que a teoria da evolução das espécies de Charles DARWIN foi utilizada e adaptada para ser transformada em ideologia. A utilização da idéia da seleção natural, proveniente da concorrência e seleção deu subsídios para justificar as desigualdades sociais. Os mais fortes sobrevivem e os mais fracos são eliminados. A superação dos problemas sociais depende das aptidões de cada um. E isto se deve a uma seleção natural. Caso o indivíduo possua qualidades e se esforce ele poderá conseguir seu espaço de riquezas na sociedade.

Esta ideologia é questionada na medida em que se apontam dois caminhos: a) credita-se mais a idéia de seleção proveniente do sistema capitalista burguês do que da biologia. Isto em relação à idéia de que DARWIN possuía um pré-conceito em função do meio em que foi educado; b) A evolução das espécies continha uma idéia de adaptação e não de eliminação como alguns autores defensores do darwinismo social apregoavam.

Passa-se ao terceiro capítulo. Algumas medidas políticas adotadas hoje encontram, guardadas as proporções, eco no processo histórico da revolução francesa. A idéia foi mostrar que a humanidade é subjugada pelo seu semelhante há muito tempo. A partir da revolução francesa surge um modelo político que coloca o povo identificado com a nação. O ponto de eclosão desta revolução foi alto custo para a manutenção do status de nobre em detrimento do povo.

³⁷ BERGO, op. cit., passim.

A trajetória desprendida tentou relacionar o surgimento de uma sociedade pautada sobre valores burgueses que irão determinar novas políticas para a manutenção de uma nova ordem de tal forma que os interesses burgueses não sejam ameaçados.

Ainda neste capítulo fez-se um apanhado dos fundamentos filosóficos das doutrinas liberais. O objetivo foi compreender os fundamentos para entender políticas ditas Neo-Liberais em curso no final do século XX. Entender o funcionamento do Estado em relação às suas funções.

A trajetória apresentada contemplou algumas correntes liberais. Entre elas o liberalismo clássico nas suas duas vertentes (utilitarista e a do direito natural), o ultraliberalismo e o liberalismo no Brasil.

Nesta trajetória o fio condutor foi a função do Estado e as implicações de sua atuação no campo econômico e social. Os autores principais para a realização deste capítulo foram VERGARA³⁸ e MACEDO³⁹. O modelo ultraliberal foi o mais próximo às posições políticas adotadas no final do século XX. Os pontos priorizados foram: a) a caracterização da força no mercado. De tal forma que o capital volátil circule ao menor sinal de políticas intervencionistas; b) as características deste modelo tendem a enaltecer o mercado em detrimento do Estado. c) exaltação da empresa privada com o enaltecimento do darwinismo social como algo eficiente e desejável do ponto de vista econômico. No Brasil este modelo aparece com determinada influência a partir de 1989 com o presidente Fernando Collor de Melo.

A última parte deste capítulo levanta a questão do que é ser cidadão. Utilizando a apresentação de CANIVEZ⁴⁰ visualizou-se que depende do tipo de sociedade em que o indivíduo está vivendo. Depende da concepção de Estado. Se for um Estado que mostra um antagonismo com a sociedade, que se coloca acima da sociedade como controlador das relações sociais ele se apresenta como regulador. Neste sentido estaria a serviço de classes dominantes. O indivíduo adquire o título de trabalhador ou produtor. Uma

³⁸ VERGARA, op.cit., passim.

³⁹ MACEDO, op.cit., passim.

⁴⁰ CANIVEZ, op, cit., passim.

segunda forma de Estado seria aquela que se apresenta como instrumento de regulação social. Seria regulador do mercado. Neste tipo de relação, ser cidadão é ter direito a voto e o dever de defesa nacional. O indivíduo herda uma nacionalidade quando nasce.

Dependendo de um estilo de vida, uma forma de viver, pensar e crer, o indivíduo adere a uma determinada cultura. Neste contexto surge uma adesão a uma cultura que gera um entendimento de cidadania em relação a uma identidade coletiva. Respeitam-se regras controladas pelo Estado para garantir a liberdade. Corresponde a uma convivência de um pluralismo.

A conclusão a que se chegou é que na sociedade atual o “status” de cidadão perpassa pelo processo de inserção na comunidade pelo trabalho. Não se trabalhou a conscientização de participação em processos políticos como meio de se alcançar o “status” de cidadão para os meninos de rua.

A análise do trabalho foi direcionada para uma perspectiva de que os projetos sociais não efetivam seu discurso. Diversos pontos são apresentados.

As contradições apresentadas no COCASPE seriam frutos do sistema capitalista pelo fato de vivermos numa sociedade contraditória e da vida humana ser relegada a um segundo plano frente ao capital. Argumenta-se no sentido de resgatar os valores humanos como prioritários, através da solidariedade.

Aponta-se para transições do regime de acúmulo de capital de tal forma que o trabalhador atual precisa ser versátil. O que o programa não proporcionou. Portanto, aponta-se no sentido de que o projeto não deu condições reais de inserção social destes meninos.

Pela forma de organização do COCASPE chega-se a conclusão que o menino de rua é considerado o menos apto na sociedade em que vive. Aponta-se para a possibilidade do menino de rua não precisar do altruísmo para sobreviver. A possibilidade de servir ao tráfico é uma realidade vivenciada por estes meninos. E neste sentido, invertendo a forma de visualizar a sociedade, aponta-se para uma sociedade na qual os meninos de rua seriam os mais aptos para vivenciarem as relações de rua. Justamente por constituírem uma

forma de resistência à sociedade. Uma organização social paralela na qual grupos ditos estabelecidos, como nossos filhos, estariam em desvantagem.

Chega-se ao entendimento de que o tipo de educação proporcionada pelo COCASPE insere os meninos de rua numa situação polar. Ficam entre a sociedade organizada e a organização criminal. São discriminados na sociedade no momento em que buscam emprego; normalmente não conseguem e se conseguem são discriminados por baixos salários. De outro lado são vistos com desconfiança caso não participem do crime organizado, enraizado nas favelas onde vivem.

A lógica da força é a que fornece o respeito no mundo destas crianças e é pela força que a sociedade retribui no sentido de “auxiliá-los”; utilizando falsos objetivos hoje para prendê-los amanhã.

Um dos problemas em relação à política voltada ao menino de rua é o processo de municipalização. O município torna-se um filtro de macro políticas sem o determinado controle para observar se os objetivos iniciais são alcançados. O município tenta amenizar o problema temporariamente. Tirar os meninos de circulação. No caso do COCASPE não se conseguiu nem educá-los e inseri-los socialmente, nem tirá-los de circulação.

Notadamente o trabalho apresentado faz um enquadramento dos meninos de rua enquanto vítimas do capital.

Este estudo teve virtudes e limitações. Como todo recorte que se faz da realidade. Acredita-se que este momento seja propício para apontar alguns aspectos que permitirão um novo olhar, um novo enfoque sobre o objeto deste estudo. Novo olhar que permitirá ampliar as possibilidades de enfrentamento da realidade social na qual o menino de rua interage com indivíduos de grupos diversos.

1.2 AS LIMITAÇÕES ENCONTRADAS.

Pretende-se apontar alguns limites deste trabalho no sentido de assumi-los enquanto ponto de partida para a construção da problemática a ser enfrentada. Neste

sentido, um dos primeiros problemas encontrados diz respeito ao envolvimento. Pela participação efetiva no processo de desenvolvimento do COCASPE este fato fica evidente. O ingresso ocorreu no momento posterior a abordagem feita aos meninos de rua. Fica claro que a articulação da dissertação está permeada por uma visão envolvida. Em várias passagens pode-se verificar o tom pessoal aplicado ao trabalho. O uso da linguagem seria um exemplo. O trabalho é construído numa visão em que o autor participa efetivamente dos acontecimentos. E, de certa forma, o trabalho é direcionado para os caminhos que “deveriam” tomar, e não um diagnóstico isento.

Tem-se claro que a participação frente ao desenvolvimento do COCASPE não possibilitou um certo nível de isenção frente ao objeto. Uma isenção que é necessária num processo de diagnóstico de um problema, mesmo esta isenção deve ser relativa. Neste caso específico, do ponto de vista metodológico o trabalho conteve limitações. No momento atual, ficam claras algumas limitações frente à releitura numa visão distanciada.

A idéia de envolvimento e distanciamento⁴¹ segue a lógica de que no envolvimento os “reais” problemas não são visualizados, não são percebidos. Neste sentido busca-se uma visão distanciada. Porém alguns aspectos remetem esta noção de distanciamento e envolvimento para um problema. O envolvimento possui uma característica de curto prazo, o que caracteriza bem o trabalho “Meninos de rua ou de um Beco sem Saída?”. O distanciamento, ou uma visão distanciada, tem como característica a longa duração. Como obter uma nova visão passados dez anos do COCASPE? Este problema pode ser contornado partindo do pressuposto de que no balanço da polarização entre envolvimento e distanciamento existe um maior nível de alienação frente ao objeto. Porém, uma visão ainda envolvida. Neste trabalho o fato de existir um afastamento do COCASPE desde o momento da confecção da dissertação permite um certo nível de alienação frente ao objeto, fato este que permite apontar as limitações do trabalho realizado.

⁴¹ ELIAS, N. **Envolvimento e Alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

A linguagem utilizada seria um dos indícios deste envolvimento. A forma de descrição fragiliza o desenvolvimento do trabalho. Existe uma mistura entre problemas enfrentados pelo autor em relação a possíveis problemas do projeto. Um exemplo:

A agressividade foi outro problema. A ocupação do campo não foi permitida por estes adolescentes. Tivemos que nos impor. A forma foi realizar um jogo, do qual fizemos parte. Neste jogo tivemos disputas mais ríspidas. E o desfecho foi positivo. No entanto, soubemos que havia uma combinação destes adolescentes para expulsar-nos de lá. A tática era agredir fisicamente o professor. Felizmente quando se aproximaram, convidei-os a participarem do jogo. Por um lado resolvi o problema da agressão, por outro compliquei o desenvolvimento do projeto, pois as agressões passaram a ser contra os meninos do COCASPE, encobertas pelas regras do jogo. Assim alguns meninos desistiram de participar naquele local.⁴²

Este envolvimento leva a um problema maior. Um que oculta a possibilidade de visualizá-lo de forma ampla, em seus aspectos múltiplos. Nas leituras de OFFE e ELIAS surgiram pontos de inspiração que ajudaram a apontar outras questões. Antes mesmo de apontar alguns posicionamentos destes autores, vamos pontuar algumas limitações.

Durante a realização da dissertação fica explícita uma visão centrada numa perspectiva cristã. Nesta perspectiva fica patente a lógica etnocêntrica em relação ao diagnóstico e às conclusões apresentadas.

Um dos primeiros indícios surge com a descrição do “palco”. A ênfase dada à igreja jesuíta e o término da descrição apontando, e de certa forma dando credibilidade, a “qualidade” de sua população no sentido de auxiliar aos menos favorecidos e esta qualidade sendo incorporada em políticas assistenciais demonstra bem esta visão. Esta passagem não é a única.

(...) a oportunidade de um futuro mais justo, com maiores chances de obter um trabalho, saindo da situação de risco da marginalidade, era desejar muito. Mas alguma coisa era feita. Sair naquele momento da situação de risco era um ponto a se questionar. Muitos meninos, com o passar do tempo, apareciam somente nos horários das refeições. Por várias vezes presenciei o esforço dos funcionários em reverter este quadro, mas em linhas gerais inutilmente. Então pergunto: só o fato de estar com a barriga cheia tira-os da situação de risco? Pouco provável.⁴³

⁴² OLIVEIRA JR., op. cit., p. 43.

⁴³ Ibid., p. 50.

O enfoque dado remete todos os problemas apresentados a uma estrutura social, representada pelo capitalismo, na qual o menino de rua seria uma vítima do sistema. Como vítima seria um “coitado” que depende do altruísmo da população, depende da indicação de caminhos corretos para que possam ser inseridos num contexto social.

Não que, efetivamente, esta abordagem não contenha alguns pontos de coerência, mas falta enxergar o indivíduo dentro de um contexto diferente, num contexto de interação no qual a determinação de um meio frente ao indivíduo é relativizada.

Na perspectiva apresentada a situação de fracasso ou êxito do projeto COCASPE passa por juízos de valor. Sempre apontando o que seria correto e o que está errado. Inclusive quando é abordado o darwinismo social. Aponta-se para uma possibilidade de visualizar o menino de rua enquanto um ator que contrapõe esses valores sociais estabelecidos. Mas a ênfase é dada na estrutura do projeto enquanto responsável pela resistência que este menino representa para a sociedade. A macro estrutura o produz, reproduz e o mantém nesta situação. Isenta-o de qualquer responsabilidade no processo.

O trabalho apresentado tende a privilegiar apenas uma forma de visualizar o objeto. E esta forma visualiza-o através de uma categoria central. Na dissertação privilegiou-se um referencial marxista, o qual centra o entendimento da sociedade pela oposição ao trabalho, tem-se uma abordagem essencialmente focada no econômico. Fato que restringe as possibilidades de compreensão do que teria ocorrido para contribuir para o sucesso ou fracasso do COCASPE.

Um exemplo disto estaria na noção de exclusão e inclusão. A literatura a respeito destas duas categorias é bem vasta. No entanto, para a compreensão do que teria acontecido no COCASPE a partir da premissa de que os meninos de rua estão excluídos por estarem numa situação de pobreza, parece limitar as possibilidades de interpretações, parece iniciar um jogo com ele definido.

Credita-se novamente este fato a uma visão moralista adotada naquele momento. Do ponto de vista das relações sociais todos estariam incluídos. É fato que os meninos de rua foram tirados de seu ambiente (a rua) e foram expostos num novo ambiente.

Ambiente que proporcionou novas formas de interação com novas regras, com um novo grupo. Isto não teria influenciado nos destinos do projeto? Aparentemente, sim.

COURY⁴⁴ mostra que a construção de grupos, através de indivíduos, está estreitamente ligada a “categorias e atividades mentais instituídas para perceber e estabelecer sua diferença”. Este autor parte da hipótese de ELIAS. Hipótese que coloca o indivíduo como fruto de representações que ele mesmo faz de si e de representações impostas por outros que estão em contato, ou relações diretas ou indiretas com ele. Com base neste autor fica explícita a limitação em relação à polarização da abordagem.

Antes de trabalhar estes meninos, bem como suas famílias, necessitam sobreviver. Na dissertação este ponto é tratado enquanto o direito à vida. E caberia ao Estado garantir este direito. Até aí nenhuma novidade. Mas a possível virada seria a de que no cotidiano destas pessoas a sua defesa é essencial. Sendo essencial, sua atuação nas relações sociais teria influência direta no êxito ou fracasso desta relação. Portanto, tentar um diagnóstico que aborda de forma unilateral as possibilidades de compreensão de um fenômeno, como foi o diagnóstico do COCASPE, tende a se mostrar fragilizado.

Ainda sobre a inclusão e exclusão. A questão do poder seria central para o entendimento de nossa crítica. Como contraponto, neste momento, poder-se-ia utilizar o posicionamento de ELIAS. Para ele o poder está presente nas relações de interdependência entre os indivíduos e em constante mudança; relações que seriam cegas em configurações existentes no cotidiano. Dito de outra forma, sociedade e indivíduo estão interligados através de cadeias interdependentes nas quais se rearticulam relações de poder entre ambos. Em ELIAS e SCOTSON⁴⁵ pode-se visualizar que o poder é distribuído e que alguns se aproximam mais dele do que outros. Neste sentido todos os indivíduos estariam incluídos num processo figuracional.

⁴⁴ COURY, G. Norbert Elias e a construção dos grupos sociais: da economia psíquica à arte de reagrupar-se. In: GARRIGOU, A.; LACROIX, B. . **Nobert Elias: a política e a história**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001. p. 123-144.

⁴⁵ ELIAS, N. SCOTSON, J. L. **Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

Tratar o menino de rua num contexto à parte, como se apenas fizesse parte de uma sociedade como um ser inanimado, sem autonomia, dependente de ações de pessoas ou instituições que detêm poder, restringe novamente a visão sobre o fenômeno. E, de certa forma, isto foi feito.

O trabalho é permeado por pistas que levam ao entendimento de que o projeto COCASPE estaria com um discurso de inserção para o trabalho sem prepará-los para tal. Existem apenas pistas. O referencial que poderia ser aproveitado para demonstrar este ponto teve como fio condutor a produção da pobreza mundial. Mesmo a apresentação do acúmulo flexível do capital teve este fio condutor. Reafirma-se a necessidade da preparação para o trabalho como única forma de “inserção social”, deixando de lado outras exigências existentes hoje para uma participação mais ativa em determinados níveis de posicionamento social, como é o caso da posse de informações, Ou, pelo menos, mais próximo de níveis maiores de poder.

Na análise transmite-se a idéia de que na sociedade o status de cidadão perpassa pelo processo de inserção na comunidade pelo trabalho. E este entendimento passa pela noção de um Estado a serviço de uma classe dominante. Neste ponto verificou-se novamente o trabalho enquanto central para o entendimento dos fenômenos sociais e históricos. Esta questão percorreu toda a pesquisa, por isso uma possível perspectiva ingênua. Será que os meninos de rua não possuem certa autonomia nas relações com a sociedade? Em determinadas formas de se apreender o “real” o trabalho seria ainda uma categoria central?

Outra limitação seria a abordagem a respeito do lazer. O trabalho seguiu uma estrutura em que os capítulos foram organizados em função de pistas que surgiram durante a descrição do COCASPE. No entanto, foi desenvolvido um referencial que pudesse visualizar apenas uma estrutura macro. E o lazer não foi contemplado, mesmo nesta perspectiva. Entende-se que as atividades esportivas e recreativas não seriam caracterizadas enquanto lazer. No entanto as relações produzidas apontaram para formas de lazer empregadas no processo de desenvolvimento do COCASPE.

Como descrito, as atividades desenvolvidas no COCASPE tiveram resistências por parte dos meninos em relação à participação. Estas resistências eram maiores na medida em que se impunha certa disciplina e organização do tempo e das atividades. Na medida em que a participação nestas atividades deixou de ser imposta houve a adesão em determinadas práticas. Estas práticas seriam consideradas trabalho ou lazer? Esta questão aponta para a busca do entendimento do lazer frente ao trabalho. Seriam atividades que contrapõem a noção de não trabalho, como opção pessoal, ou seriam atividades voltadas a formas refinadas de controle? Nestas questões pode-se justificar a crítica em não se ter aprofundado a discussão sobre o lazer. Limitação a ser superada.

Passaremos a visualizar algumas janelas que nos permitirão retomar este projeto com um novo olhar numa perspectiva distanciada.

1.3 EXPLICITAÇÃO DO NOVO PROBLEMA A SER ENFRENTADO.

Na seção anterior foi apontada limitações e possibilidades de superação. As possibilidades de superação, de certa forma, já apontam para questões que tendem a problematizar este novo estudo. Problematização que permite ao presente trabalho a possibilidade de avanço. Porém, na realização da dissertação alguns pontos eram apontados para o futuro. Questionamentos que naquele momento não poderiam ser respondidos tendo como objeto aqueles atores e aquela instituição. É o caso deste posicionamento: “Adotam-se medidas assistencialistas provenientes de um modelo obsoleto. E depois que o menino de rua chegar a maioridade, o que ele fará pra sobreviver? A educação que se tenta passar a eles busca uma passividade que mais tarde não lhe adiantará”⁴⁶. Esta citação termina com uma afirmação. E ela necessita verificação. Mas colocada em forma de questionamento permite retomar esta pesquisa como ponto inicial.

⁴⁶ COURY, op. cit., p. 138.

O que eles fizeram passados oito anos de suas participações no COCASPE? Conseguiram estudar e integrar um ambiente de trabalho formal, como proposto no projeto? O que ficou interiorizado nestes meninos? Uma ética voltada para o trabalho ou uma valorização do lúdico frente à necessidade do trabalho? Ou as duas situações?

Ao mesmo tempo em que estas questões são levantadas, surgem outros questionamentos que podem ser relacionados. Na abordagem da dissertação fica claro a abordagem centrada no econômico e os problemas do menino de rua em consequência de uma estrutura “injusta”. No entanto, no processo social contemporâneo as relações entre indivíduos podem, ou não, serem transformadas numa relação duradoura com características próprias. Estas relações produzem o que é entendido por grupos. Estes grupos são reorganizados segundo alguns critérios. No entanto cabe distinguir até que ponto este grupo influencia o indivíduo e até que ponto este indivíduo influencia ou se prevalece frente ao grupo.

Com a finalidade de estruturar a idéia de grupos recorre-se a COURY⁴⁷ para problematizar algumas características do que poderia ser uma tentativa educacional de interiorização de normas e regras sociais na perspectiva de criação de um auto-controle.

Este autor apresenta a preocupação de compreender a influência do indivíduo na construção de grupos por intermédio de categorias e atividades mentais instituídas. Tenta-se perceber e estabelecer a diferença entre indivíduos e grupos. Aplicando estas categorias mentais a um indivíduo situado busca-se, através da sociologia do conhecimento, um novo entendimento sobre essa construção. Dito de outra forma, os indivíduos teriam, através da formação de sua economia psíquica, categorias que os aproximariam ou os afastariam de outros indivíduos.

O ponto inicial seria a hipótese de ELIAS com respeito ao fato dos indivíduos serem condicionados socialmente ao mesmo tempo pelas representações que fazem de si e por aquelas que lhes são impostas pelos outros com quem entram em relação. Esta

⁴⁷ COURY, *passim*.

hipótese aponta para a formação de uma “sociogênese dos grupos sociais”. ELIAS⁴⁸ constrói o entendimento entre indivíduo e sociedade de forma singular. De maneira que para “compreendê-los, é necessário desistir de pensar em termos de substâncias isoladas únicas e começar a pensar em termos de relações e funções”⁴⁹.

A lógica apresentada por COURY seria a de que o indivíduo se percebe enquanto indivíduo na relação com um grupo, e nesta relação estabelece critérios de pertinência ao grupo reconhecido pelos outros. Seria um processo pelo qual o indivíduo desenvolve critérios para a percepção. Percepção de representações que fazem dele e que permitem observar e escolher, ou encontrar, seus semelhantes. Para melhor ilustrar: “o modo como os indivíduos se portam é determinado por suas relações passadas ou presentes com outras pessoas (...) os gestos executados longe dos outros (...) os gestos a eles dirigidos, são gestos relacionados com os outros”⁵⁰.

Nesta relação há uma ampliação de grupos num contexto social. Pela diferenciação, estes grupos aumentariam e modificariam a estrutura social. Quanto mais grupos ter-se-ia uma quantidade maior do que se chama de cadeia de interdependência entre eles. O que levaria a problemas de ação, de tipificação. O que resulta deste processo seria a criação de um autocontrole através do controle das emoções e do afeto. Bem como o que COURY chama de “pacificação de certas zonas de espaço social”. O indivíduo é exposto a certas relações no contato com outros indivíduos. Neste contato, que é estabelecido por determinadas capacidades de observação, no tocante a se aproximar ou não de determinados indivíduos, produzem-se representações externas ao indivíduo. Estas representações influenciarão no processo de autocontrole que é necessário para o convívio social. Seria a interiorização individual das proibições que antes eram impostas a partir do exterior.

Como verificar isto em relação aos participantes do projeto COCASPE? Quais seriam as atividades desenvolvidas no COCASPE que hoje os colocam frente a

⁴⁸ ELIAS, N. **A sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 25.

⁵⁰ *Ibid.*, p 26.

determinados grupos? Foi criado um ambiente propício para o estabelecimento de relações que tenderam a uma aproximação ou diferenciação de um novo grupo no COCASPE?

Na discussão apresentada sobre a interiorização da autoridade, existe uma aproximação entre ELIAS e FREUD. A ênfase é dada na superação da interpretação de ELIAS em relação ao pensamento de FREUD. A condução destas aproximações leva ao entendimento de que esta interiorização ocorre em função da renúncia de pulsões, num processo pelo qual o indivíduo se adapta ao meio. Para ELIAS, no processo de formação psíquica, lembranças do passado são conservadas. Seria o que poderia entender de uma memória coletiva no processo de longo prazo; no processo de formação da civilização.

O que se pretende nesta exposição é caracterizar que o processo de autocontrole está diretamente ligado a uma relação complementar entre indivíduo e grupo. Neste sentido é que se pensa a possibilidade de um novo olhar para o objeto deste trabalho.

Para compreender a economia psíquica⁵¹ se distinguem três qualificativos comuns aplicados ao homem moderno. Os três qualificativos: o homem equilibrado, o homem moderado, o homem evoluído. Para cada um a economia psíquica constitui ao mesmo tempo a síntese sociológica e a explicação histórica. Além disto estas qualificações permitem formular questões sociológicas relativas à formação de grupos sociais.

Para o entendimento da formação psíquica do homem equilibrado é necessário compreender a “lógica e os processos de interiorização” a que o indivíduo é submetido em determinadas sociedades. O equilíbrio referido diz respeito ao que a sociedade, ou organização social exige, e as exigências que fazem separadamente os indivíduos componentes desta sociedade.

As questões sociológicas decorrentes deste homem equilibrado são pertinentes ao tipo de conduta e comportamento que devem ter em relação a lugares e indivíduos diferentes, sem no entanto confundi-los. Estes mesmos indivíduos quando estigmatizados

⁵¹ Outros adjetivos dados a economia psíquica seriam: a interiorização das normas; a renúncia às pulsões; uma nova dimensão da alma humana.

são alvos de questões sociológicas que tendem a verificar a forma pela qual estes indivíduos se deslocam socialmente. Como eles constroem as relações com indivíduos que os consideram e os olham como deslocados.

Questões que balizem a compreensão deste qualificativo possibilitam visualizar até que ponto instituições como o COCASPE permite a estas crianças a formação de uma economia psíquica voltada a formação de um homem equilibrado, permite visualizar se alguns dos objetivos foram atingidos; tais como o aumento da auto-estima destes garotos.

Para a formação psíquica do homem moderado o que vem à luz seria um processo de moderação baseada numa racionalidade individual, “a do homem civilizado”⁵². A preocupação é a de moderação a que o indivíduo deve demonstrar em qualquer lugar perante qualquer pessoa. Sua identidade se dá frente ao que os outros lhe remetem. Interdependência ampliada e observação do semelhante. Cada ato deve ser proporcional a realidade a que se insere. Indivíduo moderado está ligado às conseqüências do processo de diferenciação (emergência do Estado moderno) e à “coabitação social dos homens”. Estabilização das estruturas cognitivas para cada um estabelecer relações sociais, essas repousam no autocontrole e numa “condenação daqueles que se deixam ir”.

A economia psíquica, nesta perspectiva, reside no “fato de que ela permite situar no tempo e no espaço as conjunturas nas quais certas transformações do estado de uma estrutura social se encadearam para resultar numa nova configuração”. Seria a mistura de gêneros num espaço, no qual dois ou mais indivíduos são colocados num instante ou período duradouro sem se conhecer, sem estabelecer relações que os associasse ou dissociasse. Aparentemente um ambiente em que o COCASPE se enquadrava.

O último qualificativo apresentado seria o homem evoluído. Este quadro seria o de processos de evolução, condição da identidade constante da pessoa. Estes processos de evolução “coordenam diferentes estados da trajetória que um indivíduo conhece num eixo cronológico linear”⁵³. Um novo indivíduo capaz de conduzir sua vida. Abarca-se a vida de

⁵² COURY, op. cit., p. 128.

⁵³ Ibid., p. 130.

um homem no seu todo e julga-o de uma vez só. O auto-controle, a economia psíquica, permite um bom trânsito na condução de sua vida, em todas as suas relações. Possibilita encontrar lógicas que condicionam esse ou aquele comportamento, e descobrir categorias de percepção dos comportamentos observados nos outros. O processo de diferenciação participa dos processos de pacificação das relações sociais. Esta harmonia social não é isenta de ajustes de contas na vida do indivíduo. Quem não sabe se manter é considerado deslocado; os que pertencem a tal categoria são considerados por natureza inqualificáveis. Daí surgem problemas referentes à permanência em grupos sociais. Os indivíduos sofrem estes desqualificativos na sua vida toda, mas não rompem com sua identidade. A formação da economia psíquica transcende a “dimensão temporal induzida pelo tempo de vida dos indivíduos”⁵⁴. Em resumo: recorrendo a sociologia do conhecimento a apreensão da economia psíquica pode ir além do que se observa em ato. Tenta-se apreender a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade .

Algumas questões pertinentes aqui seriam aquelas em que a trajetória familiar mostraria se houve ou não um processo de interiorização de condutas sociais que influenciariam num novo ambiente de relacionamento em busca de uma nova identidade.

Questões pertinentes neste universo seguem pistas que levam a processos dispersos e não planejados de construção de grupos sociais. Questões que privilegiam o “como, onde e quando a pessoa nota seus semelhantes e se liga duradouramente a eles? Ligadas ao tempo e à permanência às identidades sociais”, bem como a relação com a família podem apontar para a característica de que alguns aspectos do que norteia sua prática na atualidade corresponde a uma identidade que foi moldada com um habitus anterior a sua experiência: a experiência da família, por exemplo.

A reconstrução da construção social dos traços de um grupo é feita por ELIAS como um processo não planejado. Este processo não planejado leva em conta indivíduos que não estão envolvidos na relação direta. A formação de diferenças entre grupos é

⁵⁴ COURY, loc. cit., p. 130.

proveniente da “busca consciente da semelhança”⁵⁵. Apontou-se esta busca como uma crítica aberta às concepções de mimetismo. Como? A formação e especificidade de grupos foram entendidas por “leis de imitação” ou “contágio” que caracterizavam a homogeneidade de grupos. Ou seja, pela imitação de membros de um mesmo grupo. Porém a difusão dos bens é feita na concorrência e adaptação, por certos grupos, na maneira de agir utilizados por outros. Isto quer dizer que há uma apropriação nas maneiras de agir de outros grupos e adaptadas para uma nova realidade. Esta nova maneira de agir vai determinar “a fabricação da diferença” ou da semelhança.

A questão da diferença ou semelhança é curiosa na medida em que são apresentadas como pólos opostos e próximos, ao mesmo tempo num contexto em que a concorrência entre atores na utilização de bens está centrada na origem, de um reforço dessa diferença.

Neste mesmo texto busca-se o entendimento do que ocorre com grupos estigmatizados. Fato que se aproxima com a preocupação do presente estudo. Para ser mais preciso: entender a arte de reagrupar-se nas relações de quem está ligado a um agrupamento, bem como aqueles que se recusam a pertencer a um agrupamento. Como ocorre o processo de autocensura de uma economia psíquica? Entender o processo de internalização de não ser digno de utilizar algo, ou de não pertencer a um determinado ambiente.

Junto a noção de estigmatização pode-se ponderar as determinações de economia psíquica. COURY apresenta a noção de que a estigmatização se torna relevante no processo de relações formadas entre indivíduos estigmatizados e indivíduos que tentam trazer-lhes soluções. Dito de outra forma, a percepção de serem estigmatizados produz uma noção de recusa a soluções impostas e ao pertencimento a determinados grupos. Existe a lógica de que a percepção de serem estigmatizados se dá pelo olhar do outro, e vem daí a recusa de utilizar determinadas práticas ou atividades.

⁵⁵ COURY, loc. cit., p. 132.

No entendimento de ELIAS⁵⁶ na relação entre dois grupos, um estabelecido outro recém chegado, pode-se identificar inúmeras formas, meios e procedimentos nestas relações e em inúmeras relações. Na relação entre grupos como estes existem determinadas constantes nas quais podem ser identificadas na relação entre todos os outros grupos na sociedade. ELIAS diz na introdução desta obra que trabalhará uma constante, e solicita ao leitor encontrar outras. A constante encontrada seria a de que os grupos que estão mais estabelecidos se identificam a partir dos elementos mais proeminentes do seu grupo. Por outro lado, o grupo estigmatizado se identifica pelo estrato mais anômalo do seu grupo. Ou seja, se identifica pelo que ele tem de pior. Com quem estes meninos se identificam hoje?

Na dissertação apontou-se como um dos objetivos a melhoria da auto-estima através das atividades propostas. Quais as atividades em que estes meninos teriam melhorado sua auto-estima? Teriam melhorado? Ou tiveram diversas formas de estigmatização como as citadas? Ainda sobre a estigmatização, ELIAS a apresenta como um dos meios encontrados para manter indivíduos que pertencem a outros grupos afastados do círculo de convivência de grupos estabelecidos. Seria uma forma de controle. A experiência no COCASPE serviu para construir uma identidade de grupo? Ou mantiveram a identidade vinculada a grupos externos a que pertenciam?

Considerando estes posicionamentos, levanta-se como hipótese que os objetivos centrados em tirar os meninos de rua do ambiente em que se encontravam, não foram efetivados em função das configurações produzidas no COCASPE não permitirem a criação de uma nova identidade com um novo grupo. O COCASPE, uma instituição governamental, teve papel enquanto fomentador de novas relações sociais a estes meninos. No entanto, as atividades e as relações produzidas no COCASPE não efetivaram uma nova alternativa de construção de uma nova identidade destes meninos. Não se consolidou um novo grupo, mas possibilitou-se momentos em que indivíduos heterogêneos conviveram segundo alguns interesses que poderiam ser as atividades de

⁵⁶ ELIAS, N. **Estabelecidos e Outsiders...**, op. cit., p. 19.

lazer e a alimentação dada. Mas não foram efetivados pelo fato de existir um jogo de poder no qual estes meninos estariam desestabilizando as relações no interior das configurações criadas no COCASPE. Eram tratados como grupos estigmatizados e em decorrência disto houve a percepção dos meninos de não pertencimento àquele espaço e, por conseguinte, a recusa das atividades.

Nesta linha de raciocínio, aponta-se para a possibilidade de superar as limitações da dissertação. Através do processo da formação da economia psíquica destes meninos, por um possível processo de estigmatização, pode-se rediscutir uma variável neste processo. A idéia seria a de que o COCASPE, enquanto uma variável independente, produziu uma variável interveniente. Esta variável teria como molde o trabalho e o não trabalho como formas de constituição de uma nova identidade (a variável dependente). O que se verificou como inviável, no entanto, surge a possibilidade do lazer como uma das formas intervenientes para a possibilidade de produção do auto-controle, mas numa perspectiva diferenciada do não-trabalho. Talvez o investimento dos meninos em participar de atividades relacionadas a lazer tenha sido mais interessante do que outras atividades do projeto.

Em diversas passagens foram feitas referências à identidade. A noção de identidade a que se refere passa pela idéia de que nas sociedades contemporâneas a identidade-eu seria mais forte que a identidade-nós; chamada por ELIAS de identidade comum. O entendimento deste ponto não é simples, pois a polarização para a identidade-eu não é clara⁵⁷.

A identidade faz parte do “habitus social”⁵⁸. Na polarização eu-nós este habitus é central. Daí o fato da individualização ser central na relação indivíduo e sociedade. Exemplo que pode ser associado com o descrito neste capítulo seria o processo de

⁵⁷ ELIAS, N. A sociedade dos Indivíduos... op. cit., p. 130.

⁵⁸ A noção de habitus respeita um espaço ou solo no qual seria fornecida a base para o nascimento de diferenças pessoais e individuais. Seria a constituição de uma identidade a partir de um habitus social no qual precede certas possibilidades de relações com o outro. Exemplos disto seriam a criação de uma identidade nacional ou, o exemplo dado por ELIAS, a dificuldade da união política dos Estados Nacionais europeus em função do habitus nacional. Ibid., pp. 150-151.

individualização passando pelo Estado em sociedades desenvolvidas. Para o reconhecimento do indivíduo enquanto cidadão é necessária uma certidão de nascimento. Este fato dá uma identidade “eu” como indivíduo, mas situa o indivíduo em um grupo: o familiar. Esta ilustração passa a noção de que “a existência da pessoa como ser individual é indissociável de sua existência como ser social”⁵⁹. “Eu” não existiria sem a noção dos pronomes pessoais referentes a outras pessoas.

A relação pretendida com este trabalho seria a de que a visão acadêmica é um tipo de visão centrada em grupos estabelecidos. Com esta visão cria-se uma leitura na qual os meninos que participaram do COCASPE não faziam parte de nenhum grupo. Portanto, excluídos de um “nós”. Fica patente que o “eu” passa pela noção do “nós”. Projetos como o COCASPE são frutos do “nós”, feitos para “eles”. Mudar a situação destes meninos seria passá-los para uma identidade “nós”. Destarte passariam a não ser antagônicos a uma determinada forma de agir e pensar e deixariam de oferecer perigo.

Da forma como foi desenvolvido o COCASPE, segundo a percepção destes meninos, houve a intenção de reorganizar, ou reagrupá-los segundo uma identidade “nós”? Acredita-se que não. As atividades possuíram características estigmatizantes e estes meninos “deveriam” continuar com a identidade assumida na rua com refinamentos de autocontrole. Daí a hipótese destes meninos não terem assumido novas posições na estratificação social.

Considerando a problematização realizada chega-se a seguinte questão: o COCASPE foi eficiente no processo educacional destes meninos?

⁵⁹ ELIAS, N. A sociedade dos Indivíduos... op. cit., pp. 150-151.

CAPÍTULO II

2.1 CONDIÇÃO SOCIAL MENINOS DE RUA: ANTECEDENTES HISTÓRICOS.

Qual seria o entendimento de meninos de rua? Parte-se do entendimento que esta designação não abarca a heterogeneidade de situações que crianças pobres vivenciam na nossa sociedade. Portanto, a busca de uma análise dos termos usados em bibliografias sobre o assunto nos permitirá uma aproximação com a realidade vivenciada pelos meninos que participaram do projeto COCASPE. Mais. Neste tópico será apresentado um resgate da construção destes meninos com o intuito de demonstrar que o problema social de meninos de rua tem sido pontual e com características comuns desde muito. Bem como as respostas dadas, principalmente de forma unilateral, pelo Estado não têm surtido o efeito desejado.

Em FRAGA FILHO¹ tem-se a visualização do processo de construção de antecedentes históricos da situação destes meninos. Eles não são fruto das mudanças sociais ocorridas na contemporaneidade. De certa maneira, o raciocínio corrente parece ter alcançado o consenso de que estes são frutos de um processo de “exclusão social”. Processo este que foi apontado como um dos pontos a serem superados. No entanto, cabe o relato deste autor no sentido de buscar subsídios para a conceitualização do que vem a ser o menino de/na rua.

O objetivo de FRAGA FILHO é relatar as formas de repressão que a sociedade baiana do século XIX impunha a camadas populacionais pobres, sobretudo camadas livres e libertas. Referindo-se a uma sociedade que conviveu com um período que se aproximava ao final da escravidão, o autor preocupou-se em desvelar os “fundamentos ideológicos e ‘mentais’ que justificaram e produziram a repressão sobre esses setores

¹ FRAGA FILHO, W. **Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX**. Salvador: HUCITE/EDUFBA, 1996.

da população, a pretexto de serem vadios, vagabundos e ociosos”². A tese apresentada neste estudo foi que a sociedade em questão impôs um raciocínio de que a imposição do trabalho e a estruturação de uma forma mais rígida de controle sobre os pobres seriam fundamentais. Quando se referem a trabalho, consideram o trabalho formal, fixo. O quinto capítulo desta obra é destinado ao trato das crianças abandonadas e órfãs que viviam nas ruas de Salvador; chamadas de “peraltas” e “moleques”.

A realidade vivenciada por meninos no século XIX no Brasil era a de que se encontravam na rua sob uma noção de vadiagem infanto-juvenil. Esta vadiagem era entendida enquanto uma relação entre “a existência de centenas de meninos e meninas que, mesmo ligados a famílias, mestres de ofício ou senhores (no caso dos escravos), faziam das ruas o espaço de trabalho, de divertimento, de peraltices, de jogos e brincadeiras”³. Havia uma certa distinção no trato. Moleques era a designação de meninos (as) negros (as), considerados (as) a maioria encontrada em praças com atitudes de algazarra. O desprezo e a hostilidade existente por parte dos “bem-nascidos” em relação aos moleques era nítido. Mesmo desprezo que havia em relação a prostitutas e a pessoas sem ofício.

A caracterização do espaço da rua enquanto um ambiente de protesto ao estilo de vida adulto e a ordem estabelecida é a tônica. Um dos problemas da época era a não existência de meios eficazes, nem predisposição, para a ascensão social. Normalmente, meninos negros libertos, moleques, tinham como ocupação papéis de subserviência, como serviçais. Não eram raros os casos de maus tratos. Alternativa? Rua. A caracterização dos moleques que se encontravam e formavam grupos na rua seria a de que até teriam um ofício. No entanto, empregando um ritmo próprio de trabalho, conseguiam incursões à rua.

Estes moleques que possuíam ofício ocupavam atividades consideradas de pouca dignidade. Entre elas a venda de loterias e o auxílio na condução de cegos. Atividades que, aproximando à contemporaneidade, podem ser equiparadas ao trabalho informal existente em diversos espaços urbanos.

² FRAGA FILHO, loc. cit., p. 17.

³ Ibid., p. 111.

A rebeldia relatada era expressa na preferência pela rua em detrimento ao trabalho, desprezado, e à casa. A rua, ou melhor, a experiência de rua possibilitava uma aproximação entre livres e escravos. A luta, o embate existente neste espaço, ocorreu em função de uma rebeldia contra os costumes tradicionais e morais do mundo adulto. Viveu-se um estilo de vida que transitava entre diversão de rua, expressa em diversos jogos e brincadeiras, e o vandalismo entendido como ofensas verbais e agressões físicas contra membros da sociedade. Na narrativa, tanto apedrejamentos quanto ofensas eram formas de expressões que pareciam divertimento para estes grupos. No entanto, fato curioso foi a descrição de lutas corporais contra a polícia no sentido de assegurar o controle sobre os espaços de rua utilizados para encontros. Na grande maioria das vezes à noite e em festas populares.

A descrição contida até o momento revela algumas particularidades. Quais seriam? A rua enquanto uma opção e não necessidade. A formação de grupos com intuito de rebeldia contra a ordem estabelecida. Um dos objetivos que se apontou como claro na rua: incomodar a sociedade. A constatação da utilização de símbolos de afirmação social: coragem e violência.

Nesta linha de raciocínio, encontramos um movimento contrário à experiência de rua. Movimento que constrói uma visão da rua associada à vadiagem. Movimento de instituições que ostentavam a ordem pública e a moralização dos costumes. Através deste movimento, naquele cenário⁴, surgiram medidas repressivas com o claro intuito de retirar menores do espaço público. Sobretudo, os objetivos foram de acabar com os ajuntamentos noturnos, com festas e diversões de rua. Para efetivação destas medidas, alguns pontos se destacam. A fixação de patrulhas fixas, infiltração de policiais à paisana e a criação de instituições específicas para receber os moleques presos.

Algumas vezes, moleques presos foram devolvidos às suas famílias ou encaminhados à “Companhia de Aprendizes de Marinheiros, criado em 1840”. Entre as medidas repressivas estavam castigos corporais que tinham duplo objetivo. Primeiro, punir. Segundo, atingir a auto-estima aplicando castigos semelhantes aos

⁴ Na Bahia, no século XIX.

utilizados nos escravos. Com relação a instituições, RIZZINI⁵ traz um estudo sobre a exploração da mão-de-obra infantil como um dos problemas destas crianças buscarem a rua. Melhor; no discurso como meio de preparação para o trabalho. Ela usa o cenário de São Paulo e de Pernambuco para a apresentação de detalhes no século XIX. Maiores detalhes serão apresentados à frente.

FRAGA FILHO relata que uma decisão que possibilitou uma ação mais enérgica para reprimir a vivência de rua foi o poder de recrutamento. Menores presos nas ruas poderiam ser mandados para o serviço da marinha, bem como ser encaminhados a outras instituições. Quais? Oficinas, escolas, orfanato e serviço militar.

No entanto, as particularidades a que nos referimos anteriormente não são as únicas. Outras formas de interpretar o “porque” de tantas crianças nas ruas de Salvador no século XIX é apresentada. Um dos motivos era a rebeldia e o outro seria a situação social vivenciada por estas crianças.

O que chamamos hoje de meninos de rua era conhecido no século XIX por “meninos vadios”. FRAGA FILHO apresenta-nos uma linha de raciocínio, que tem o apoio de autores como Gilberto Freire, Mary Del Priore e Roberto Da Matta, entre outros, na qual este termo era carregado com o que ele chamou de condenação moral. A visão deste menino vadio obedecia a um raciocínio que o colocava, por mérito dos próprios meninos, como um inimigo ou ameaça à ordem social. O entendimento era de que estes meninos colocavam a estrutura familiar em cheque no momento em que escolhiam o ambiente da rua como local a ser freqüentado. Assim, colocava também a ordem social em cheque. As principais causas da situação em que se encontravam, naquela época, meninos mendigando para saciar a fome eram: o aumento populacional; uma sociedade em crise, na qual as oportunidades eram cada vez mais escassas; aumento da orfandade e do abandono. A orfandade deveu-se a uma epidemia de cólera de 1855.

⁵ RIZZINI, I. Pequenos trabalhadores do Brasil *In* PRIORE, M. D. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto: 1999.

A trajetória conhecida era a seguinte. Uma vez na rua, estas crianças pegariam, ou incorporariam, os valores que o ambiente de rua oferece. Ou seja, um ambiente que tende a ser perigoso e que marcaria a todos os que “nela ou dela” vivessem.

Apresentando o relato de um grupo de 83 meninos presos, chegou-se a um perfil daqueles menores. A maioria era meninos crioulos ou pardos; mais que a metade seriam órfãos e 43 % relataram ter família. A maioria referia-se à mãe, normalmente solteira, como chefe do lar⁶.

Além da orfandade, do abandono em função de falta de condições de sustentação familiar, apresentou-se outro fator para a procura da rua. Foram os conflitos e tensões familiares. Crianças a partir de sete anos eram submetidas a uma rígida formação educacional, fato este comum para a época. Entravam para o mundo adulto. Comum a famílias mais pobres, o filho era destinado a aprender uma nova profissão. Para isto eram colocados sob tutela de mestres de ofícios, sendo que estes submetiam seus aprendizes a grandes jornadas de trabalhos, seguidos de maus tratos. A mão-de-obra barata e a autoridade conferida a estes mestres faziam com que surgisse estas tensões. Opção aos meninos? A rua. Local em que constituíam grupos com o objetivo de defesa e sobrevivência. Grupos estes conhecidos por policiais como quadrilhas, dado às atividades ilícitas que assumiam na rua. Como o próprio autor trata, um meio em que constituíam um mundo à parte.

Em síntese, a formação em busca de uma profissão, o início ao trabalho constituía-se num primeiro passo rumo ao mundo da rua e a degradação familiar. A opção ao mundo da rua, como brincadeira, vadiagem, era entendida como “uma contestação ao valor moral do trabalho”⁷.

A transição que o autor chamou “da caridade à vigilância” segue a seguinte lógica. Desde 1726 havia iniciativa de setores organizados, como o caso da religião, com o intuito de direcionar suas atenções para o problema do abandono e da orfandade. Estes foram os casos relatados pelo autor quando se referiu à Santa Casa de Misericórdia, A Casa Pia do Coração de Jesus, destinadas a meninas, e o Orfanato São

⁶ FRAGA FILHO, op. cit., p. 120.

⁷ Ibid., p. 122.

Joaquim. Estas três instituições possuíam, com suas particularidades, um eixo de atuação. Todas visavam a caridade e tentavam direcionar os jovens para a aquisição de uma profissão. No entanto, vários problemas interferiram nesta tarefa. O exemplo da crise que a sociedade passava, também pelo fim da escravidão, tornava tais objetivos inoperantes.

Ao mesmo tempo em que estas instituições religiosas se incumbiam de tais tarefas, o Estado se eximiu. Mas, durante o século XIX o Estado vai assumindo a função de retirar os meninos vadios das ruas. Contra a vadiagem, o Estado investe na infância como uma fase a ser controlada. Portanto, sua função seria a de retirá-los de circulação e encaminhá-los para a formação, para o trabalho. Acreditava-se na eficiência de uma formação do caráter através da disciplina ao trabalho e a obediência aos superiores.

Esta perspectiva começa a esbarrar no problema de superlotação de instituições religiosas. Além de enfrentar problemas de acomodação, sofriam com problemas financeiros. Fato este que as levou a recusar meninos vadios. Este fato determina conflitos entre o poder público e as instituições. A alternativa foi enviá-los a marinha.

Acreditava-se que a disciplina militar seria eficiente na recuperação destes meninos. Tanto que alguns pais colocavam a guarda de seus filhos a serviço da educação militar. Este fato, porém, não era consenso entre os pais. Novamente ocorrem alguns problemas. Preocupando-se com sua imagem internacional, a marinha deixa de aceitar os moleques. Além deste fato, havia a rejeição por problemas físicos, ocasionados pela situação de abandono em que se encontravam nas ruas.

A alternativa encontrada foi a de dar a custódia destas crianças aos mestres de ofício. Por intermédio de um contrato, as crianças eram obrigadas a permanecer nas chamadas tendas dos mestres aprendendo um ofício por um tempo determinado. Caso não houvesse este cumprimento seriam caçados e punidos de forma severa. O poder público acreditava na eficiência deste destino. Fato reforçado pela conveniência de não gerar gastos com internamentos.

A realidade foi outra. FRAGA FILHO reforça os argumentos pelos quais os meninos fugiam para as ruas em função dos maus tratos e abusos dos mestres em

relação ao trabalho. Alguns sendo tratados como escravos. Documentos mostravam que o próprio poder público constatava os maus tratos, às vezes, tendo que intervir e retirar a guarda destes meninos dos mestres. Estas crianças iam para o trabalho informal, condenado pela sociedade por ser uma forma de elevar o vício à vadiagem.

Outra alternativa encontrada, enquanto política pública, para solucionar o problema dos meninos vadios foi a defesa de “evacuar” os centros urbanos da população ociosa em direção ao campo. Defendeu-se a criação de escolas agrícolas. Sobretudo, a Escola Agrícola da Bahia foi a pioneira. As descrições destas escolas dão conta de centros agrícolas de reabilitação, dando suporte básico para a sobrevivência dos meninos. Sem maiores detalhes tal iniciativa não vingou.

A imagem da infância da criança de rua na Bahia no século XIX foi constituída sob o “vício, ociosidade, mendicância, vadiagem e crime”⁸. A lógica autoritária adotada com eles, segundo a perspectiva da moralização da infância através do trabalho vai desmoronar com o reconhecimento de que o número de crianças nas ruas aumentava cada vez mais e que o poder público não tinha para onde enviar estas crianças.

Dando sustentação ao relato de FRAGA FILHO, existiram outros movimentos semelhantes em outras localidades. Políticas públicas destinadas a crianças pobres foram implantadas no país no percurso do final do século XIX e século XX. A preocupação em resgatar estes meninos sob a ótica da preparação para o trabalho não vem de hoje.

No trabalho de RIZZINI⁹ fica patente o momento em que surge a discussão do trabalho enquanto solução para a situação do menor abandonado. O final da escravatura foi o marco. Esta autora faz uma apresentação histórica na qual o foco está centrado em formas de exploração da mão-de-obra infantil. Entre as formas de exploração encontra-se a situação de trabalho na rua como forma de sustentação própria e de familiares. Tentando responder a questão do porquê as crianças trabalhem, aponta-se como possível resposta iniciativas para a preparação de

⁸ FRAGA FILHO, loc. cit., p. 134.

⁹ RIZZINI, op. cit., p. 376.

crianças para o trabalho. Esta preparação, tanto de ordem pública como privada, teve como meio a indústria e agricultura. Dito de outra forma. Existem dois pólos: um supõe uma maneira de “ajudar” crianças desamparadas e outro a necessidade de mão-de-obra barata, sobretudo na indústria e na agricultura.

Para a efetivação deste processo havia um discurso. E o discurso corrente era a de recrutá-las em asilos ou outras instituições como forma de ocupação mais útil, evitando que eles caíssem na vagabundagem e na criminalidade.

No processo de industrialização do Brasil a mão-de-obra infantil foi um dos mecanismos utilizados. RIZZINI documenta dois momentos em duas regiões do país para exemplificar este fato. Documentos de 1894 apontam a indústria têxtil como o período inicial em que mais se utilizou desta mão-de-obra em São Paulo. E em Pernambuco este processo ocorreu mais tarde, entre 1930 a 1950. Na indústria as crianças passavam por um período de aprendizagem para que depois obtivessem uma ocupação definitiva. Os fatores determinantes para manterem estas crianças no trabalho iam de baixos salários até a permissão de falsificação de idade (a idade mínima para o trabalho era de 12 anos).

Mas a marca mais forte de uma preparação para o trabalho surge na República. Neste período a educação formal, considerada aqui a educação proporcionada pelos Institutos, tinha como objetivo preparar o indivíduo para retornar à sociedade numa perspectiva orgânica. Ou seja, assumir, de forma disciplinada, seu lugar na sociedade como uma peça forjada para impulsionar a economia nacional através do desenvolvimento da indústria e da agricultura. Há uma modificação da estrutura e da função dos antigos asilos. Em suma, existe a criação de instituições profissionais que irão adequar os menores para ocupar um espaço nas necessidades de desenvolvimento da produção industrial. Ao mesmo tempo houve um direcionamento de menores para o campo culminado na criação de colônias agrícolas (patronato). Objetivo? Criação de mão-de-obra para o impulso da agricultura. A criação do Departamento Nacional de Povoamento, na década de 20, foi um bom exemplo de recolhimento de menores nas ruas com o intuito de formar mão-de-obra. Dez anos depois foram desativados por

serem considerados depósitos de “corpos” e explorados como mão-de-obra escrava. O futuro? Retorno às ruas.

A idéia central apresentada pela autora é a de que naquele período os institutos possuíam o discurso de formação para o trabalho e a prática de exploração de mão-de-obra barata, desqualificada e dócil.

Guardada as proporções e considerando outro contexto histórico existem problemas semelhantes enfrentados hoje. O quadro social em relação à década de 20 é mais complexo. O número de habitantes nas grandes cidades é muito maior, conseqüência de um inchaço popular atrás de oportunidades diferentes em relação à vida no campo¹⁰. Mesmo RIZZINI dando o enfoque ao trabalho infantil, mapeando números assustadores em relação ao trabalho de crianças na agricultura, em fábricas, trabalho doméstico e biscates, alguns traços são apontados em relação à percepção das famílias e das crianças em relação ao trabalho. As características seriam as de que estas crianças são matriculadas e mesmo assim não freqüentam assiduamente a escola, sobretudo no período em que a produção exige mais mão-de-obra (caso da cana-de-açúcar em algumas regiões). A atenção volta-se para a percepção das famílias em relação à importância do estudo frente ao trabalho. Existe esta consciência. No entanto, só se protela a ida ao trabalho uma faixa muito pequena da população que seria enquadrada como subalterna, porém favorecidas com renda superior a dois salários mínimos.

Na atualidade TOMASCVSKI¹¹, relatora especial da ONU para o direito à educação, apresentou um trabalho com relação ao direito universal à educação e a função do Estado. Neste trabalho surge o dado de que as crianças que terminam a educação secundária possuem 80% de chance de escapar da pobreza e 96% das famílias em que os pais têm menos de nove anos de escolaridade vivem na miséria.

O que interessa neste momento é verificar que os moldes, a percepção de que alguma forma de trabalho é importante para que crianças de baixa renda não caiam na

¹⁰ Sobre este assunto pode-se consultar D'INCAO, C. M. **Bóia Fria: exploração e miséria**. São Paulo: Vozes, 1983. GOHN, M. G. Os sem terra, ONGs e cidadania: a sociedade civil brasileira na era da globalização. São Paulo: Cortez, 1997.

¹¹ TOMASCVSKI, K. Tendências e Debates; **O direito universal à educação e o Estado**. Mensagem recebida por: <luiz.pilatti@terra.com.br> em: 17 jan. 2003.

criminalidade, na discriminação, são questionados na medida em que a autora demonstra casos de crianças que se encontram marginalizadas em várias formas de “trabalho”. Seria o caso de “bicos”, percepção dos familiares das crianças que vendem, pedem nas ruas e de crianças que moram com outras famílias no trabalho doméstico e são molestadas sexualmente. Dito de outra forma, a idéia de formar para uma atividade, para um trabalho seria o centro do pensamento para evitar discriminação destas crianças. Estas práticas concretizadas as colocam frente a perigos, discriminações que as levam à mesma situação de risco social que sofrem na rua com a diferença que algumas das situações apresentadas acima são encobertas, não denunciadas.

A percepção do porquê estas crianças e adolescentes trabalham são balizadas em dois pontos: a necessidade de manutenção de um núcleo familiar através da sua subsistência e uma demanda de mercado por mão-de-obra dócil e barata na agricultura, por exemplo; com os adolescentes seria a valorização do trabalho como meio de ascensão social em detrimento da aprendizagem escolar.

Sobre a polêmica em erradicar ou não o trabalho infantil, apresenta-se um quadro no qual nosso país tem elaborado políticas e programas compensatórios que possuem as seguintes características: são planejadas e implementadas sem que os interessados, famílias e participantes, participem do processo; não possuem continuidade; não atingem suas metas; e em certos casos com fins eleitorais.

Existem situações nas quais as crianças foram ouvidas nos processo de implantação de políticas destinadas à valorização e inserção em situações de trabalho e desta forma relativizou-se o discurso a respeito da necessidade de erradicação do trabalho infantil.

O foco que se pretende centrar seria a noção de educar através de uma formação para o trabalho. Alguns pontos de convergência deste pequeno histórico surgem com grandes instituições de formação para o trabalho, como é o caso do SENAI¹².

Criado em 1942 esta instituição de cunho privado, dirigido pelo Conselho Nacional de Indústria, tinha como objetivo preparar pessoas para o mercado de

¹² Breve histórico encontrado em www.ma.senai.br/senai.php.

trabalho. No início das unidades do Senai no país o destino era atender a população mais pobre. O que se modificou com o agravamento do mercado de trabalho¹³. Pois possibilitava e possibilita uma inserção no mercado de trabalho com ganhos razoáveis. Este fato tornou as vagas muito concorridas, culminando numa certa seleção de seus alunos. O que importa neste momento é a noção de organizar a sociedade no sentido de centrar sua formação para atender uma demanda de produção. Preparação para o trabalho. Fato que no primeiro capítulo ficou implícito a demonstração desta preparação para o trabalho. Mais. Comparando com as atividades do COCASPE fica claro o paradoxo entre discurso e prática. Mas com enfoques diferenciados. O SENAI prepara para uma colocação no mercado formal. Já o COCASPE parece fortalecer a informalidade.

2.2 CONDIÇÃO SOCIAL MENINOS DE RUA: VISÕES CONTEMPORÂNEAS.

Um novo século iniciou vivenciando velhos problemas. Seriam as constantes crises que a humanidade viveu e continua a viver. O processo de mundialização da cultura e de globalização econômica aponta duas situações: o aumento da pobreza e ao aumento de concentração de rendas por uma minoria. Estas situações são visíveis entre países. Em especial no Brasil estas situações são nítidas entre a sua população. Dados contidos no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)¹⁴, dão conta de que 14,5% da população brasileira vive na classificação de miseráveis. Isto corresponde a 23 milhões de brasileiros. Condição em que não se consegue garantir alimentação. A pobreza seria o conceito aplicado para pessoas com renda insuficiente para manutenção de custos mínimos como alimentação, moradia, transporte e vestuário. Abaixo desta categoria e acima da miséria teríamos 30 milhões de brasileiros.

¹³ Este posicionamento pode ser comparado com as transições no meio de acúmulo de capital relatado no primeiro capítulo.

¹⁴ IPEA (BRASIL). Relatório do Pnud, 1999. Disponível em : <<http://www.ipea.gov.br/biblioteca>>. Acesso em : 22/01/2003.

Totalizando 53 milhões de habitantes. Em referência às crianças, 43% correspondem a elas entre os miseráveis; crianças até 15 anos.

Estas situações mostram um quadro complexo. Um dos problemas deste quadro refere-se à segurança. Existe um intenso conflito num cenário em que o “poder paralelo” vem se organizando em busca de mais poder, entrando em confronto com as instituições formais de forma explícita. São organizações que mantêm ligações com o exterior e conseguem um alto grau de organização, tornando o combate ineficaz por parte dos Estados.

A lógica que se apresenta seria a de que este poder paralelo é organizado pela utilização e “recrutamento” da população de favelas. População que vive abaixo da linha de pobreza. Não é difícil encontrar trabalhos que apresentam a utilização desta população como componentes da organização criminal; em especial o uso de menores¹⁵. Uma das alternativas a esta saída estaria o quadro de pobreza, miséria, em que a criança é colocada nas ruas para buscar a sua subsistência e sujeita a todas as situações de risco que a rua oferece¹⁶. Outra alternativa foi exposta por ZALUAR¹⁷. Analisando três projetos distintos, Curitiba, Rio de Janeiro e Goiânia, esta autora encontra no esporte e na educação pelo trabalho os meios pelos quais estes indivíduos poderiam sair da possibilidade de agir ao lado da criminalidade.

No relato desta autora o esporte adquire papel de destaque, seja pela profissionalização ou pela recreação através do lazer. O esporte enquanto lazer seria uma das características creditadas a ação em contraponto a educação pelo trabalho. E a profissionalização seria uma necessidade na medida em que ZALUAR identifica a falta da profissionalização como uma das causas de abandono de projetos à partir de 16 anos. Até esta idade o esporte e o lazer funcionam bem.

Esta profissionalização é vista pela autora enquanto uma possibilidade ou oportunidade de formação integrada e busca do talento esportivo. Uma busca do mais

¹⁵ ZALUAR, A. Crime, Medo e Política. In. ZALUAR A.; ALVITO, M. **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

¹⁶ Ver EL-KHATIB, U. **Crianças e Adolescentes em situação de risco pessoal e social**: que problema é esse? São Paulo, 2001. 164f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) Departamento de Saúde Materno-Infantil, Universidade de São Paulo.

¹⁷ ZALUAR, A. **Cidadãos não vão ao Paraíso**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

apto para o momento. Esta visão é comum em projetos sociais. A necessidade de uma profissionalização seria consenso. No entanto, recai-se num erro: esquece-se de possibilidades e oportunidades de profissionalização em torno do esporte na medida em que se restringe a prática esportiva. Possibilidades como arbitragens, jornalismo esportivo, marketing, mesários, etc, são exemplos das oportunidades relegadas. Ou seja, a falta de visão de aproveitamento do campo esportivo¹⁸.

Na apresentação da obra que relata o trabalho desenvolvido pela Fundação Educacional Meninos e Meninas de Rua Profeta Elias, MIRANDA e STOLZ¹⁹ demonstram que as abordagens feitas com relação ao menor de rua têm sido estereotipadas de aspectos negativos. As autoras levantam a hipótese de que o ambiente de rua, visto de uma perspectiva positiva, seria altamente propício para a saúde mental de crianças que sofrem ou sofreram de abusos e maus tratos em casa, junto a família.

No entanto, o que interessa é a noção de se definir o que seria uma criança em situação de rua. Existe uma separação de dois grupos na compreensão do conceito de meninos de rua: “crianças e adolescentes de rua e crianças e adolescentes na rua”²⁰. Nesta separação, existem indicadores que classificariam e diferenciariam um do outro: “lugar, aparência, vínculos familiares, atividades durante o dia e situação de risco (...)”²¹.

No primeiro grupo temos uma caracterização de abandono e/ou orfandade. As relações com a rua têm vínculos com “trabalho, educação, relacionamentos e lazer”²².

No segundo grupo existe uma convivência familiar, mas as crianças passam a noção, ou possuem, “características de abandono”. A diferença está marcada no

¹⁸ Sobre este conceito ver BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983. Sobretudo o capítulo “Como se pode ser esportista?”, pp. 136-153.

¹⁹ MIRANDA, S. M. G. A., STOLTZ, T. (sist.). **A vida na rua e a rua na vida: histórico e proposta pedagógica da Fundação Educacional Meninos e Meninas de Rua Profeta Elias**. Curitiba: POSIGRAF, 1999.

²⁰ As definições contidas nestes parágrafos são extraídas de KOLLER & HUTZ. Meninos e meninas em situação de rua. Dinâmica diversidade e definição. In: KOLLER et all. **Aplicações da psicologia na melhoria da qualidade de vida**. Porto Alegre: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, 1996 apud MIRANDA; STOLTZ, op. cit., p. 3.

²¹ Ibid., p.3.

²² Id.

período noturno. Período em que voltam para suas casas e mantêm o convívio com os familiares. Interessante notar que durante o dia elas mantêm um vínculo com o mundo da rua no sentido de viver suas experiências em termos de trabalho e lazer. As autoras buscam auxílio em KOLLER & HUTZ e APTEKER²³ no sentido de entender contemporaneamente as possíveis situações em que estas crianças se encontram. Dito de outra forma. Quais seriam as causas de aumento de crianças em situações de rua em nosso país? A situação econômica encontrada na atualidade na sociedade ocidental, questões de ordem afetiva, a violência, a discórdia familiar e a modernização são temas que eles relacionam.

Contudo autores como MARTINS²⁴ não acreditam nestas causas. Ao contrário, pensam que a pobreza não é determinante na designação de criança e situação de risco. Existem outros fatores a serem considerados, tais como: “circunstâncias de determinada cultura, como o grau de pobreza, tipo de família e estilo psicológico”²⁵.

Outra obra que aborda a questão conceitual seria a de GRACIANI²⁶. O texto, inserido num contexto mais amplo na obra citada, apresenta a preocupação de se fazer uma análise da estrutura social que determina as condições de vida, entendidas como causas geradoras do menino(a) de e na rua. Ou seja, a descrição de um quadro sócio-econômico que determina a situação destes meninos e gera a confusão em termos conceituais. Destarte, a obra permite aprofundar as questões propostas por MARTINS.

O termo menino(a) de rua é tratado num contexto de uma sociedade opressiva. A autora trabalha este primeiro tema usando de uma visão estruturalista da sociedade para caracterizar o menino(a) de e na rua enquanto uma categoria social. Categoria esta que surge de um processo de dominação, exploração e exclusão, proporcionada por uma lógica de acúmulo de capital na ciranda de um mercado internacional. A partir desta lógica a rua surge como construção deste processo, enquanto espaço de moradia, trabalho e lazer.

²³ APTEKAR, L. Crianças de rua nos países em desenvolvimento: uma revisão de suas condições In: MIRANDA; STOLTZ, op. cit., p. 4.

²⁴ MARTINS, R. A criança e o Adolescente em situação de rua: definições, evolução e políticas de atendimento... Ibid., p.4.

²⁵ Id.

²⁶ GRACIANI, Maria Stela S. **Pedagogia Social de Rua**: análise e sistematização de uma experiência vivida. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1997.

O texto é construído segundo a lógica de uma divisão internacional de trabalho. Esta lógica produz a divisão populacional em dois pólos. O dos que possuem acesso aos benefícios sociais e tecnológicos e o dos que não possuem. Para ilustrar este processo existem três interpretações. No primeiro o entendimento se dá na lógica desenvolvimentista. Aqui a inserção de países na categoria de desenvolvido é balizada por critérios naturais. Por esta razão a concorrência no mercado é feita por um critério de igualdade. A não inserção seria pelo fato de países não se abrirem para a modernidade. Outra interpretação a respeito do desenvolvimento da economia seria a de metrópoles e periferias. Aqui os países periféricos entrariam no processo de produção como fornecedores de matéria-prima. O produto final seria feito nas metrópoles. A última interpretação coloca a divisão internacional de trabalho segundo critérios de desenvolvimento tecnológico. Com o avanço neste campo a produção final pode ser realizada em qualquer lugar. Desde que haja mão-de-obra qualificada para operar as máquinas e um “exército de reserva” para que exista mão-de-obra barata. Esta sobra forçaria os salários para baixo, o que viabilizaria um maior acúmulo de capital. A lógica desta interpretação tem seu cerne no aspecto estrutural.

A seguinte interpretação é feita. No Brasil a migração interna leva milhões de brasileiros a saírem do campo para buscarem oportunidades nos centros urbanos. Estas pessoas saem do campo por não possuírem condições de competitividade na produção e comercialização de seus produtos. Em conseqüência chegam aos centros urbanos sem preparo para o tipo de concorrência. Destino? A informalidade. Esta informalidade leva a necessidade de toda a família se mobilizar para produzir um complemento de renda. A criança vai ao trabalho. Não se prepara no estudo. Passa a viver a necessidade do presente.

Esta é a lógica da necessidade da criança ir para a rua apresentada neste texto. Surgem dois caminhos de explicação deste fenômeno: a) o menino(a) de e na rua como fruto de relações desiguais de produção e sua divisão social ; b) e sua importância enquanto trabalhadores no processo de acúmulo de capital por parte de poucas pessoas.

Uma aproximação com RIZZINI pode ser feita. Verifica-se que o trabalho infantil surgiu de uma necessidade do sistema. Uma necessidade de produzir mão-de-obra barata e dócil. Objetivo que as instituições criadas nas primeiras décadas do século passado buscaram. Uma realidade na qual os meninos pobres eram recrutados para aprender uma ocupação.

Buscando o perfil dos meninos(as) de rua e na rua, GRACIANI aproxima-se de RIZZINI na tentativa de desvendar os motivos pelos quais estas crianças e adolescentes vão para a rua. A tese desta autora seria a de que existiria uma hierarquização entre eles como instituições informais, com seus ritos, suas normas, suas leis próprias, entre outras que os colocariam numa situação de buscar o espaço da rua. Outra tese seria a de que eles seriam frutos da pauperização, da desestruturação familiar, produto de um protesto contra a marginalização e exclusão, mas a central do ponto de vista da comunidade seria a desestruturação da família.

Em termos gerais a autora descarta a possibilidade de fenômenos como a pobreza, o menor infrator e a violência serem determinados por leis naturais. Acredita que os fatos sociais são determinados pela sociedade e nela é que se deve buscar o seu radical. Dito de outra forma, “discutir a relação dos problemas sociais em sociedade estruturalmente problemática”²⁷.

O perfil apresentado seria de crianças provenientes de famílias pobres, sendo que algumas estudaram e permanecem na rua para “sobreviver e subsistir” através de trabalhos informais, num “cenário de situações confusas, complexas e violentadoras”²⁸.

Seria uma subdivisão metodológica na qual a autora apresenta a idéia de estudar o caso da construção e convivência das grupalizações de e na rua em São Paulo. Com uma noção de crises de sistemas coexistentes, que seriam os casos do urbano, rural e industrial, ela identificaria mudanças de padrões de “configurações sociais”. Neste contexto o menino de e na rua seria uma vítima da marginalidade. Estaria à margem de políticas públicas ineficazes do ponto de vista do crescimento humano. Ou seja, no

²⁷ GRACIANI, loc. cit., p. 97.

²⁸ Ibid., p. 98.

centro das configurações proporcionadas por sistemas coexistentes estaria o menino de rua como vítima de construções históricas.

Trilhou-se neste trabalho dados suficientes para apontar e respaldar este posicionamento. No entanto, a noção excludente do sistema é priorizada por GRACIANI com relação à visão destes meninos.

Os meninos de e na rua, como fruto de configurações sociais produzidas entre sistemas coexistentes, estariam à margem de um processo de exclusão e marginalização.

GRACIANI aponta para questões relacionadas a definições de crianças, adolescentes e jovens de e na rua como expressões da exclusão e marginalização social. A resposta do que vem a ser marginalidade e a exclusão são pontos centrais para se responder à formação do imaginário destes agentes.

A abordagem parte do pressuposto que existe uma maioria marginalizada. Portanto, fala-se de meninos oprimidos e relegados pelo sistema social. Para sua análise estrutural a autora elege os atores sociais postos como “desviados sociais”. O modelo de abordagem foi o crítico-dialético “a partir de três modelos contextuais, o modelo da juventude, o de marginalidade excludente, e o de conduta divergente”.

A autora busca um referencial que dê conta da produção da diferença e afirmações da singularidade. Tenta-se inverter uma visão a partir da sociedade para a do indivíduo dentro da sociedade.

Existe uma linha de raciocínio pela qual a preparação ao mundo adulto é feita pelo caminho da escola sem, no entanto, ser o único. Acontece que a escola está pautada por critérios de desigualdades que reforçam a ordem estabelecida. A clientela a qual se refere foi excluída deste processo.

Ainda em busca de explicações em relação às atitudes de se buscar a rua enquanto um espaço de convívio e de formação de uma identidade, a autora discute o mundo da rua e suas dimensões. A preocupação central seria entender a relação do jovem e sua conduta divergente, entendida como “desvio social”. A idéia é apresentar análises funcionalistas que centram seus estudos em desvio social enquanto quebra de

regras sociais a partir do indivíduo. Deixa-se assim a sociedade com seus mecanismos de persuasão e controle social defendendo-se destas condutas divergentes.

A relação com meninos de e na rua está justamente nestas condutas divergentes. Comportamentos anti-sociais. Compreensões desta natureza colocam todas as crianças que estão na rua no rol de marginais: visão social. Pela visão preconceituosa o menino de rua fica privado do espaço de construção de suas ilusões, suas fantasias. Perante a sociedade ele perde o “status” de jovem. A sociedade não dá a abertura e a tolerância para com a criança, pois a enxerga como um não projeto. Ela não dá espaço para que ele construa projetos e eles não formulam projetos dada sua realidade concreta na rua. Não são e não serão cidadãos. Como repensar nossa prática frente a este posicionamento?

Ele, criança de rua, torna-se um objeto/sujeito no cenário de desvio social em função de suas escolhas para sobreviver (roubo, droga, prostituição). Sua motivação não é conduzida por metas sociais pelo fato delas não serem concretas para ele. Por fim, o desvio social está na sociedade por não proteger os direitos dos meninos e por tê-los gerado.

2.3 ALGUMAS APROXIMAÇÕES COM O OBJETO.

Apontando para uma conceitualização do menino de e na rua pode-se estabelecer alguns pontos em relação à tese que se apresenta.

Na descrição do primeiro capítulo ficou patente a aproximação de uma visão econômica no sentido de compreensão do menino de rua como fruto do sistema. Neste capítulo FRAGA FILHO, RIZZINI, E GRACIANI apontam a questão da exploração da mão-de-obra infantil como um dos problemas da situação social do menino de rua. Em tese, os dois primeiros autores demonstram a utilização de institutos voltados para a preparação de meninos para o trabalho; normalmente explorado. Não obstante, o retorno à rua foi apontado como o principal feito na descrição histórica.

A preparação para o trabalho e o retorno à rua seriam as aproximações vistas em relação ao COCASPE. Uma em relação ao discurso e outra em relação à prática. A

descrição detalhada de como o sistema produz e reproduz o menino de rua foi outro ponto que aproximou-se com a visão apresentada no primeiro capítulo.

No entanto, as argumentações de GRACIANI transcendem esta visão. Não de forma a refutá-las, mas no sentido de complementação. Esta complementação abre portas para avançar o entendimento do que ocorreu com os meninos do COCASPE na medida em que ela aponta para a visualização de um ator social participante de relações sociais dentro de configurações. Aborda-se o menino de rua numa perspectiva de conduta desviante. Numa categoria de desvio social.

No entanto, o que se propõe é um retorno aos atores que fizeram parte de um projeto com características semelhantes ao apresentado por GRACIANI. Mas com o intuito de verificar o que estes meninos interiorizaram. Justamente buscar a percepção destes meninos em relação ao trânsito no projeto e fora dele após terem sido submetidos à relações estigmatizantes num ambiente externo ao de rua.

Verificar se a produção da diferença e afirmação da singularidade ocorreu dentro do COCASPE, ou verificar como transitaram num ambiente em que as ações são impostas em função de uma visão estigmatizante. Visão que os coloca como deslocados. Verificar quais foram os motivos pelos quais estes meninos voltaram para a rua. Opção em protesto ou necessidade imposta por outro grupo?

Ficam claros dois pontos. A existência de uma estrutura macro que influencia na condição social destes meninos. A necessidade de um aprofundamento nas relações entre indivíduos para entender esta mesma condição social.

CAPÍTULO III

3.1 PERCEPÇÕES DO CONTEMPORÂNEO: UMA PRIMEIRA JANELA.

Uma das perspectivas entrelaçadas com os outros dois capítulos é a noção de que existe uma estrutura macro que interfere e produz o menino de rua. Enquanto fruto do sistema capitalista eles estariam à margem da sociedade. Numa visão de configurações, relações sociais, eles estariam no processo de relações num trânsito entre a construção da sua identidade e o pertencimento ou rejeição a um determinado grupo.

Estas duas formas de visualizar o objeto têm relações diretas com o presente trabalho. Primeiro pelo fato de o COCASPE ter uma proposta que discursa preparar para o trabalho, situações reproduzidas e verificadas historicamente. E em segundo lugar pela proposta de verificar a percepção destes meninos em relação ao COCASPE como meio de convivência social pela qual poder-se-ia criar novos vínculos numa nova construção de identidade.

Nestas duas formas de visualização do objeto fica a necessidade de um novo olhar frente às transformações na contemporaneidade. Olhar que não está muito claro em relação às novas transformações tecnológicas e sociais. Justamente pelo fato de não estar muito claro é que se justifica o presente capítulo, ou seja, tenta-se apreender novas transformações no sentido de compreensão do que seria uma preparação para o trabalho. Mais. Muito se fala em Globalização. No entanto quais seriam as características deste processo que influencia de forma direta a situação social destes meninos?

No relatório de pesquisa, apresentado no primeiro capítulo a pobreza serviu como fio condutor no processo de acumulação do capital para o entendimento da influência que existia na organização social. Uma visão centrada no econômico.

Neste momento surge o objetivo de mostrar que o processo de globalização trouxe inovações tecnológicas e ao mesmo tempo trouxe crises financeiras, corte de trabalho e uma nova forma de relacionamento.

3. 1. 1 GLOBALIZAÇÃO E MUNDIALIZAÇÃO.

As novas formas de relacionamentos podem ser percebidas a partir da compreensão do termo globalização. Globalização e mundialização são dois conceitos trabalhados por ORTIZ¹. O interesse em trabalhar estes conceitos recai no problema que o termo globalização contém. Problema que diz respeito à confusão proveniente das várias possibilidades de utilização do termo. Pode designar algo positivo ou negativo, depende do enfoque dado. Serve para designar a aproximação entre povos, mas não para todos. Abordagens culturais, econômicas, tecnológicas e políticas são alguns exemplos do que o termo pode tratar.

Quando utilizado no plano econômico, sobretudo associado ao neoliberalismo², ele adquire contornos negativos. Esta seria a designação moderna para a globalização. SPOSATI³ dá um exemplo de como este termo pode ser genérico. A cristianização é um dos primeiros modelos do que poderia ser entendido como globalização.

A idéia de ORTIZ seria a de que com a definição entre globalização e mundialização poder-se-ia separar diferenças básicas nas quais o enfoque das pesquisas em ciências sociais dar-se-ia numa perspectiva de uma sociedade global. Por isso ele parte da “premissa de processos globais que transcendem os grupos, as classes sociais e as nações”⁴. Ou seja, estrutura um trabalho para apontar a emergência de uma sociedade global.

¹ ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

² Conceito que é abordado como ultraliberalismo no primeiro capítulo e define normas e regras políticas em relação à ação do Estado frente ao mercado.

³ SPOSATI, A. Globalização: um novo e velho processo. In DOWBOR, L.; IANNI, O.; RESENDE, P.-E. A. **Desafios da Globalização**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1997. p. 44.

⁴ ORTIZ, op. cit., p. 7.

Para o senso comum as diferenças não são claras. Possuímos sinais de globalização na mídia, na economia e na política. ORTIZ trabalha com a impressão de que o mundo chegou até nós, penetrou o cotidiano, dando-nos o status de cidadãos mundiais. Dois pontos surgem. Como conseguir o título de cidadão na contemporaneidade? Será que todos conseguem este status?

Sugere-se que a globalização se afasta das particularidades. Considerando que o global envolve tudo, as particularidades estariam perdidas na totalidade. Aí surge o conceito de mundialização da cultura que ocorre no cotidiano. Este é um dos fios condutores do texto de ORTIZ.

O autor tenta enxergar a problemática nacional com outros olhos, situando-se como um cidadão mundial. A tese o leva a admitir um outro sentido para a problemática nacional. A cultura de consumo é apresentada como uma das principais instâncias mundiais de definição e legitimidade dos comportamentos e dos valores. Por isso aborda-se a cultura e a sociedade global.

O processo da sociedade global apresenta-se sob várias metáforas para as transformações no final do século. Entre elas surge a idéia de sociedade da informática e a de aldeia global com o intuito de demonstrar a importância da tecnologia na organização das vidas dos homens. Por outro lado, estas metáforas não dão conta das tensões, dos interesses e disputas que não convergem para um ideal comum. Sobretudo de grupos que não possuem acesso a estas informações.

A globalização é um processo ainda em construção. Isto porque não se considera globalização a internacionalização das trocas, de produtos e de conhecimento. Internacionalização seria o “aumento da extensão geográfica das atividades econômicas através das fronteiras nacionais”⁵. Globalização seria “produção, distribuição e consumo de bens de serviço, organizados a partir de uma estratégia mundial, e voltada para um

⁵ ORTIZ, loc. cit., p. 15.

mercado mundial”⁶. Seria a fusão de mercados, entendida agora como o mercado mundial.

Para ORTIZ as questões globais ainda desafiam pouco as ciências sociais, principalmente por estarmos presos a controvérsias referidas ao “indivíduo e à sociedade, vistos naturalmente em termos de relações processos e estruturas nacionais”⁷. Como é o caso deste trabalho. No entanto, neste momento, mostrar a diferenciação de termos permitirá uma melhor apreensão da complexidade de interpretações existentes na atualidade.

Apresenta-se a categoria “mundo” como uma “mega-sociedade” para “modificar as relações políticas, econômicas e culturais, entre as partes que a constitui”⁸. Com o trabalho de Wilbert MOORE, publicado em 1966, apresentado como um relato histórico, o globo terrestre surge como objeto sociológico na forma de sistema. Mas, efetivamente, maiores estudos somente surgiram na década de 70.

Um dos problemas que se apresenta é como pensar a realidade mundial dentro da problemática cultural? Os estudos que privilegiam o aspecto cultural tendem a restringir-se às especificidades de um determinado povo. Destarte, questiona-se: como visualizar a cultura em consonância com a categoria mundo?

O que o autor propõe é estudar ‘um conjunto de valores, estilos, formas de pensar, que se estende a uma diversidade de grupos sociais vistos até então como senhores de seus próprios destinos’⁹. Pois bem, mudar a visão torna-se imperativo e uma “cultura mundializada corresponde a mudanças de ordem estrutural”.

Apresentam-se questões para dar conta deste objeto. Uma delas é a preocupação com a “inclinação economicista das análises”¹⁰. Ponto central nas limitações apresentadas ao trabalho de dissertação¹¹. A história do sistema mundial é freqüentemente confundida

⁶ ORTIZ, loc. cit. p. 16.

⁷ Id.

⁸ Ibid., p. 17.

⁹ Ibid., p. 21.

¹⁰ Ibid., p. 22.

¹¹ Apresentado no primeiro capítulo.

com a história do capitalismo. A consequência maior é a vinculação do sistema político e cultural como reflexo da abordagem econômica.

ORTIZ redobra a precaução quando trata do universo cultural e econômico. Existe uma interação, mas não uma determinação de um sob o outro. Como ele mesmo diz: “a história cultural das sociedades capitalistas não se confunde com as estruturas permanentes do capitalismo”¹². Para ele surgem, no final deste século, configurações irredutíveis ao processo econômico. Quais seriam? Hábitos alimentares, maneira de se vestir, crenças, etc.

Uma outra premissa tenta visualizar a sociedade moderna vinculada a uma noção de sistema. O sistema-mundo seria um conjunto articulado no qual todos os elementos se encontrariam funcionalmente determinados pelo todo, no seu interior. A sociedade moderna vincularia o mundo a um sistema, e todos os horizontes mundiais a um sistema comunicativo. Um dos principais problemas desta proposta seria a falta de atores individualizados, sendo que a ação social não poderia ser pensada.

Para não privilegiar uma visão economicista a questão cultural é tomada em outro patamar. Pelo lado econômico a sociedade pode ser mensurada, já pelo lado cultural isto não é possível. “Uma cultura mundializada não implica o aniquilamento das outras manifestações culturais, ela cohabita e se alimenta delas. A metáfora da língua é o melhor exemplo. Acreditava-se que a civilização iria, através de uma seleção, eliminar algumas línguas menos difundidas até o momento em que culminasse numa língua universal. Abordagens históricas mostraram que não é bem assim. Apesar de possuímos uma língua internacionalizada (é o caso da língua inglesa) as demais línguas não perdem seu contexto regional: “o inglês se caracteriza pela sua transversalidade, ele atua no interior de um espaço transglóssico no qual outras expressões lingüísticas se manifestam”¹³.

Neste ponto o autor reúne argumentos suficientes para diferenciar os termos global e mundial. O global considera fenômenos econômicos e tecnológicos, já o termo

¹² ORTIZ, loc. cit., p. 24.

¹³ Ibid., p. 28.

mundialização aplica-se para o domínio da cultura. O exemplo lingüístico adota contornos claros. Ele seria globalizado, pois no interior de espaços específicos as línguas locais estariam preservadas pela mundialização. Isto porque a mundialização também significa uma visão de mundo.

ORTIZ substitui o conceito sistêmico do mundo pela noção de totalidade. Tal feito é justificado pela necessidade de se compreender a mundialização sem um dualismo em escala planetária. Para ele, “o processo de mundialização é um fenômeno social total que permeia o conjunto de manifestações culturais. Para existir, ele deve se localizar, enraizar-se nas práticas cotidianas dos homens, sem o que seria uma expressão abstrata das relações sociais”. Esta situação, a mundialização pensada como totalidade, permite uma aproximação com a noção de civilização. O autor raciocina com o apoio de Marcel MAUS. Civilização significaria um “conjunto de fenômenos sociais específicos e comuns a várias sociedades”¹⁴.

O termo civilização é empregado em tempos atuais com uma pequena diferença. Anteriormente ela extrapolava os povos, mas era delimitada em um espaço geográfico específico. Atualmente, a territorialidade encontra-se globalizada. Ou seja, não tem uma característica homogênea. O que existe é uma standardização de produtos no contexto de tecnologia, ciência e consumo. O maior exemplo é a indústria cultural e o mercado mundial. Dentro desta linha de raciocínio, o autor alerta para a existência de outros tipos de expressões culturais que coabitam “no contexto homogeneizado da sociedade global”¹⁵.

A questão que fica é saber como identificar a totalidade considerando o indivíduo, a ação social. A forma seria: “nada há de mais corriqueiro do que tratar os membros das sociedades contemporâneas como consumidores”¹⁶. Esta concepção visualiza o indivíduo no meio de um rio de informações, no qual os produtos surgem e somem num esquema de distribuição e produção de bens que privilegia grande parte da população mundial.

¹⁴ ORTIZ, loc. cit., p. 31.

¹⁵ Ibid., p. 33.

¹⁶ R. Willians, “Publicité; le système magique”, *Réseaux*, nº 42, 1990 In ORTIZ, op. cit., p.146.

A transição que houve é abordada entre uma forma de produzir e distribuir em massa para um mercado especializado e exigente. Seria a transição da modernidade para o pós-moderno, numa relação em que os produtos produzidos em massa dão lugar aos produtos que exigem uma incorporação de novas tecnologias para que possam competir frente a um mercado global: “a passagem do fordismo para o capitalismo flexível determinaria assim uma mudança do consumo e da administração em escala mundial”¹⁷. Entre um meio de acumulação de capital ao outro surge a necessidade de diagnosticar as tecnologias que melhor se adaptam a um mercado particular.

Apesar de ser levado em consideração a especificidade do mercado nacional, isto somente é feito pelas empresas após ter traçado uma estratégia totalizante. A produção em escala mundial é feita através de uma estrutura global de consumo. A rigidez da produção, do consumo e distribuição de produtos abre espaço para um modelo flexível¹⁸.

Este modelo vai colocar a noção de centralidade como algo obsoleto. Não se buscam mais quartéis gerais nas corporações. Uma nova ordem social parece se instaurar. Uma ordem na qual “a pluralidade de regras e de comportamentos impede a existência de uma metalinguagem universalmente válida para todos os sujeitos. A centralidade dos mitos, dos universos ideológicos e das religiões universais estaria comprometida diante da fragmentação do consenso”¹⁹.

Com esta situação surge uma noção de fim. Como o próprio ORTIZ aborda, fim do Estado “que teria se dissolvido diante as instâncias internacionais; do espaço que se anularia pelo movimento da desterritorialização; da arte, que no contexto da pós-modernidade perderia definitivamente sua especificidade aurática”²⁰.

Este fato remete a uma nova ordem. Ordem que produz novas relações sociais. Cabe diluir esta idéia de fim. Surgem novas configurações e, a partir delas, as nações não se constituem mais como espaços hegemônicos.

¹⁷ ORTIZ, loc. cit., p.149.

¹⁸ Sobre esta transição ver HARVEY, op. cit.

¹⁹ ORTIZ, op. cit., p. 158.

²⁰ Ibid., p. 217.

A noção de cidadãos-mundo dá a interpretação de que a formação para o trabalho deve privilegiar aspectos globais. Fato que não surge com o COCASPE. Basta lembrar da idéia da linguagem. Deixa-se de ter uma nação soberana nos atos seus para sobreviver numa ordem global com características específicas. A noção de exclusão transcende os territórios nacionais e estabelece novos limites. Esta nova geografia permite excluir o que está perto e agrupar o que está distante.

Uma visão voltada às questões culturais, após este referencial, fica mais complexa. Uma abordagem regional nos dará uma visão de mundo específica, mas num contexto mais amplo das antigas fronteiras. Por este motivo é que o conceito de mundialização se torna relevante. Temos uma mundialização de costumes que ainda permite visualizar os aspectos específicos de um dado espaço. O conceito de globalização, a partir de ORTIZ, permite ver um movimento totalitário mas sem a confusão de visualizar uma hegemonização restrita.

Para fins deste estudo este modelo apresenta limitações. Limitações que contribuem no sentido de apontar aspectos do que seria necessário a um modelo mais claro para se pensar nosso objeto. A resposta à pergunta inicial deste capítulo seria o centro do modelo de ORTIZ. O modelo exclui todos que não são consumidores. O status de cidadãos do mundo passa por esta noção. Portanto, este estudo levará em consideração:

- a) centrar estudos sobre relações do cotidiano serão possíveis considerando o indivíduo enquanto um ser situado; em conceitos diferentes ao de consumidor;
- b) a necessidade de buscar conceitos que permitam compreender um universo micro a partir de interconexões; que se possa visualizar como estes meninos transitam num espaço em que o consumidor é mais valorizado que o próprio ser humano;
- c) relativizar a noção de fim, e buscar no cotidiano determinadas constantes nas relações entre indivíduos que possam ser generalizadas.

3.2 A SEGUNDA JANELA: O TRABALHO EM FOCO.

Com o intuito de perceber o processo de organização da sociedade contemporânea, considerando a utilização de uma ética do trabalho no processo histórico da educação de meninos de rua através de instituições e projetos sociais, a categoria trabalho será privilegiada.

Primeiro porque o COCASPE tinha uma proposta sob a ética do trabalho. E, de certa forma, não foi descaracterizada a falta de aproximação com a realidade social local, articulada num processo globalizado. Segundo pelo fato desta categoria ser uma variável interveniente na construção da identidade dos meninos do COCASPE. Saber a interpretação de trabalho e lazer na contemporaneidade faz-se necessário.

Pretende-se apreender interpretações a respeito do papel do trabalho na vida social contemporânea. Trabalho é um conceito que permeia estudos nas várias ciências, sobretudo as sociais que se destinaram a interpretar a sociedade. Existe uma discussão aberta no sentido de utilizar esta categoria na contemporaneidade como central para a análise da estrutura social. Nesta discussão a teorização sociológica é colocada frente a várias interpretações. Fato considerado normal sendo que “o objetivo da teorização sociológica pode (...) ser resumida como a análise dos princípios que formam a estrutura da sociedade, programam sua integração ou seus conflitos e regulam seu desenvolvimento objetivo, sua auto-imagem e seu futuro”²¹.

Neste sentido o trabalho adquiriu por um longo período o “status” de categoria chave na análise da estrutura social. De tal forma que se criou uma ética voltada dele. Uma construção identitária a partir do trabalho. Neste momento dois autores dão uma noção do embate existente. Seriam ANTUNES²² e OFFE²³.

²¹ OFFE, C. **Capitalismo Desorganizado**: Transformações contemporâneas do trabalho e da política. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 168.

²² ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

Estes autores coincidem em alguns posicionamentos e se afastam em outros. Enquanto o primeiro defende a centralidade do trabalho no processo de construção do homem, o segundo apresenta alternativas em relação às categorias interpretativas da organização social. A concepção de trabalho seria um dos pontos de discordância neste processo. Outro ponto em que não convergem seriam as matrizes teóricas que dão sustentação a cada um.

Não se pretende travar embates entre estes autores e suas matrizes teóricas. Mas, de certa forma, mostrar como o trabalho pode ter leituras diversas. Leituras que são necessárias para balizar a busca da percepção desta categoria por parte de meninos de rua.

Ambos autores concordam que as transformações ocorridas na sociedade têm seus problemas gerados por uma crise do capital. A discussão sobre a crise da sociedade do trabalho²⁴ surge no interior do debate da crise do capitalismo e as conseqüências que a nova base técnico-científica afere no sistema produtivo.

Duas formas de apresentar a crise. Para OFFE seriam indícios pautados pelo pronunciamento, em um texto, do Ministro do Trabalho e da Ordem Social da Alemanha. O título era “O trabalho continua”. O segundo indício foi que “embora a produção econômica de bens de serviços cresça em pequena monta, os dados evidenciam uma capacidade decrescente do mercado de trabalho para absorver trabalhadores”²⁵. Para ele, mesmo que este processo não tivesse ocorrido poder-se-ia justificar a crise do trabalho na “perda da qualidade subjetiva de centro organizador das atividades humanas, da auto-estima e das referências sociais, assim como das orientações morais”²⁶. E a evidência mais marcante apresentada seria a grande diferença entre os que possuem trabalho remunerado contratual.

Para ANTUNES a crise é gerada por transformações entre materialidade e subjetividade; nas relações complexas entre o ser e o existir na sociabilidade humana.

²³ OFFE, op. cit.

²⁴ O fim da sociedade do trabalho é um termo empregado por FRIGOTTO, G. **Educação e a crise da capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 1995.

²⁵ Ibid., p. 97.

²⁶ Id.

Nesta perspectiva, o neoliberalismo e a reestruturação produtiva em relação à acumulação flexível seriam as respostas às crises do capital.

Há uma divergência instaurada. OFFE parte da noção de trabalho remunerado contratual. ANTUNES aponta para a importância em verificar as mudanças ocorridas na sociedade e suas conseqüências. No entanto sua percepção é a de que o conjunto de tendências configura um quadro crítico em que “mediações de segunda ordem”²⁷ interferem nos de primeira ordem. Ou seja, os meios de produção estariam pautando as mediações entre indivíduos. As mediações de segunda ordem estariam desprovidas de “orientação humana significativa”²⁸.

Na perspectiva de ANTUNES, as mediações de primeira ordem estariam pautadas pela busca da preservação das funções vitais da reprodução individual e societal. A perspectiva de trabalho surge destas reproduções da existência em função da interação com a natureza. Seriam “dadas pela *ontologia* singularmente humana do trabalho, pelo qual a autoprodução e a reprodução societal se desenvolvem”²⁹. Seria a noção de humanização do homem através de sua capacidade de trabalho frente à natureza. Na qual ele a transformaria e se transformaria. Daí a crítica no sentido de ser contra hierarquias estruturais de dominação e subordinação. Neste sentido ANTUNES vê como um equívoco o fim do trabalho.

Para OFFE, os clássicos entendiam o trabalho, para ser mais específico MARX entendia, como “uma eterna necessidade natural da vida social”³⁰. Perspectiva apontada por ANTUNES. Mas não se pode desconsiderar as “transformações profundas de sua divisão, organização, fragmentação e racionalidade daí derivada”³¹.

O “status” que o trabalho havia recebido dava-se pela posição estratégica que havia assumido, no final do séc. XVIII e final da Primeira Guerra, na superação da sociedade

²⁷ ANTUNES, op. cit., p. 17.

²⁸ Id.

²⁹ Ibid., p. 20.

³⁰ FRIGOTTO, op. cit., p. 97.

³¹ Ibid., p. 97.

estamental e na estruturação da sociedade capitalista³². OFFE demonstra que a referência unitária do trabalho se diluiu. A pesquisa se desloca para temas periféricos como a família, a função do sexo entre outros exemplos. O autor aborda, para mostrar isto, análises macrossociológicas sobre o surgimento da sociedade pós-industrial de serviços. Com esta transição não se pode mais ter uma homogeneização de critérios de produtividade e racionalidade técnica.

ANTUNES tem como tese a centralidade do trabalho na formação societal, colocando-se contra este processo de desconstrução teórica do trabalho.

Mas OFFE prossegue com um novo problema: a consciência social, que em tempo anterior supostamente era adquirida pela consciência de classe, não pode mais ser entendida assim. Por quê? Pelo fato da diferenciação existente entre os que trabalham e a produção da cultura do “não-trabalho”. Destarte, busca-se nova categoria para a sociologia construir seu objeto.

Em decorrência do exposto, OFFE busca a saída numa teoria que vá além da esfera do trabalho. Não numa teoria de contradições e conflitos, mas na teoria da ação comunicativa de HABERMAS que “[...] constrói a estrutura e a dinâmica das sociedades modernas [...] como a colisão entre os “subsistemas de ação objetivamente racional”, mediatizados pelo dinheiro e pelo poder, e um “espaço vital (*lebenswelt*) autodeterminado (*eigensinni*)” pelo outro lado”³³. Com base nesta citação temos o caminho que OFFE irá percorrer. Ele apresenta as categorias substitutivas com base na teoria da ação comunicativa de HABERMAS. São elas: o espaço vital, o modo de vida e o cotidiano.

OFFE³⁴ refere-se à questão do poder social e da autoridade política. Ver estes dois fenômenos no contexto de um capitalismo desorganizado parece ser seu desafio. Portanto, conhecer os sintomas, conseqüências e soluções para possíveis tendências desorganizadoras é seu intuito.

³² Ver OLIVEIRA JUNIOR, op. cit.

³³ OFFE, op. cit., p. 99.

³⁴ Id.

Os principais temas abordados por OFFE são: a separação dentro das forças do trabalho, entendidas como serviço/produção e emprego/desemprego, o papel complexo do Estado desenvolvido, o setor informal, as dificuldades crescentes que os sindicatos enfrentam em face da crise econômica presente e o fracasso das medidas estatais.

ANTUNES visualiza que não há substituição da categoria trabalho. Mas uma interpenetração entre atividades produtivas e improdutivas; entre atividades fabris e de serviços.

A neutralidade dos mecanismos burocráticos de representação, a centralidade do trabalho enquanto categoria e do antagonismo irreconciliável entre Trabalho e Capital são questionados por OFFE. O objetivo em apresentar este autor seria o de compreender as transformações que ele apresenta na sociedade. Não obstante, as idéias de ANTUNES seguem um caminho diferenciado no sentido de buscar uma ontologia do trabalho. No entanto, segue-se por OFFE para melhor apreender as outras possibilidades de entender o processo de consciência social.

No capítulo intitulado de “Trabalho, categoria sociológica chave?” OFFE coloca como problema central saber como manter uma preocupação materialista dos clássicos da sociologia nos dias atuais. Este ponto é abordado dentro de um contexto pertencente ao final do séc. XVIII e final da Primeira Guerra Mundial. Período em que o trabalho foi central nas teorizações sociológicas, sobretudo nos escritos de MARX, WEBER e DURKHEIM, apesar de abordagens metodológicas diferentes.

Para ilustrar melhor essa preocupação, ou seja, a de manter a preocupação materialista nos dias atuais, OFFE apresenta três argumentos sobre o papel de destaque que o trabalho adquiriu nas produções sociológicas. No primeiro, por volta do século XIX, o foco da produção sociológica foi a inversão que houve no modo de relação do trabalho. Com seu crescimento e desenvolvimento quantitativo a família foi separada da esfera de produção e houve o surgimento da propriedade privada e do trabalho assalariado. Rompeu-se com o modelo feudal de trabalho que sustentava a unidade entre

trabalho, família e lazer. A categoria trabalho é incorporada ao trabalhador que passa a executá-lo como forma de subsistência.

No segundo, o nivelamento que houve entre atividades vulgares e nobres. Rompe-se com o modelo anterior, no qual se valorizava a expressão significativa de vida em detrimento das atividades úteis e necessárias. Um novo valor é estabelecido em função das reformas ocorridas no campo da teologia, da economia política e da revolução burguesa. Salienta-se que DURKHEIM foi o único que tentou mostrar uma relação orgânica no novo processo de divisão do trabalho, pois através desta nova divisão é que o indivíduo toma consciência de sua dependência com relação à sociedade. Ou seja, surge uma “solidariedade orgânica numa sociedade burguesa organizada corporativamente”.

No terceiro, o autor nos mostra a separação da categoria trabalho assalariado das associações familiares e tradicionais e destituído de proteção política. Melhor dizendo: o processo de proletarização da força de trabalho e o desencadeamento moral do consumismo levaram à predominância da razão utilitária que possui dois componentes: a) ‘a racionalidade técnica da perseguição dos fins entre humanidade e natureza’ e b) “o cálculo economicamente racional da perseguição dos fins pelos agentes econômicos em processo de interação (...) racional do capital”³⁵.

O fato de o trabalho ter sido ligado a diversas esferas é que o tornou o marco de produção sociológica. A tal ponto que surgiu “a preocupação teórica subsequente com a política social, os sistemas familiares e morais, a urbanização e a religião”. OFFE questiona esta abrangência do trabalho.

Para expor o fim da centralidade do trabalho na organização das estruturas sociais é apresentado um quadro sobre as preocupações temáticas, hipóteses e pontos de vistas apontados pela ciência social contemporânea. Vai-se além. Pretende-se demonstrar

que a dinâmica do desenvolvimento social não é concebida como emergente dos conflitos a respeito de quem controla a empresa industrial; e que a otimização das relações entre meios e fins técnico-organizacionais ou econômicos através da racionalidade capitalista

³⁵ OFFE, op. cit. p. 99

industrial não é compreendida como a forma de racionalidade precursora de mais desenvolvimento social.³⁶

Há a mudança de foco nas pesquisas nas diversas áreas. É o caso das pesquisas políticas, das pesquisas sociológicas da vida cotidiana, do comportamento eleitoral e da atividade econômica. Para ilustrar estas mudanças são apontadas algumas situações. Por exemplo: em estudos sobre a Alemanha o trabalho deixa de ser o foco para ser entendido como “uma variável dependente da ‘humanização’ do trabalho iniciada pelo Estado e das políticas sociais e trabalhistas”³⁷. Ou seja, abre-se uma especificação política dos processos industriais. Também a noção do trabalho enquanto determinante da consciência e da ação social dá lugar à interpretação de que as relações fora deste ambiente é que determinarão experiências e conflitos no ambiente de trabalho.

A questão da distribuição do trabalho e capital está sob os holofotes. Considerando pesquisas sociais para políticas, abre-se espaço para abordagens relacionadas “às estruturas sociais e às esferas de atividades”³⁸, ou seja, a família, saúde entre outros temas que estão fora do domínio da esfera do trabalho.

Entender aspectos sociais a partir do trabalho assalariado restringe a compreensão da realidade. O modelo de estratificação da sociedade, usada pelo modelo marxista, e também o de bem-estar, parece não dar mais conta de mostrar as desigualdades sociais presentes na contemporaneidade. Isto por existir um entendimento de uma “pluralização de formas de vida” presentes na teia social.

A alternativa que se apresenta é um “enfoque sobre um ‘mundo vivido’ que deve ser defendido contra transgressões econômicas e/ou políticas”³⁹. Não confundir o objetivo de se buscar respostas em qualquer conjuntura específica a respeito de mudanças na vida social.

³⁶ Ibid., p. 171.

³⁷ OFFE, op. cit. p. 172.

³⁸ Ibid., p. 173.

³⁹ Ibid., p. 174.

OFFE apresenta três pontos que justificariam o entendimento da implosão da categoria trabalho e a perda de poder enquanto determinante das relações sociais, da estrutura e do desenvolvimento social mais amplo. Seriam: as subdivisões na esfera do trabalho, o declínio na ética do trabalho e a busca de uma nova teoria sociológica da estrutura e do conflito.

Em relação à primeira, apresenta-se a idéia de que o conceito de “divisão do trabalho” não é um conceito adequado para compreender a diferenciação interna que ocorre entre as pessoas que trabalham e as que não trabalham dentro de um processo de expansão relativa de trabalho dependente. Mais. O fato de se trabalhar, de ser um empregado não é mais surpreendente nem relevante para se compreender e perceber interesses, estilos de vida entre outros aspectos.

Em função das transformações que ocorreram no mercado de trabalho, no que tange a qualificação da mão-de-obra a organização e técnica bem como a economia dos diversos países na contemporaneidade, fica quase impossível vislumbrar interesses e ações únicas entre os que possuem um emprego. Maior exemplo disto é o redimensionamento que o Partido dos Trabalhadores, no Brasil, está dando para criar uma base eleitoral. A mudança de foco para os setores informais da economia tem sido uma das direções a ser adotada. Sendo um dos fatos que contribuiu para a vitória nas eleições presidenciais.

Em face destes pontos surge uma interpretação na qual o trabalho pode ser considerado como abstrato, ou seja “uma categoria abstrata estatística descritiva e não uma categoria analítica para explicitar as estruturas sociais, os conflitos e a ação”.

OFFE reporta-se aos confrontos internos existentes no mercado de trabalho que culminam na interpretação de que, do ponto de vista da experiência, muitas atividades assalariadas só têm em comum o nome “trabalho”. Entre os confrontos apontados estariam os trabalhadores na busca “individual ou coletiva dos interesses, entre a ‘luta

dentro dos sistemas de salários’ e a ‘luta contra o sistema de salários’⁴⁰. Sem esquecer a luta em torno de interesses frente a salários crescentes, incompatíveis com objetivos do empregador, estabilidade de emprego e condições de trabalho. Condições estas que atualmente parecem estar cada vez mais distante.

A crítica que se faz e é rechaçado por OFFE seria a de que as formas de trabalho estariam sendo regidas pela mesma “lógica da valorização do capital” e conseqüentemente fomentando as variações existentes nas formas de trabalho. Para refutar esta acertiva aponta-se para a evidência das inúmeras rupturas existentes na pretensa unidade do trabalho assalariado.

Sobretudo nos anos 70 surgiu uma ruptura entre meios de produção e a prestação de serviços⁴¹. Este fato caracterizou, entre outras coisas a constatação de que o trabalho assalariado formal e contratual não engloba produção de bens e serviços. Neste sentido, os trabalhadores são provenientes de outras instituições como é o caso da família e das cooperativas entre outras.

Um dos aspectos que vem abalar a unidade do trabalho assalariado, sob a égide da “produtividade técnica e organizacional e da lucratividade econômica”⁴², é o advento do trabalho reflexivo, sobretudo no setor considerado “terciário”.

OFFE mostra que o serviço reflexivo processa e mantém o próprio trabalho tendo a sua “produção fundamentada conceitual e organizacionalmente”. As atividades são dependentes do salário, mas possui dois aspectos que a distingue da produção industrial da mercadoria. São eles: a) “a heterogeneidade dos ‘casos’ processados nos serviços”; b) “a falta de ‘critério de eficiência econômica’ claro e indiscutível”⁴³ na produção de serviços. A medida no setor público e privado não é o lucro, mas sim o uso concreto.

⁴⁰ OFFE, loc. cit., p. 177.

⁴¹ A transição no regime de acumulação do capital pode ser encontrada numa leitura mais aprofundada em HARVEY, op. cit.

⁴² OFFE, op. cit., p. 178.

⁴³ Ibid., p. 179.

Os padrões que surgem são de não-estandarização que reflete em qualidades de “capacidade de interação, consciência de responsabilidade, empatia e experiência prática adquirida”⁴⁴.

O que se percebe é que a racionalidade em termos de produção de ordem e normalidade utilizada no modelo anterior apenas consegue impor uma limitação externa ao setor de serviços, mas não em termos de estruturação interna. E aqui é que se centra a argumentação pela qual a unificação de um trabalho, enquanto uma categoria de análise da realidade social, não pode mais ser aceita.

A nova visão do trabalho social no setor de serviços é encarada como um corpo estranho ao trabalho assalariado, mas necessário a ele na medida em que se torna um regulador do trabalho e do processo de valorização. Consegue uma libertação dos grilhões de uma racionalidade social consumista. Novas questões são levantadas por este novo trabalhador. Questões que confrontam “os critérios de racionalidade [realização, produtividade, crescimento] em nome dos critérios de valor substantivos, qualitativos e ‘humanos’”⁴⁵.

Como manter produção eficiente e manutenção da ordem num setor que torna-se relativamente autônomo do trabalho assalariado e só pode prestar serviços à sociedade a partir de um ponto de vista reflexivo desta mesma sociedade?

Qual a avaliação subjetiva do trabalho entre a população trabalhadora? Esta questão fomenta a discussão a respeito da influência do trabalho assalariado no processo de ajustamento das pessoas numa ordem social.

Os esforços de OFFE, utilizando como apoio autores como DAHREDORF, são colocados no sentido de mostrar que o trabalho perdeu sua capacidade de “organização da existência individual”.

Dois aspectos dariam status ao trabalho como organizador da existência individual:
a) o entendimento do trabalho enquanto integração social; e através dele o homem teria

⁴⁴ Id.

⁴⁵ OFFE, loc. cit., p. 180.

uma vida honesta e moralmente boa; b) o trabalho enquanto forma de integração do sistema, na qual seria uma necessidade do homem. Aqui se entende que o homem buscaria suas condições para a sobrevivência física.

Tais premissas são inoperantes. OFFE acredita que o fato de os trabalhadores não possuírem o reconhecimento em seus trabalhos enquanto pessoas que atuam moralmente, ao “lado da desagregação das tradições religiosas ou culturais secularizadas”, e também ao lado de um novo modelo consumista, de serviços, ilustra a inoperância das premissas citadas. O advento do Taylorismo, privilegiando a racionalização técnica e organizacional, em detrimento do ser humano, é um dos aspectos relevantes. Pois, começa um processo de extinção das especialidades. Ao lado deste há o enfraquecimento da “dimensão subjetiva do trabalho - o conjunto de obrigações e direitos associados à ‘dignidade do produtor’ e ao seu reconhecimento social”⁴⁶.

Existe, ainda, o declínio de alguns valores e desagregação de algumas esferas baseada no trabalho. Utilizando-se de WEBER, ele mostra que a condução da vida em função de uma vocação ao trabalho já não é tão convincente. Atualmente, baseado em Michael SCHUMANN, a idéia que é dada segue o sentido de que o homem mantém sua auto-imagem desvinculada da sua experiência do trabalho sem, no entanto, buscarem outros ambientes que possam construir uma nova identidade.

Além dos pontos levantados, a constante modificação que tem havido com relação à organização e a jornada de trabalho possibilita experiências ao homem que estão situadas fora do ambiente de trabalho. Neste sentido, torna-se improvável uma análise de vida com base nesta categoria. Surge uma realidade cada vez mais contundente. A do aumento de horas livres.

Este tempo livre está ligado ao sentido de uma estrutura deficiente. Em que sentido? No sentido de que o trabalho influi num caráter restritivo ao lazer. Dois aspectos são levantados. No primeiro a dimensão subjetiva confere uma limitação externa que é apontada como uma forma de esgotamento físico do trabalhador. No segundo, de forma

⁴⁶ OFFE, loc. cit., p. 185.

objetiva, o acesso ao lazer institucionalizado, apontado pelo autor como o turismo, depende de renda disponível.

Em termos centrais, em função do tempo dedicado ao trabalho ter diminuído, este perde seu “status” de formador da identidade individual e coletiva. Na medida em que o desemprego ocorre em massa o sentido de auto-culpa desaparece. Isto pelo fato de descaracterizar a ideologia do fracasso individual⁴⁷.

Aponta-se para um caminho com características próprias. O trabalho, de forma crescente, não influenciará de forma decisiva e única na organização de vida das pessoas. Neste sentido, acredita-se que, também de forma crescente, haverá a diminuição na jornada de trabalho. Não só isso. A desvinculação de grandes jornadas de trabalho como proporção de vida e um grande aumento de população marginalizada do emprego assalariado.

Como forma de descaracterização do trabalho como forma de integração do sistema, no âmbito da necessidade, ou seja, estímulos positivos como recompensas pelo trabalho e negativos pela privação que deve ser evitada através do trabalho, OFFE oferece uma linha de raciocínio. Utilizando-se de pesquisas de psicologia econômica, chega-se ao entendimento de que o aumento de renda não é proporcionalmente direto ao aumento de felicidade. Mais eficiente são vivências fora do ambiente de trabalho, livre de tensões e responsabilidades maiores. No entanto a colocação refere-se ao aumento da satisfação em função da possibilidade de compras de mercadorias.

A idéia de trabalho útil e de inutilidade do trabalho são contrapostas. Estas categorias referem-se a um processo de transformação nas condições de trabalho travado na década de 70. Da forma como estava sendo desenvolvido, o trabalho estava ocasionando muitos problemas de stress, psicológicos, entre outros. Sindicatos compraram a briga e conseguiram uma política pública no sentido de humanização do trabalho. Neste sentido, uma reivindicação ao trabalho tornou-se aquém do necessário. Deu-se espaço a reivindicações em busca do direito ao trabalho útil e significativo.

⁴⁷ Ideologia que tem suas raízes no Darwinismo Social. Conferir BERGO, op. cit.

Surge um mecanismo que aponta para um círculo vicioso, no qual está envolvido o Estado de bem-estar, investidores e o agente individual. O problema está no momento em que o trabalho e a renda individual se dissolve nas relações coletivas e é sancionada por instituições. Neste processo ocorre o problema de bens coletivos. Quais seriam? Tanto as ações quanto suas conseqüências são desvinculadas do agente individual. Neste contexto, não se critica o indivíduo por não buscar compulsivamente o trabalho, até porque seu retorno traria ônus fiscal. Ao mesmo tempo, o agente individual reivindica do Estado de bem-estar mais do que ele colaborou. Já o investidor protela seus investimentos para que as possibilidades de perda sejam mínimas. Neste quadro, a mudança não se opera pela orientação do agente individual. Seria necessário “uma infra-estrutura moral efetiva de normas de solidariedade e de obrigações em relação ao trabalho”⁴⁸ para que não houvesse estas atitudes.

No entanto, OFFE aponta para uma irrealidade desta possibilidade, bem como da proposta Neoliberal de diminuição de responsabilidades do Estado numa proposta de reindividualização das trocas no mercado de trabalho e capital. Isto resulta na impossibilidade de se conseguir uma manutenção na harmonia social através do individualismo e regulamentação pelo mercado.

Em termos gerais, o que se opera é que as ditas “barreiras” do desemprego do trabalho assalariado são intransponíveis no âmbito individual. Como conseqüência, se opera uma classificação de uma economia paralela na qual, por meio da economia informal, se produz uma subcultura. Ou seja: “os membros dessas subculturas provavelmente devem ser pelo menos passivamente hostis aos valores e regras legais da ‘sociedade do trabalho’, e poderiam facilmente formar-se em uma ‘cultura do desemprego’ subproletária, uma ‘não-classe de não-trabalhadores’”⁴⁹.

Na síntese de OFFE pode-se visualizar que uma análise da realidade social mais ampla, bem como um diagnóstico da realidade mais próxima, como é o caso da intenção

⁴⁸ OFFE, op. cit., p. 191.

⁴⁹ Ibid., p. 193.

da presente pesquisa, não pode ser pautada exclusivamente sob uma perspectiva materialista, com o trabalho como epicentro de análise.

CAPÍTULO IV

4.1 SOCIOLOGIA DO PROCESSO: PORTA DE ENTRADA PARA UMA COMPREENSÃO SOCIAL.

Tentaremos aproximar alguns pontos da teoria de ELIAS para compreender a situação de indivíduos, entendidos como grupos quando a sociedade os coloca num mesmo rótulo (meninos de rua), em relação à sociedade em que estão inseridos¹.

Nesta tentativa de compreensão, o entendimento da utilização do lazer seria outro aspecto deste trabalho que nos inquieta. Por quê? O controle das emoções, tratado por ELIAS, ocorre em projetos sociais destinados a meninos de rua como meio educacional destinado a manter uma realidade social. Realidade que seria um processo de alienação nas relações figuracionais entre a comunidade estabelecida, representada pelos atores sociais pertencentes e com a tarefa de efetivar projetos sociais, e os não estabelecidos, representados neste trabalho por meninos de rua.

Algumas categorias utilizadas por Norbert ELIAS serão abordadas, entendendo-as como fonte de inspiração para análise do objeto deste estudo.

Qual seria a o objeto de análise de ELIAS e sua abordagem que veio a ser considerado como original dentro dos estudos em Sociologia? Na sua obra de 1939 “Sobre o Processo da Civilização: Investigações Psicogenéticas e Sociogenéticas” este autor apresenta uma teoria da civilização calcada em estudos a respeito do processo de transformação do comportamento e das estruturas da personalidade, conhecidas como

¹ COURY, G. Norbert Elias e a construção dos grupos sociais: da economia psíquica à arte de reagrupar-se. In: GARRIGOU, A.; LACROIX, B. **Nobert Elias**: a política e a história. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001. p. 123-144.

psicogenética, e uma teoria da formação do Estado, processo conhecido como sociogênese.

A preocupação de ELIAS era compreender o processo de civilização através da psicogênese e da sociogênese. Para ele psicogênese seria o desenvolvimento das estruturas da personalidade humana e as transformações de comportamentos. Dito de outra forma, a preocupação era compreender a passagem de coações externas para uma forma interna de controle. Ou seja, através do controle das emoções para a formação do superego. Neste processo, a escolha dos objetos de estudo de ELIAS chamou a atenção para a criação de um espaço não público para onde determinados comportamentos deveriam se retirar. A psicogênese privilegia o que foi chamado de microfenômenos. A sociogênese apresenta-se como uma forma de contemplar “o desenvolvimento das estruturas sociais”. Para tanto, o processo de civilização é associado à criação do Estado moderno enquanto uma forma de compreensão das transformações sociais. A formação e consolidação do Estado são dados no sentido de uma monopolização de meios coercitivos para o controle, coordenação e integração do “conjunto de processos sociais”. Cabe lembrar que tanto a psicogênese quanto a sociogênese são vistas no longo prazo e num alto grau de interdependência entre ambas: “elas são aspectos interdependentes do mesmo desenvolvimento de longo prazo”. No entanto, o indivíduo em sua curta história passa através dos processos que a sociedade experimentou em sua longa duração.

A “sociologia do processo” ou “sociologia figuracional” são designações da teoria de ELIAS. O raciocínio seria o seguinte: “os homens só aparecem enquanto pluralidades em figurações. A sociologia estuda figurações: o ‘todo’, considerado enquanto processo, resultante das infinitas interdependências que se tecem sem parar entre indivíduos e que os torna, precisamente, indivíduos”. Estas interdependências formadas entre os homens seriam o motor para a compreensão micro e macro da sociedade, no longo prazo. Portanto, figurações seriam estas relações que estão intimamente ligadas a relações de poder.

Para aprofundar um pouco sobre esta noção de ‘todo’ enquanto processo, busca-se subsídios no prefácio feito por DUNNING² no livro “Em Busca da Excitação”³.

A preocupação de ELIAS era alargar o conhecimento da humanidade. Este fato nos dá a pista para entender a preocupação do autor em estudar os seres humanos no seu aspecto global. Fato este apontado por GOUDSBLOM em um relato utilizado por DUNNING⁴. “ELIAS atribui nítida prioridade à síntese em relação à análise”⁵. A preocupação é de não compartimentalizar, nem fragmentar pessoas, do ponto de vista biológico, psicológico, e a sociedade pela utilização de categorias. Existe a proposta de uma inter-relação entre indivíduos que produzem a sociedade. E a sociedade influenciando os indivíduos num contexto complexo, no qual economia, trabalho e política estão imbricados na mesma existência, na dependência dos indivíduos. Esta tentativa de superação do dualismo, no qual a sociologia está separada de outras disciplinas, toma atenção deste autor, principalmente no tocante a uma ou outra escola se comprometerem com uma ou outra perspectiva das diversas possibilidades do mundo social. E a possível solução estaria na tentativa de realizar constantes cruzamentos entre “o raciocínio teórico e a investigação empírica” no sentido de um crescimento do conhecimento humano. A idéia é a de que uma abordagem global produziria um combate

² ELIAS, N. DUNNING, E. Em Busca da Excitação. Lisboa: DIFEL -Difusão Editorial, Lda, 1985.

³ O início desta apresentação é feito pelos dados biográficos do autor. Desde seu nascimento em 1897, de origem germano-judaico, até a contextualização do interesse do autor pela violência, fruto de profunda decepção da perseguição alemã aos judeus, que resultou na morte de sua mãe em Auschwitz. Alargar o conhecimento sociológico e psicológico a respeito da violência, com o objetivo da humanidade não incorrer em erros do passado, foi o foco de ELIAS. A contextualização de sua formação em Frankfurt deu-se num momento em que a própria sociologia desenvolvia-se. ELIAS iniciou a construção de sua teoria no momento em que havia, na Alemanha, a preocupação com o “*methodenstreit* – a luta pelo método”³. Ou seja, num momento em que a preocupação em determinar os métodos e conceitos científicos apropriados e adequados aos estudos dos seres humanos e da sociedade, era a tônica de diferentes escolas. Mais. ELIAS vivenciou a polêmica existente entre duas linhas de pensamento: o marxismo, representado por ADORNO e HORKHEIMER, e o departamento de Sociologia de Frankfurt, representado por MANHEIM; ELIAS tornou-se assistente deste último.

⁴ GOUDSBLOM, p. 21. responses to Norbert Elias’s Work, p. 79 In ELIAS, N. DUNNING, E. Em Busca da Excitação. Lisboa: DIFEL -Difusão Editorial, Lda, 1985, p. 23.

⁵ Id.

a constantes fragmentações a ao embate existente entre diversas escolas (materialismo X idealismo, etc). E entre duas possíveis dimensões de problemas e soluções a presente proposta tende a ser um guia. Tenta-se uma aproximação com o real através de sua síntese, com base na teoria e na observação, e não no que os outros pensam ser este real, através da análise.

A idéia de superação do dualismo entre determinadas escolas é justificada na medida em que ELIAS entende que existe, com relação ao método adequado para compreensão dos seres humanos e suas sociedades, um todo estruturado no qual possui “níveis emergentes”. O ser humano possui níveis de inter-relações e uma certa autonomia. Nesta autonomia existem propriedades únicas identificadas como “línguas, códigos morais, Estados, greves, parentescos, casamentos, economias, (...)”⁶. Neste sentido, o método adequado não poderia ser fragmentado, proveniente de áreas que estudam fenômenos de forma isolada, como seria o caso dos “derivados de estudo de fenômenos de níveis inorgânico e orgânico”⁷. Para ELIAS, “os modelos de estrutura e/ou processo devem ter precedência relativamente às generalizações da lei”⁸. Esta citação está contextualizada em relação à críticas feitas por ELIAS a conceitos e leis universais como as únicas a merecerem o estatuto científico. O conceito, ou lei, consiste em uma forma de bloqueio para o entendimento e crescimento do conhecimento. Outro obstáculo estaria ligado ao uso da linguagem. Determinadas formas de expressões remetem a uma visão dualista. Uma forma de expressão que poderia dar a idéia de que mudanças contínuas ocorrem a partir de um objeto isolado em estado de repouso. Teríamos a idéia de que um determinado fenômeno partiu de um ponto que seria o marco zero do fenômeno, a origem que desencadeia o movimento. O que se pretende realçar é que as estruturas e/ou processos não estão desligados das pessoas envolvidas. Não se constituem em uma “coisa” à parte. Este fenômeno de redução conceitual de processos observáveis, no caso

⁶ ELIAS; DUNNING, op. cit., p. 23.

⁷ Id.

⁸ Ibid., p. 24.

com a sociedade e as pessoas, teria sido chamado de “estado de redução” ou “processo de redução”⁹.

Estas duas traduções trouxeram formas de conceituar o objeto de pensamento da sociologia como estático e separado. Ou seja, as pessoas e as relações produzidas por elas são conceituadas de forma estática e compartimentalizada, separada. Como possibilidade de superação, ELIAS cria a noção de “configuração e *homines aperti* ou seres humanos abertos”¹⁰. O que seria? Configuração seria uma “teia de relações de indivíduos interdependentes que se encontram ligados entre si a vários níveis e de diversas maneiras”¹¹. Já os seres humanos abertos teriam a designação do indivíduo estar “orientado para os outros”, aberto aos outros indivíduos que fazem parte desta teia de interdependência de indivíduos. São complementares. Níveis diferentes, mas complementares no universo humano. Esta noção de configuração é ampliada na medida em que as ações provenientes destes indivíduos interdependentes produzem uma estrutura na qual surgem propriedades chamadas emergentes. Quais seriam estas propriedades? “Relações de força, eixos de tensão, sistemas de classes e estratificação, desportos, guerras e crises econômicas”¹². No centro das configurações surge uma das propriedades: o poder.

Relações de poder para ELIAS possuem um caráter polimorfo e multifacetado. Não se reduz ao controle unilateral de algo, ou alguma coisa. Em contraponto ao marxismo este poder seria o acesso aos controles dos meios de produção ou a propriedade. Tenta-se avançar em relação às concepções totalizantes, universais. O conceito de poder em ELIAS seria algo presente nas relações interdependentes. As relações humanas produzem dependência. E o grau de dependência define a quantidade de poder que possuímos em relação ao outro ou o outro em relação a nós. Quanto maior o nível de dependência, maior o grau de poder que existe. Portanto, o poder é encarado por

⁹ Formas de tradução de *zustandsreduktion*. Termo utilizado por Elias para designar a redução na forma de visão da sociedade e das pessoas.

¹⁰ ELIAS; DUNNING, op. cit., p. 25.

¹¹ Id.

¹² Ibid., 26.

ELIAS como uma característica de todos os seres humanos. Este poder está vinculado a relação que o indivíduo estabelece com o outro. Enquanto houver um convívio, e este convívio representar valor, o indivíduo terá poder.

Como ELIAS rejeita abordagens sociológicas analíticas que fragmentam a sociedade em fatores, variáveis e esferas, ele tenta determinar o “peso causal relativo que existe no processo social, ou em certos aspectos deste, dos fatores, variáveis ou esferas”¹³. Procura-se um equilíbrio entre análise e síntese. Qual o caminho? Determinar a “posição estrutural de fatores particulares em configurações mais vastas e em relação à estrutura dessas configurações *per se* do que tem sido evidenciada até agora em muitas teorias sociológicas”. Dito de outra forma, os fatores, como o político, possui uma posição numa estrutura. Não que a análise da estrutura esteja vinculada a uma análise apenas do fator político. Como determinar a sua posição na estrutura? Mais, como determinar esta posição em configurações como as estabelecidas entre cidades, cidade-Estado, etc. Este mesmo raciocínio serve para pensar estas configurações. ELIAS entende que na estrutura de configurações humanas existem dois pontos a considerar: 1º - função de características quantitativas e, 2º - da forma como estas características quantitativas se relacionam e combinam. As características quantitativas referem-se à dimensão estrutural (cidades) e às particularidades dos indivíduos. “Nas configurações sociais [...] as qualidades constituintes variam de acordo com as totalidades de que representam uma parte”¹⁴. A idéia transmitida é que os fatores variam de acordo com as sociedades. Portanto, as abordagens que tendem a focar um fator econômico sobressaindo numa generalização universal recai num erro. Justamente pelo fato da economia não ser a mesma em outras sociedades. Justamente pelo fato das configurações sociais serem diferentes em diferentes universos culturais.

A síntese, proposta por ELIAS, tem uma preocupação em relativizar a noção de importância. A importância de determinados aspectos está ligada à estruturas e tipos de

¹³ ELIAS; DUNNING, loc. cit., p. 6.

¹⁴ Id.

relações. O caso apresentado seria a do Estado. Nas sociedades industriais a função do Estado é central. Principalmente pelo fato de possuir o poder de controle e gestão sobre instituições particulares. Neste sentido, o acesso ao controle do Estado, representado pelo acesso aos meios de força e dos impostos, torna-se um “aspecto chave do processo social”. Ainda mais neste processo de globalização. Processo que permitiu uma rede internacional de relações. Os Estados, no contexto de ELIAS, possuiriam maior autonomia frente à economia, ao modo de produção da sociedade que o organizou.

Para ELIAS a base de constituição da dinâmica do comportamento das sociedades-Estados está na disputa pelo acesso ao poder do Estado. Poder este em controlar “instituições industriais, financeira e educativas” e a luta por esse acesso seria focada pela “configuração anatômica”. Esta configuração seria entendida em cinco pontos. A síntese deles poderia privilegiar a divisão do trabalho ou “dimensão e estrutura de suas cadeias interdependentes”; pelo equilíbrio de pressões que centralizou o Estado de forma estável; pela forma que adquiriu o Estado; pelo tipo de economia, vinculada ou não com outras estruturas intersociais; o equilíbrio de poder entre grupos constituintes. Isto quer dizer, nas formas de controle que são articulados de forma interna e externa aos grupos inter-relacionados, chamados de “democratização funcional”¹⁵. A organização e comunicação entre esses grupos, bem como o acesso aos recursos, ao conhecimento significativo, e à instituições-chave darão o grau de equilíbrio de poder.

A “dinâmica imanente das configurações” seria resultado das lutas existentes pelo poder. De tal maneira que teríamos um processo de comportamento. Este processo se dá pela estrutura social das configurações e também é transformado por elas. A tal ponto que se acredita num caráter “cego ou não planejado”. Esta noção seria fruto de relações não intencionais entre indivíduos e grupos. Este processo, embora cego, deu origem ao processo civilizador. Para o entendimento dos elementos constituidores deste processo, DUNNING aponta para os principais. Em resumo seriam cinco. “A formação do Estado”, decisivo no processo, na medida em que controla os meios de força e de impostos por

¹⁵ ELIAS, N. DUNNING, op. cit. p. 29.

meio de aumento da “centralização administrativa, política e de pacificação”; “aumento na cadeia de interdependência”; “equilíbrio de poderes entre classes sociais ou grupos (democratização funcional)”; “elaboração e refinamento das condutas e padrões sociais”; aumento de pressão social no sentido dos indivíduos exercerem o autocontrole, em especial na área das relações sociais; aumento da importância da consciência (superego) como reguladora do comportamento.

A exemplificação destes processos cegos, em que as diversas formas de organização de poder interagem, podem ser representadas pelo processo de “cortezização e/ou parlamentarização dos guerreiros medievais”¹⁶. A descrição ou explicação deste processo seria no sentido de entendê-lo como um processo de transição ao qual o guerreiro é submetido. Uma transição que substitui o uso da violência dos guerreiros para resolver determinados conflitos na vida cotidiana pelo “debate e refinamento das atitudes dos cortesãos”. Em termos gerais há uma distinção na forma de controle da violência e dos conflitos em relação ao uso de violência/força. E esta aparente dualidade (violência/força) é encarada como forma específica de interdependência. Tenta-se vincular dois pontos centrais para determinar a civilização: “o estágio de controle da violência e o monopólio de impostos para gerar determinadas forças internas”. O que sugere que o crescimento da economia e estabelecimento do Estado são centrais neste processo. Dito de outra forma, no processo histórico vivenciado pela humanidade houve uma substituição ou refinamento no uso da força para controlar a violência. E este controle é central para determinar o que ELIAS chama de civilização. Para haver um maior controle, o crescimento da economia, através do monopólio dos impostos, aliado ao estabelecimento do Estado, são determinantes para a formação de uma força interna capaz de produzir desde formas refinadas de controle até o uso de força/violência para impor este controle.

¹⁶ GEBARA, A. Anotações para a teoria do processo civilizador: proposições para a história da educação. 100 anos de Norbert Elias, Piracicaba: Unimep, 1997.

DUNNING aponta para a “tríade dos controles básicos”, de ELIAS, como um meio para melhor entender sua teoria. Esta tríade serve para demonstrar a fase de desenvolvimento de uma sociedade e é apresentada em três pontos aqui resumidos: 1) controle de acontecimentos naturais que corresponderia ao desenvolvimento científico e tecnológico da sociedade; 2) controle das relações sociais que está diretamente ligado ao desenvolvimento da organização social; 3) do aprendizado de cada indivíduo para exercer o autocontrole que se refere ao processo de civilização. Estes controles básicos são interdependentes tanto no seu desenvolvimento como no funcionamento. Independente da fase em que se encontrem, não evoluem, necessariamente, no mesmo ritmo. Salienta-se que um deles pode atrasar ou impedir a evolução dos outros.

DUNNING faz uma aproximação entre o controle das ciências naturais e as ciências sociais. Nesta aproximação fica patente que o desenvolvimento tecnológico proporcionou um maior desenvolvimento do controle sobre a natureza do que o controle sobre as relações humanas. Desta situação surgem alguns problemas. Remete ao fato de que o controle das relações humanas é menor que o controle da natureza. Portanto, os modelos de análise e síntese dos fenômenos naturais são mais adequados ao objeto do que os existentes nas ciências sociais, dado que as relações sociais evoluem rapidamente.

Com esta apresentação alguns pontos tornam-se centrais. A proposta da teoria das configurações e do desenvolvimento de ELIAS propõe uma síntese do real de tal forma que possamos visualizar as relações interdependentes como prioritárias na constituição dos indivíduos e da sociedade. A questão do método adequado para enfrentar as relações sociais, discutido na época de sua formação, não pode ser fragmentado. A explicação no sentido de superação desta fragmentação nos parece clara com a exposição acima.

4.2 DA ORIGEM AO AUTO-CONTROLE: A FUNÇÃO DO ESTADO NO PROCESSO.

Meninos de rua poderiam ser representados por uma população que sempre esteve em níveis inferiores nas relações interdependentes entre indivíduos da sociedade. Talvez o termo outsiders possa representá-los.

Colocando-os como outsiders vislumbra-se a possibilidade de compreender propostas institucionais que buscam uma forma de controle sobre esta parcela populacional. Portanto, pensar o problema sob a ótica do processo de civilização de Norbert ELIAS parece uma saída, sobretudo se usarmos a psicogênese. Ou seja, através do controle dos afetos/impulsos (emoções) como forma de introduzir uma relação de poder através do superego.

Dado a possibilidade do caminho, recorre-se à relação com o texto produzido por GOUDSBLOM¹⁷.

Contextualizando o estudo de ELIAS, o presente autor apresenta a idéia de que nos dois volumes do Processo Civilizador ELIAS estuda apenas um episódio da história da civilização humana, sobretudo, a história das relações humanas vividas na Europa ocidental. Sob este prisma, em outros trabalhos, ELIAS amplia a delimitação cronológica de sua investigação.

Com o objetivo de rever a forma de discussão do processo civilizador, como teria ocorrido na década de 1970/80, GOUDSBLOM apresenta uma classificação em três níveis do processo civilizador. O nível do individual, nível em que todos nascem com “capacidade e necessidade de aprender”¹⁸. Entende-se este nível como um primeiro degrau pelo qual a criança adquire seu auto-controle por meio do qual ela aprende a controlar suas impressões e impulsos provenientes de estímulos do meio exterior. Dito de outra forma, a criança está sujeita a um processo de aprendizagem relativa ao meio ao

¹⁷ O processo civilizador e a domesticação do fogo. GOUDSBLOM, J. Universidade de Amsterdã. *Journal of World History*, vol. 3, n. 1 – 1992 by University of Hawaii Press.

¹⁸ *Ibid.*, p. 2.

qual ela está inserida, aprendendo comportamentos aceitos e convencionados pelo grupo social, não sendo imutáveis. O segundo nível seria o processo sociocultural, neste nível há o entendimento de que a padronização dos comportamentos, ou normas comportamentais e suas mudanças são passados de geração para geração através do processo civilizador; do processo histórico. Interessante ressaltar a inexistência de uma linha de partida para o processo civilizador da Europa. Os padrões de comportamentos seguiram a regra de aprendizagem das crianças com os mais velhos. Não teria existido um ponto zero, como já apontado, em que teríamos conhecimento de uma sociedade ou grupo sem normas. O terceiro nível seria o de uma história humana mais ampla, na qual os dois níveis anteriores (individual e social) estariam inseridos. Neste terceiro nível é que GOUDSBLOM apresenta o fogo como “um aspecto básico da vida humana”¹⁹. A idéia é a de que o controle do fogo seria um ponto em que se poderia testar a teoria do processo civilizador, na medida em que seu controle e a evolução deste foi feito como meio cultural. Poderia-se elegê-lo como o fenômeno cultural mais antigo conhecido em contraste com a idéia acadêmica do “alvorecer” da sociedade com o surgimento da agricultura, cidades e a escrita. Antes destes 10 mil anos existe a idéia de uma incivilização da humanidade.

O autor não compactua com esta idéia e apresenta um raciocínio pelo qual os grupos humanos vão se organizar e aumentar sua complexidade social na medida em que evolui a forma de controle do fogo, primeira grande transformação ecológica. Muito antes da ascensão da agricultura, dando-nos a idéia de que a evolução desta estaria subordinada ao controle do fogo. Este fogo, ou melhor, a administração do fogo, não seria a única causa no aumento das diferenças de comportamento entre os homens e no aumento do poder, mas seria um elemento central no processo.

Quatro características sobre o fogo são apresentadas. Ele é destrutivo, irreversível, sem intencionalidade e auto-gerado. Estas quatro características estariam vinculadas ao seu poder de destrutividade, ao poder de transformação de matérias, ao caráter aleatório de sua ação e a sua capacidade de se reproduzir. Com estas características quais seriam os

¹⁹ GOUDSBLOM, loc. cit., p. 3.

atrativos que levaram o ser humano em busca de seu controle? O de dar objetivos ao uso do fogo no sentido de utilizá-lo de forma produtiva. Como? Desde sua utilização para cozinhar e “limpar”, como fonte de calor e de luz, segurança contra predadores e para modelar ferramentas. Como ilustração, a queima de lugares com o intuito de limpar os espaços possibilitava, após um período, o crescimento de pastos nos quais os animais vinham se alimentar, facilitando a caça para os humanos.

O fato é que este conjunto de utilização produtiva do fogo produziu grupos humanos mais fortes, caracterizados por ELIAS como “unidades de sobrevivência”. GOUDSBLOM mostra-nos que este processo produz o que se chamou de crescimento intensivo, referente ao aumento de calor no modo de produzir um padrão de conforto material proporcionando melhora na qualidade de vida e crescimento extensivo, referente à maior tolerância em relação ao frio intenso proporcionando uma maior mobilidade humana, que culminou numa expansão territorial e a um crescimento populacional.

Na medida em que ocorre o aumento do controle sobre o fogo, de forma consciente, aumenta proporcionalmente a dependência em relação à sua utilização, inconscientemente. Isto vai acarretar ao ser humano arcar com os custos da domesticação. O fogo vai impor a necessidade de uma nova dinâmica social. Na medida em que aumenta a dependência pelo fogo, surge a necessidade de uma “administração do fogo” para conseguir a manutenção de sua utilização durante todo o tempo; combustível, armazená-lo contra a chuva e vento.

Independente de diferenças entre grupos humanos, o processo de manutenção do fogo foi semelhante. Esta manutenção impõe um controle social do fogo. A cooperação social e a divisão do trabalho são necessárias e isto impõe a necessidade de restrições e o uso de disciplina. Nesta linha de raciocínio, constata-se a dependência de uma administração do fogo e esta administração leva o homem a sujeitar-se a “constrangimentos sociais e psicológicos” que dão origem ao que se chamou de

“constrangimentos civilizadores, que se tornaram parte da cultura humana em todo lugar”²⁰.

Outros fatores contribuíram para o aumento do crescimento intensivo e extensivo. Estes fatores são mais recentes, provenientes de mais ou menos 20 mil anos atrás. Foi o advento da agricultura e da criação animal, acelerando o crescimento citado.

O processo de incorporação de animais e plantas nas comunidades humanas, com o objetivo de prover as comunidades de comida através da domesticação, ocorreu de forma similar ao do fogo. A segunda transformação ecológica advinda dos homens necessitou um processo de cuidados especiais para com os animais e plantas.

GOUDSBLOM ressalta que ao mesmo tempo destas transformações o homem aumentou sua capacidade destrutiva e sua vulnerabilidade frente à catástrofes na medida em que introduziu forças não humanas dentro das sociedades.

Com o objetivo de identificar a tendência dominante na diferenciação no comportamento e poder entre grupos humanos e animais é que o autor sugere um olhar mais profundo. Mais distante no tempo. O advento da agricultura proporcionou uma diferenciação de comportamento e poder entre sociedades com e sem agricultura. Enquanto as primeiras permaneceram tribos, clãs, as outras transformaram-se em impérios. O que se sugere é a diferença no processo civilizador nas diversas sociedades em partes diferentes do mundo e, depois, em “diferentes estratos sociais em cada uma destas sociedades”.

Estas sociedades agrárias tiveram divergências e convergências. O processo de estratificação das sociedades é um exemplo no qual houve grandes diferenças de bem-estar e poder entre seus membros. Em todas as sociedades o perigo proporcionado pelo fogo e em como lidar com este perigo nas cidades foi outro exemplo. GOUDSBLOM mostra-nos que o processo de crescimento populacional levou à criação de cidades e nelas as pessoas possuíam seus bens materiais e seus fogos. Daí surge a formação de grupos

²⁰ GOUDSBLOM, loc. cit. p. 6.

para combater incêndios e arruaças, e potenciais saques durante possíveis incêndios. Daí a necessidade de controle populacional.

Outras convergências apontadas por GLOUDSBLOM seriam: as regulações impostas aos cidadãos, sem sucesso; modo de construção de casas e habitação; organização de brigadas de incêndio; formas da população enfrentar incêndios quando ocorriam.

Com a era moderna surge a terceira grande transformação ecológica. É o processo de industrialização. O controle dos possíveis acidentes melhora com campanhas civilizadoras nas quais o bombeiro surge como maior ícone.

Neste processo de industrialização, a chamada “administração industrial” proporciona tantas ou mais situações constrangedoras como aquelas provenientes da administração do fogo. O processo global seria outro momento que leva a este círculo vicioso entre divergências e convergências entre sociedades.

Neste texto surge a possibilidade do processo civilizador da humanidade estar apenas começando. E os homens continuam provocando os mesmos constrangimentos ao ser humano em nome do controle das diferenças de comportamento em busca do poder.

Como poderíamos pensar nosso objeto neste contexto? Dentro de nosso estágio de desenvolvimento verificamos que a administração do mundo globalizado leva-nos a conflitos entre sociedades que poderiam ser balizadas pelas lutas em busca de novos mercados, como é o caso da luta pela abertura das economias, em busca de consenso; lutas entre sociedade com diferentes ideologias (guerras, terrorismo); e no âmbito micro, as lutas pela sobrevivência, balizada pelas relações intersubjetivas na constituição de grupos sociais com a constituição de uma identidade. Estas relações levam a comportamentos heterogêneos. Estas diferenças de comportamentos proporcionam uma tensão que, aparentemente, só é amenizada com a intervenção de instituições (públicas ou privadas) que possuem o objetivo histórico de aumentar o controle sobre os indivíduos e conseqüentemente o aumento da dependência destas em relação às instituições, como ocorreu com o processo de controle do fogo.

O processo vivenciado pelos meninos de rua na atualidade não está exatamente da maneira que deveria estar? Sujeitos a constrangimentos construídos pela formação societal?

Qual seria a possível articulação com o tema desta pesquisa? Explorar a tentativa do Estado, representado neste trabalho pela ação governamental do município de Ponta Grossa, em centrar atividades de controle sobre meninos de rua com o objetivo de produzir-lhes o auto-controle, através dos processos figuracionais, talvez seja possível na medida em que se busque as ferramentas utilizadas por ELIAS em seu único estudo específico. Referimo-nos ao livro “Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade”²¹. Um dos pontos a serem questionados desde já seria “como entender este processo num período de curta duração? Talvez, como resposta preliminar, o entendimento de como se constituem determinados grupos e a partir deles a compreensão de como surge o processo de estigmatização, possa ser uma porta para refletir sobre este estudo. Dito de outra forma. Entender como os grupos excluídos reagem frente à tentativa do Estado de produzir-lhes ações coercitivas e auto-reguladoras. Apesar do objeto deste estudo estar centrado numa amostra com um período de oito a dez anos fica patente que a situação vivenciada pelos meninos de rua na história do Brasil, por exemplo, constitui um objeto na longa duração. Como exemplo o segundo capítulo mostra a condição social meninos de rua.

4.3 CONTROLE ATRAVÉS DA ESTIGMATIZAÇÃO.

Na apresentação à edição brasileira da obra de ELIAS e SCOTSON feita por NEIBURG²², tem-se um panorama geral do que ela aborda. ELIAS apresenta dois novos mundos em que sua abordagem vai servir como centro de análise das figurações sociais. Qual seria a preocupação da obra? Diríamos que neste estudo eles conseguem apresentar

²¹ ELIAS, N., SCOTSON, L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

²² NEIBURG, Frederico. A sociologia das relações de poder. In ELIAS; SCOTSON, op. cit., p. 7.

uma figuração social (relações de interdependência que “unem, separam e hierarquizam indivíduos e grupos sociais”) no sentido de pensar relações de poder (também apresentada como superioridade social e moral, autopercepção e reconhecimento, pertencimento e exclusão) através da interpretação de dados empíricos aparentemente insignificantes que levam as ciências sociais a pensar uma nova interpretação a respeito de exclusão e violência. Estabelecidos e outsiders são duas categorias de análise empregadas por ELIAS e SCOTSON no estudo de um vilarejo inglês chamado Winston Parva no que se refere a relações de interdependência entre indivíduos em decorrência da busca de mais poder. Neste vilarejo surgem grupos que descaracterizam a possível homogeneidade do povoado. Um dos fatores que determinava a divisão deste vilarejo era o “status” de pertencimento a um grupo denominado em inglês pela palavra *established* ou *establishment*. Estas palavras seriam usadas para a designação de um grupo detentor de mais poder e prestígio dentro da comunidade. Este poder e prestígio seriam definidos por tradição, autoridade e influência dentro do vilarejo industrial. O termo outsiders seria empregado para designar pessoas não pertencentes a esta elite, ou grupo, mas ligadas entre os indivíduos de uma população com laços sociais menos intensos, geralmente associados à anomia. Estas categorias seriam definidas pela negação e constituição de um pelo outro como constituinte de uma identidade social. No entanto, pessoas ligadas as duas categorias estariam separadas e unidas “por um laço tenso e desigual de interdependência”.

Os estabelecidos possuíam uma percepção de superioridade frente aos outsiders. Superioridade social e moral. Como ELIAS e SCOTSON estabelecem o entendimento das relações de poder entre estabelecidos e outsiders?

A divisão de dois grupos é balizada pelo tempo de moradia. Os mais velhos eram considerados superiores aos mais novos. Estes seriam levados a pensar que seriam pessoas de menor valor humano, conseqüentemente lhes faltava virtude humana superior. Esta percepção era dada pelos membros do próprio grupo. Seria o que se chama de auto-imagem normal. Neste processo os indivíduos do grupo que se auto-intitulam de superiores conseguem que os indivíduos designados de inferiores sintam-se “carentes de

virtudes” – ou seja: “humanamente inferiores”. Como se processa isso? De que modo mantém-se este tipo de crença? De que meios utilizam para manter esta crença?

Os estabelecidos recusam o convívio social com outsiders, exceto o profissional. Esta recusa era mantida pelo uso de “meios de controle social como a fofoca elogiosa [*praise gossip*] e a fofoca depreciativa [*blame gossip*]”, sendo a segunda atribuída a suspeitos de transgressão. Não havia diferenças entre grupos em relação à classe social. E sim de tempo de moradia no vilarejo.

O alto grau de coesão entre os moradores permitia aos estabelecidos manterem os outsiders em seu devido local na medida em que utilizavam desta coesão como forma de controle comunitário. De que forma? Reservando cargos importantes para seus membros em conselhos, clubes e escolas.

A coesão em busca de poder é uma constante nas figurações. Nestes grupos a imagem de seres superiores era obtida em relação à auto-imagem dos seus melhores membros. Os melhores que se destacam dentro do grupo estabelecido, que pode ser uma minoria, contribuem para a formação da auto-imagem do grupo. O meio de controle para não haver uma aproximação de convívio com membros outsiders era a fofoca. Para provar para si e para os outros que o grupo é formado de indivíduos superiores em relação ao outro grupo, as ações individuais são classificadas de acordo com o interesse. Aqueles que se aproximam do grupo de estabelecidos possuem uma imagem semelhante aos piores do grupo estabelecido, ativando um mecanismo de defesa que seria a fofoca depreciativa [*blame gossip*].

Como funciona a sociodinâmica da estigmatização²³? No estudo de Winston Parva ficou patente a presença de um estigma entre o grupo de estabelecidos com relação aos moradores de outra localidade, os outsiders. Os outsiders seriam inferiores por serem de “lá”. Esta seria outra característica, a de um grupo estigmatizar outro. ELIAS mostra uma tendência em se tratar a estigmatização social enquanto uma situação contida entre indivíduos e a forma mais clara disto é conceituar tal situação como “preconceito”. No

²³ Condições pelas quais um grupo consegue estigmatizar outro.

entanto, ele nos alerta que esta situação ocorre, ao mesmo tempo, no grupo; e o entendimento da estigmatização depende deste discernimento. Ilustra-se tal situação na medida em que é apresentado o exemplo de indivíduos que se estigmatizam em função ao pertencimento a um grupo e não à sua qualidade individual. O alerta em relação a esta situação seria que a chave para o entendimento está na relação figuracional entre os grupos, na natureza de sua interdependência, e não em análises contidas em categorias como “preconceito social” que estão centradas na estrutura de personalidade dos indivíduos.

A idéia contida para o entendimento da estigmatização de um grupo pelo outro seria a de que existe “um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes”²⁴, situação esta caracterizada como condição decisiva para uma estigmatização eficiente. Ela será eficaz se os membros do grupo estabelecido estiverem bem posicionados em locais de poder e os membros de outros grupos, ou grupo, estiverem excluídos destas posições. A posição é clara: enquanto um grupo detentor de posições privilegiadas de poder mantiver estas posições e conseguir manter os membros de outro grupo longe destes cargos, inculcando neles a noção de que são seres humanos inferiores, conseguirão manter sua superioridade social. A arma? Vender a idéia de que os outsiders são incapazes. A tática de enfraquecimento é fazer com que este estigma atinja a auto-imagem do grupo mais fraco. O problema se instaura para os estabelecidos na medida em que não consegue manter o monopólio dos cargos de poder. Surge aí uma diminuição da capacidade de estigmatização ou até a inversão desta capacidade. Caso haja a desigualdade do equilíbrio de forças existe a hipótese dos antigos outsiders retaliar. É a chamada contra-estigmatização.

ELIAS mostra o porquê da utilização de uma estrutura global da relação entre os grupos, saindo de uma abordagem individual das relações de desprezo e estigmatização. O problema enfrentado fica mais claro na medida em que ELIAS apresenta a preocupação em “saber que características estruturais da comunidade em desenvolvimento de Winston

²⁴ ELIAS; SCOTSON, op. cit., p. 23.

Parva ligavam dois grupos de tal maneira que os membros de um deles sentiam-se impelidos (...) a tratar os de outro, coletivamente, com certo desprezo, como pessoas menos educadas e, portanto, de valor humano inferior, se comparadas com eles”²⁵. A coesão e a integração na organização social são diferenciais de poder na medida em que se constata como principal ponto na diferenciação dos grupos existentes em Winston Parva.

Como funcionava? Os antigos moradores, mais de três gerações, “estabeleceram para si um estilo comum e um conjunto de normas”. Portanto, qualquer estranho poderia ameaçar este conjunto de normas e este estilo de vida. Para eles, “a inclusão na coletividade estava ligada à vida e às tradições comunitárias. A forma de afirmação da superioridade e da identidade grupal era feita através da estigmatização de recém chegados. Novamente a coesão tem papel central. As características de superioridade se dariam pelo seu alto grau de coesão, pelo alto valor humano, entendido como carisma do grupo. Os outsiders eram desprovidos deste carisma na medida em que não conheciam os membros de seu grupo, sem coesão social, desonra grupal.

Um dos aspectos apresentados com relação à complementaridade entre o carisma e a desonra grupal seria um dos aspectos relevantes no estudo do vilarejo. Permitiu uma contextualização em outros ambientes. Esta complementaridade permitiu, ainda, ao autor visualizar uma barreira emocional na figuração, ou seja: entre os grupos. Esta barreira, criada pelos estabelecidos em relação aos outsiders, seria a responsável pela manutenção do tabu de não manter relacionamentos com membros de outsiders, exceto o profissional, mesmo que isto diminua “seu excedente de poder”.

Para entender a mecânica da estigmatização, termo de ELIAS, é necessário compreender a imagem criada por indivíduos a respeito de seu grupo em relação a outros e de sua posição dentro do grupo. Como apresentado anteriormente, as pessoas pertencentes ao grupo usufruem do carisma grupal, atribuído a eles por eles mesmos. No entanto, para a manutenção deste carisma grupal submetem-se as “regras específicas do

²⁵ ELIAS; SCOTSON, op. cit., p. 24.

grupo[...] através do controle dos afetos”²⁶. Existe uma relação funcional entre o orgulho de pertencimento ao grupo poderoso em relação a sujeição a cumprir as obrigações que lhe são impostas. Existe um alto grau de comprometimento e submissão ao grupo em função do alto grau de satisfação proporcionado por pertencer a este grupo.

O não cumprimento das normas por parte de algum membro do grupo estabelecido poderia levá-lo a um rebaixamento de seu status perante o grupo, deixando de compartilhar do valor humano superior. A lógica deste processo estaria ligada à noção de que os membros outsiders seriam anômicos. Por esta razão, a barreira afetiva com relação a contatos sociais mais próximos seria essencial para que não houvesse uma “contaminação anômica no grupo”. Isto se daria em função de um sentimento de “medo de poluição”, termo emprestado de outro contexto.

Os meios de estigmatização podem variar de acordo com “as características sociais e as tradições de cada grupo”, mas possuem uma característica comum: não ter contatos próximos com os outsiders. E para a manutenção do sentimento de inferioridade contam com a chamada voz interior dos membros outsiders. Esta voz tem uma função central na manutenção de uma auto-imagem negativa, inferior que proporciona uma paralisia na tentativa de buscar acesso a certas posições de poder. Conseqüência: mantém-se a capacidade de retaliação reprimida em relação a equilíbrio de poder.

ELIAS apresenta uma gama de termos que tendem a criar um efeito estigmatizante em membros de grupos de outsiders. Entre estes termos, “‘crioulo’, ‘gringo’, ‘carcamano’”. Estes termos tendem a ter efeito dependendo da consciência tanto do usuário como do destinatário. Esta consciência está ligada à posição de seus grupos na relação de tensão entre as fontes de poder. O raciocínio apresentado seria o seguinte: caso haja uma grande disparidade de forças, de acesso ao poder, estes termos, xingamentos, tendem a ferir o destinatário outsider. Normalmente os outsiders não possuem termos que possam atingir os estabelecidos.

²⁶ ELIAS; SCOTSON, loc. cit., p. 26.

ELIAS apresenta a anomia como uma das características comuns nas diversas figurações possíveis entre estabelecidos e outsiders. Dito de outra forma. A anomia seria uma forma de estigmatismo usada por figurações possíveis em espaços e tempos distintos na sociedade humana. E isto se dá pela reprodução da HUMILHAÇÃO E OPRESSÃO a que os outsiders são submetidos. Este seria o caminho para a interiorização, por parte dos outsiders, de que seriam inferiores e seus sintomas são conhecidos no mundo todo. ELIAS aponta a pobreza, a exclusão do convívio dos estabelecidos, a sujeição aos desmandos e ordens, entre outros, como reais sinais de inferioridade humana. Aponta mais. Quanto maior o calibre de poder de um grupo, mais os “inferiores” interiorizam, visualizam-se como pessoas de menor valor, de menor capacidade. A relação seria a de que os outsiders vivenciam sua inferioridade de poder como inferioridade humana. O autor aponta para a possibilidade de visualizar o impacto que as figurações entre estabelecidos e outsiders possuem em sociedades em que o impacto sobre a personalidade não é tão intensa e poderosa, dado a um maior equilíbrio de força de poder; em ambientes nos quais “o desequilíbrio é menor e em que a pobreza, a deferência e o sentimento de inferioridade são mais moderados”²⁷.

Além da forma dos estabelecidos que detêm poder visualizarem os outsiders como desordeiros e não cumpridores de suas normas e leis, também os enxerga como não limpos. Este era outro item que justificaria o medo de contaminação dos estabelecidos na relação social com os outsiders. Eles acreditavam que os outsiders eram pouco limpos. Motivo suficiente para justificar a ausência de convívio social com eles.

Analisando as tensões e conflitos entre os grupos, o autor apresenta a idéia de que eles podem permanecer latentes ou em forma de conflitos contínuos. Tudo dependerá da relação de forças. No entanto, para se apreender a força destes vínculos é necessário entender que há um vínculo duplo. Caso não haja esta tensão de forças, o grupo outsider pode simplesmente ser posto de lado.

²⁷ ELIAS; SCOTSON, loc. cit., p. 29.

Este vínculo duplo aparece na medida em que o grupo outsider exerce alguma função para os estabelecidos. Na medida em que a dependência de um para outro (out/est) diminui, as tensões surgem com maior intensidade.

Quem detém o poder possui diversas vantagens. No entanto a vantagem econômica não é a única pretendida. Isto ficou claro no contexto de Winston Parva. Na medida em que a tensão de forças e conflitos diminui, em função de mais poder para grupos estabelecidos, o grupo de outsider reside numa preocupação de manutenção e/ou acesso a sua subsistência. Aí sim existe uma preocupação central econômica. Na medida em que se supera este nível de subsistência existe a busca por outras aspirações humanas, que podem ser atendidas por uma maior renda. No entanto, é neste momento que as pressões aludidas surtem efeitos. Neste momento que a inferioridade de poder e de status começa a agir como forma de manutenção da diferenciação de pertencimento a um grupo, ou seja, uma luta para satisfazer aspirações humanas.

A luta pela sobrevivência física por parte dos outsiders é sempre colocada como prioritária quando a obtenção dos meios para tal é incerto. Grandes setores da humanidade possuem esta meta na medida em que os setores mais poderosos consomem mais e o abastecimento é menor que a velocidade de crescimento da população. Num contexto como o do Brasil, tem-se uma produção alimentar invejável, mas alta concentração de renda e de poder na mão de poucos. Destarte, os itens apontados por ELIAS vão ao encontro desta situação. Ou seja, os grupos poderosos não se mobilizam adequadamente para sanar problemas dos grupos menos poderosos. O lembrete dado pelo autor para esta situação seria a de que a humanidade trava grandes embates por poder e ainda não percebeu que estamos prestes ao que ele chama de efeito bumerangue. Ou seja, num mundo no qual existe uma interdependência crescente a mudança das rédeas do poder podem mudar. Aí o efeito de contra-estigmatização poderá vir com força excessiva.

ELIAS referencia MARX, apontando no sentido de dar crédito a uma meia verdade deste autor. Qual seria? A luta entre grupos humanos em busca da distribuição mais equilibrada do controle dos “meios necessários a satisfação das necessidades materiais

humanas”. No entanto, o foco em disputas que colocam objetivos econômicos, restritos a uma interpretação de abastecimento de alimentos, foi o exemplo de limitação da interpretação. ELIAS aponta para os objetivos econômicos, num sentido mais amplo, como foco de disputa entre os grupos humanos. Entendemos que seria o foco central a busca por mais poder. Ou seja, a “verdadeira aspiração fundamental dos grupos humanos”.

4.4 LAZER: CONTRAPONTO DO TRABALHO OU UM MEIO DE AUTO-CONTROLE?

Neste tópico busca-se uma transição para o entendimento do LAZER, enquanto uma categoria apropriada para o entendimento da nova realidade. Principalmente para analisar a operacionalização de projetos com atividades que tendem a criar um meio eficaz de controle social em busca da manutenção do poder através da estigmatização de outsiders e da redução de sua auto-estima. Meio apropriado para uma educação que prepare os meninos de rua para uma realidade social?

Como forma introdutória do lazer aborda-se a seguinte questão: o lazer, enquanto uma categoria de análise da contemporaneidade, é uma alegoria aceita sociologicamente? Qual seu significado para a academia?

Para discutir estas questões inicia-se com a síntese de GUTIERREZ²⁸. O objetivo do texto deste autor é colocar o lazer como uma categoria sociológica e explicativa importante. A questão do texto é a seguinte: o trabalho saiu de cena como o espaço no qual o ser humano se realiza, perdeu sua centralidade na sociedade contemporânea, entrou em crise. E o lazer? É a parcela menos “séria” por pertencer ao não-trabalho. Sua questão passa pelo questionamento da valorização do lazer frente ao declínio do trabalho. Dito de

²⁸ GUTIERREZ, G. L. **O Lazer na atualidade**: contribuição para uma reflexão metodológica In: Anais do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Ijuí: Ed. Unijuí, 1997.

outra forma, a crise da categoria trabalho não está levando o lazer, automaticamente, a uma revalorização.

Para ilustrar este processo o autor denuncia a clandestinidade do Lazer, e do lúdico, dentro do contexto científico. Para isso mostra que a palavra não é encontrada no dicionário de ciências sociais. Segundo o autor, este fato tem seu lado positivo. Por quê? Aponta-se menor comprometimento com a produção intelectual anterior. Isto pelo fato de se considerar os textos pós-modernos e “as denúncias do fim da sociedade do trabalho”²⁹. Aqui temos outra questão colocada em cheque. Fim da sociedade do trabalho? Como, então, entender o lazer como a vivência do tempo do não trabalho?

GUTIERREZ denuncia que “ a definição de lazer hoje está tão ameaçada e questionada como qualquer outra definição, principalmente se pensarmos que a questão teórica mais urgente é a concepção de trabalho frente às transformações tecnológicas, políticas e econômicas”³⁰. A preocupação é saber a posição deste lazer como parte do não-trabalho, frente ao desmoronamento desta categoria na contemporaneidade.

Sua busca consiste em recuperar o conceito do lazer norteado por uma busca pessoal do prazer através de atividade não obrigatória no tempo disponível e o ponto angustiante dentro dos aspectos metodológicos.

GUTIERREZ aponta as características que distinguem uma atividade de lazer. Para ele a liberdade de escolha, a atividade desinteressada, a atividade hedonística e pessoal como opção, são as principais. Como liberdade de escolha o autor entende a opção livre do indivíduo. Entendendo assim, ele chama a atenção para alguns pontos para que não se entre em discussões conceituais intermináveis. Por exemplo: sua opção é livre no sentido de sua escolha frente o seu passado, no qual “estão cristalizadas todas as referências culturais, sociais, antropológicas e políticas do meio que se insere”³¹. Atividade desinteressada por não ser lucrativa, não ter interesse de divulgação ideológica, ou não ter utilidade imediata e prática. Neste ponto o autor aponta para a necessidade de “distinguir

²⁹ GUTIERREZ, loc. cit., p. 52.

³⁰ Id.

³¹ Ibid., p. 53.

a especificidade do lazer no contexto maior do “não-trabalho”, dentro de uma tradição que sempre valorizou o trabalho como uma categoria macro-sociologicamente determinante”³². Hedonística no sentido de uma busca de satisfação. Pessoal no sentido da escolha individual de se expressar de forma mais forte na vida em sociedade.

Outra forma de abordar o lazer surge com ELIAS e DUNNING³³. Eles apresentam em dois capítulos suas interpretações sobre o lazer de forma diferenciada ao que GUTIERREZ o fez. ELIAS e DUNNING tentam contrapor o lazer numa perspectiva de controle das emoções, fruto de um processo civilizador a que as sociedades foram submetidas. Eles o fazem com o intuito de desvelar motivos pelos quais as pessoas buscam a excitação no lazer, entendendo esta excitação como algo positivo. E não o entendimento do lazer como contraponto ao trabalho.

Comparando as sociedades mais desenvolvidas, industriais, com outras menos evoluídas, rurais, os autores apresentam um aumento da organização social do controle das emoções; propriamente da excitação excessiva individual. Tal comportamento em público poderia levar o indivíduo a situações de constrangimento não tolerado pela sociedade. Um adulto que não possui controle de suas emoções em público é tido como anormal nas sociedades mais evoluídas. Este aumento de controle público e privado justifica-se por um aumento de censura de manifestações públicas de excitação extrema. Este controle social das emoções tornou-se parte da “estrutura profunda da personalidade” do indivíduo, pois as manifestações de excitações públicas como os extremos de ódio, amor e alegria são manifestados sob outra aparência nas sociedades mais evoluídas.

A idéia propagada é a de que em todas as sociedades existem restrições. E estas restrições foram controladas graças à transformações de estruturas sociais e individuais. A eficácia deste controle deve-se a um aumento na organização deste controle e do Estado. O lazer, sobretudo o “mimético”³⁴, constitui-se em nosso tempo numa forma de libertação

³² GUTIERREZ, loc. cit., p. 54.

³³ ELIAS; DUNNING. *Em Busca da Excitação...*, op. cit.

³⁴ Termo usado para designar algo parecido como fuga de restrições de controle; maneiras pelas quais os indivíduos manifestam o “entusiasmo”: termo de Aristóteles.

de restrições e pressões, de forma moderada. Estas restrições, com o passar do tempo, tornaram-se mais equilibradas e se interiorizaram. Daí a possibilidade de uma manifestação de excitação mais acentuada, sobretudo em jovens. O ponto central deste processo seria que o lazer, enquanto possibilidade de interrupção de restrições, torna-se complementar a restrições da emotividade.

Esta importância da função do lazer para o entendimento das “estruturas sociais e funções das actividades humanas”³⁵ na sociedade contemporânea é enfatizada pelos autores na medida em que apontam para uma alternativa diferente da visão dominante frente à relação trabalho e lazer. Enfatiza-se que a visão tradicional, na qual existe a distinção entre ambos, estaria prejudicada por juízo de valor. O trabalho com características superiores teria um fim em si e um dever moral; em contrapartida o lazer seria inferior, relacionado-o à preguiça e à indigência.

Para maior compreensão do lazer, ELIAS e DUNNING propõem uma distinção entre tempo livre e lazer. Isto porque na sociedade atual o tempo livre é entendido como ausência de trabalho e somente pequena parte dele pode ser utilizada para uma atividade escolhida de forma livre, agradável a si mesmo, enquanto opção pessoal.

Nesta linha de raciocínio ilustram-se cinco esferas no tempo livre das pessoas que se confundem, apesar de uma sobreposição entre elas. São elas: “trabalho privado e administração familiar; repouso; provimento das necessidades biológicas; sociabilidade; a categoria das actividades miméticas ou jogo”³⁶. Na primeira esfera teríamos uma dedicação a tarefas relacionadas com a família: educação dos filhos, administração de bens, projeto de vida, enfim, trabalhos menores ou maiores que tendem a crescer na medida em que aumenta o padrão de vida. Não se considera lazer. Na segunda esfera, o repouso, temos uma representação de lazer num âmbito particular, sobretudo a atividade de dormir, do ócio. Na terceira esfera, provimento das necessidades biológicas, atividades rotineiras como comer, beber; podem ser entendidas como lazer na medida em

³⁵ELIAS; DUNNING. Em Busca da Excitação..., loc. cit., p. 107.

³⁶Ibid., pp. 105-110.

que se rompa com a rotina e proporcione prazer, satisfação. A quarta, a sociabilidade, apresenta uma característica formal (relações provenientes de relações criadas no ambiente de trabalho) e informal (ida a bar, clube) entre as quais existem estratificações que podem variar segundo os estratos sociais. Possuem um fim em si mesmo. A última, atividades miméticas ou jogo, é foco de análise destes autores pelo fato de suas características distintivas não estarem claras. São atividades de lazer na qual se participa como ator ou expectador, desde que não tenha característica de “ganhar a vida”.

A idéia apresentada e defendida é a de que a utilização do tempo livre como definidor de lazer na contraposição entre trabalho e lazer não dá conta da conceitualização destas categorias. Nesta linha de raciocínio mostra-se que o trabalho remunerado seria apenas uma esfera do que poderíamos entender por trabalho.

Aparentemente, o que define um eixo para se entender o lazer seria a categoria “restrições”. Elas estão em todas as esferas apresentadas. Portanto, o lazer como forma de atenuação das restrições para um comportamento de excitação espontânea seria a tese defendida, sobretudo atividade mimética. Basta citarmos a seguinte passagem: “sob a forma de factos de lazer, em particular os da classe mimética, a nossa sociedade satisfaz a necessidade de experimentar em público a explosão de fortes emoções – um tipo de excitação que não perturba nem coloca em risco a relativa ordem da vida social, como sucede com as excitações do tipo sério”³⁷.

Segue-se o raciocínio na medida em que se apresenta uma concepção de “excitante”. Lembrando da função de restrições, intrínsecas e extrínsecas, das excitações espontâneas e explosões fortes e apaixonadas. Existe uma interpretação figurativa que permite o aparecimento em diversas formas. No entanto a ênfase está na excitação espontânea, aquela em que pode tornar-se “inimiga da vida ordeira”. Na medida em que as sociedades diminuem as excitações sérias aumentam as excitações-jogo. Estas se tornam, dentro de limites aceitáveis, toleráveis pela sociedade e pela consciência.

³⁷ ELIAS; DUNNING. Em Busca da Excitação..., op. cit. p. 112.

Existe um razoável grau de liberdade para excitações espontâneas na sociedade. Utilizando como metáfora o amor, ELIAS distingue satisfação de excitação. A primeira se refere a uma vida ou relação duradoura e bem organizada e a excitação como renovadora, fresca. A experiência mimética neste campo pode tornar-se sem importância, quando vinculada ao sentido vulgar do sexo.

A rotina torna-se um ponto importante na diferenciação de trabalho e lazer. Rotina empregada como “controle social e individual dos sentimentos”. Ela abrange todas as esferas da vida. Existe a noção de que a rotina junto a restrições pode causar o que se chama de “secura de emoções”. Uma monotonia emocional que se manifesta no indivíduo e não no ambiente de trabalho. Portanto, a atividade mimética tende a produzir uma tensão agradável que “representa a uniformização de restrições institucionalizadas”.

A “agradável excitação-prazer” seria entendido como um “complemento e uma antítese de uma banalização das valências emocionais encontradas nas rotinas racionais da vida”. Seria a idéia de que as atividades miméticas cumprem um papel de interiorizar e exteriorizar formas de restrições pelas quais cria-se um mundo fantasioso e irreal para o indivíduo, e, para a realidade social, esta atividade mimética seria “parte distinta e integrante”.

Para que os autores pudessem avançar numa teoria interpretativa do lazer, eles centraram forças para a compreensão de “aspectos agradáveis das actividades de lazer”. E para isso, foram buscar o conceito de catarse. Este conceito foi formulado por Aristóteles na sua teoria que se baseia “no efeito da música e da tragédia nas pessoas”. Cabe ressaltar a descrição feita no sentido de distinguir o que se entendia como lazer no período grego e nos dias atuais. Lazer e trabalho eram discutidos no âmbito da *scholē*, termo para designar o local onde debatiam, conversavam entre outras atividades desvinculadas de atividades de trabalho designadas de *ascholia*, que seriam atividades destinadas à administração de bens, guerra, etc.

Na teoria de Aristóteles o conceito de catarse vem da medicina. Uma forma de expulsão de substâncias nocivas ao corpo. Da mesma forma, a música e o drama

produziriam “efeito curativo através de um movimento da alma”³⁸. Seriam atos miméticos que produziram efeitos positivos através da excitação. Esta excitação seria agradável. Nesta teoria nenhuma catarse seria possível sem “o elemento hedonista do entusiasmo, da excitação produzida pela música e pelo drama”³⁹. Neste sentido resgata-se, em Aristóteles, “o efeito restaurador da satisfação do lazer”.

Na tese proposta por Aristóteles o prazer tem lugar de destaque nas discussões. O prazer como meio para o efeito catártico das ocupações de lazer. Na atualidade, este tema enfrenta um tabu em discussões sérias, relegando uma função ao lazer pouco significativa. Na história da Europa este mesmo tema, defendido por Aristóteles, serviu para combater tendências de diminuição de atividades prazerosas. Sua teoria fornece subsídios para pensar aspectos freqüentemente esquecidos sobre o lazer. Quais seriam? O fato das emoções despertadas pelo lazer serem as mesmas encontradas na vida real, porém sem o perigo que representariam na vida real: “medo, compaixão, ciúme, ódio”.

O próprio termo mimético remete-nos a este dado. Existia a interpretação dele como todo ato representativo, espécies e formas artísticas na relação com a realidade. Contudo, o aspecto mimético está relacionado com uma espécie de prazer encontrado em representações que se encontram na vida real e não com fatos reais. Neste contexto, adquire uma função e efeito diferente sobre as pessoas. Em situações reais haveria uma excitação séria na qual existiria perigo ou dano aos indivíduos e à sociedade. Nas excitações miméticas estaríamos desprovidos de perigo obtendo um efeito catártico; contudo pode existir a transição de uma excitação mimética para uma excitação séria (caso das massas). Estas representações podem criar relações com situações de vida, com sentimentos. No entanto, não são uniformes em todas as sociedades.

O que se busca no lazer, na atividade mimética? Com referência a Santo Agostinho, desvelou-se que a busca é de tensão. Aquela que cause medo, ódio, enfim que manifestem emoções, sentimentos. A tensão a que se referem seriam aquelas produzidas

³⁸ ELIAS; DUNNING. Em Busca da Excitação..., loc. cit., p. 122.

³⁹ Ibid., p. 122.

pela própria atividade de lazer e para que se possa ter uma válvula de escape possuímos, como mecanismo de controle, a sensibilidade: o riso num teatro, um xingamento num estádio de futebol, etc. Isto para que não corramos o risco de transitar de uma excitação mimética para uma séria.

Quais seriam as características comuns nos fatos miméticos? Entre os exemplos apresentados, a excitação agradável está sempre presente a “um grau de ansiedade e de medo” como componentes do prazer.

O estabelecimento de que o tempo livre não caracteriza as atividades de lazer; a consideração de que as restrições impostas ao indivíduo, intrínseca e extrínseca, aumentam uma chamada tensão negativa leva à consideração de que o aumento de excitação mimética pode contribuir para uma regulação e formação de uma tensão agradável, positiva e desejada no auxílio de um processo regulador de comportamentos. A busca de uma regulação e renovação de tensão positiva proporciona formas de autocontrole sobre excitações sérias que levariam o indivíduo e a sociedade ao perigo. Portanto, torna-se, na perspectiva de ELIAS e DUNNING, essencial mudar o conceito de tensão para uma perspectiva positiva através de atividades de lazer como forma de controle.

ELIAS e DUNNING têm por objetivo iniciar uma teoria do lazer para tratar dos aspectos específicos do lazer. Através da clarificação das características comuns das diversas atividades compreendidas como lazer. Este ponto é importante na medida em que inicia uma sistematização que permitirá visualizar categorias próprias para verificar a procedência da hipótese frente ao trabalho desenvolvido com os meninos do COCASPE. A lógica empregada neste texto demonstra que as decisões humanas, que se entrelaçam, são tomadas em dois pólos distintos. A do trabalho e a do lazer. No âmbito do trabalho as decisões levam em consideração outros indivíduos que se tornam referência para possíveis decisões. No entanto, na área do lazer, as decisões são tomadas levando em consideração os próprios desejos, o próprio prazer, a satisfação individual dentro de limites determinados socialmente.

Para iniciar a teoria os autores relatam uma séria de problemas de interpretação sobre o lazer. Problemas relacionados à visão tradicional que ainda vincula o lazer em oposição ao trabalho e conseqüentemente apresentam um problema de juízo de valor elevando o trabalho enquanto essência da vida e rebaixando o lazer numa esfera sem valor ou de menor valor. Outros problemas, de forma sucinta, seriam o tratamento do lazer desprezado como área de investigação sociológica; abordagens que tendem a explicar o lazer pela função de aliviar tensões (que são vistas negativamente); termos confusos na distinção entre tempo livre e lazer; e a concentração de pesquisas em áreas limites como o caso dos meios de comunicação, fato que restringe a possibilidade de ampliar os vários tipos de lazeres na sociedade.

Entre estes problemas são levantadas algumas questões. Entre elas a que demanda uma nova visão seria a função do lazer frente ao trabalho. E na tentativa de resposta abre-se a porta para uma nova perspectiva, pois constitui “uma esfera pública que permite decisões individuais privilegiando satisfação agradável”.

O que se propõe é uma “ampla tipologia compreensiva e detalhada das atividades de tempo livre”. E para isto, sob o nome de “espectro do tempo livre” tenta-se balizar as relações e diferenças das atividades de tempo livre, entre as quais se encontram as atividades de lazer.

A idéia que se apresenta é de que todas as atividades de lazer são de tempo livre, mas nem todas as atividades no tempo livre são lazer. Esta idéia estará inserida dentro de um quadro teórico de ELIAS e DUNNING. E este quadro tem como metáfora um espectro pelo fato de as várias formas de tempo livre se misturarem entre si. Com o intuito de buscar uma classificação mais compreensiva do lazer e de outras atividades usa-se como fio condutor, ou teórico, a noção de que “todas as atividades de lazer integram um controlado descontrole das restrições das emoções”. Mais. As atividades de tempo livre são distinguidas pelo grau de “rotina e destruição da rotina”. Dito de outra forma, o descontrole das restrições, caracterizado por excitações espontâneas frente a emoções, fazem parte de um processo de controle social e individual.

O que interessa neste espectro é a caracterização de tempo livre de lazer e de não lazer. Através deles verificar-se-á o tipo de atividade no COCASPE.

O espectro divide-se em diversas características. Pretende-se filtrar as principais que se aplicariam para entender o tempo livre dos meninos de rua.

Entre elas temos:

- 1) rotinas do tempo livre (necessidades biológicas e com o corpo e atividades familiares);
- 2) atividades intermediárias de tempo (trabalho social voluntário; trabalho individual voltado para estudo; trabalho individual como passatempos; atividades religiosas; formas interessantes de adquirir conhecimento);
- 3) atividades de lazer (atividades sociáveis formais e informais; atividades de jogo ou miméticas: membro de organizações, expectador com participação nas rotinas; ator das atividades: dança, montanhismo; miscelânea de actividades de lazer com características de destruição da rotina).⁴⁰

Na primeira divisão encontramos algumas características como ter o caráter de trabalho mesmo não profissional, mas com atividades rotineiras e poucas agradáveis. Existe um grau decrescente em relação ao grau de rotina. Sendo mais exigido no grupo um, e menos no grupo três.

Nesta relação, as que possuem as características de lazer seriam as do terceiro grupo por manterem um menor grau de rotina e possuírem uma grande frequência de destruição da rotina. Existe um grau de compulsão menor, sendo que as escolhas individuais são mais acentuadas e socialmente aceitas. Existe um “plano inclinado de maior ou menor decréscimo de constrangimento social. Sobretudo nas atividades de lazer no limite inferior”. Fica claro que no plano do lazer este constrangimento seria menor.

As características gerais das atividades de lazer seriam um maior grau de liberdade em relação à estimulação das emoções, especialmente as agradáveis, prazerosas que tendem, dependendo da atividade, levar a limites de riscos na produção da tensão pretendida.

⁴⁰ ELIAS; DUNNING. Em Busca da Excitação..., loc. cit., pp- 146-147.

Em relação à utilização deste espectro, ficam algumas questões para pensar a situação de vida dos meninos participantes do COCASPE. Na medida em que estes meninos participaram de atividades rotineiras no COCASPE, suas atividades poderiam ser entendidas como Lazer? Em relação ao nível de constrangimento, de restrições, quais seriam as atividades que quebrariam esta rotina? As encontradas na rua ou as estruturadas no projeto?

Vai-se além. ELIAS e DUNNING reportam à não obrigatoriedade de participação para caracterizar as atividades de lazer. Caso considere-se o ambiente familiar como um núcleo altamente impregnado de restrições institucionais e normativas, e a criança de rua estar longe desta atividade rotineira familiar, as atividades centradas num projeto como o COCASPE deram conta de estabelecer tais restrições ou contribuíram para a destruição das restrições necessárias para a manutenção da ordem?

Cabe enquadrar as atividades realizadas durante os anos de funcionamento do COCASPE quanto aos níveis de restrições que empregaram e verificar se as atividades contribuíram para um autocontrole das emoções dos meninos de rua ou um rompimento rotineiro destas restrições.

CAPÍTULO V

A PESQUISA

5.1 METODOLOGIA.

O presente trabalho parte de um relatório de pesquisa. A partir dele foi estruturado um problema e levantado hipótese que permitiram retornar a este objeto depois de dez anos de sua implantação.

Quando da realização desta dissertação, existia um envolvimento no projeto que trouxe facilidades e limitações. Limitações já apontadas no presente trabalho. No entanto, o contato com o objeto após este período trouxe a oportunidade de “familiarização com o fenômeno estudado”¹.

DENCKER e DA VIÁ apontam para a pesquisa exploratória como aquela em que as investigações de pesquisas são empíricas; pelas quais tenta-se “formular problemas ou esclarecer questões para desenvolver hipóteses”². O presente trabalho tem este tipo de característica. A pesquisa exploratória pode ser qualitativa ou quantitativa. Este trabalho possui cunho qualitativo.

Entre as características pertinentes à pesquisa exploratória encontra-se a de utilizar vários métodos de coletas de dados. Este trabalho está pautado num estudo qualitativo que busca através de entrevistas de uma amostra específica verificar um recorte social após dez anos de implantação de um projeto social (COCASPE).

Neste sentido aponta-se para um estudo de caso, perfeitamente adequado às pesquisas de natureza exploratória e qualitativa em função das técnicas empregadas.

¹ DENCKER, A. F. M.; DA VIÁ, S. C. **Pesquisa empírica em ciências humanas**. São Paulo: Futura, 2001.p. 59.

² Id.

No trabalho de MOLINA³ vários conceitos, do que seria o estudo de caso, são apontados. Entre eles, o de que “provém de tradições investigatórias que centram na observação e no aprofundamento de situações concretas para obter conhecimentos exaustivos e qualitativo de fenômenos, fatos e problemas”⁴.

Esta autora traz as características de um estudo de caso. Para ela, seria:

a) particular, porque mesmo sendo similar a outros sempre guarda um interesse próprio, singular. b) descritivo, porque oferece uma rica e densa descrição do fenômeno estudado (...) Geralmente, a descrição é qualitativa e, para isso, utiliza as técnicas da prosa e da literatura para descrever e analisar situações, apresentando uma cuidadosa documentação dos acontecimentos. c) heurístico, enquanto amplia a compreensão do leitor sobre o caso em questão, podendo, ao mesmo tempo que provoca o descobrimento de um novo significado, ampliar a experiência de alguém sobre aquele fato ou, ainda, confirmar o que já se sabe. d) indutivo. As afirmações, as categorias ou os conceitos surgem de um exame dos dados fundamentados no próprio contexto. As expectativas e os ensaios de suposições, que o investigador tem no princípio de um estudo de caso, estão sujeitas à reformulação conforme prossegue o estudo. Caracteriza-se pelo descobrimento de novas relações, conceitos e compreensões e não pela verificação de hipóteses pré-determinadas.⁵

A presente pesquisa preenche várias destas características. Principalmente o fato de o recorte ser específico, já utilizado em pesquisa anterior, num novo olhar. Busca-se uma nova compreensão em relação ao objeto (meninos que participaram do COCASPE).

Na direção da efetivação da presente pesquisa foram construídas as fontes inspiradoras que servem como orientadoras deste capítulo. Estas fontes seriam a apresentação do COCASPE sob forma de relatório de pesquisa, as limitações encontradas, a nova problematização, o entendimento da condição social meninos de/na rua, a relação trabalho/lazer sob algumas inspirações e o processo de auto-controle e estigmatização.

A partir deste ponto pretende-se apresentar os dados obtidos na pesquisa empírica. Para estabelecer o método de pesquisa utilizado cabe o seguinte posicionamento. Parte-se de um caso específico para o entendimento do fenômeno num contexto mais amplo. Neste sentido o método indutivo é pertinente.

³ MOLINA, R. M. K. **O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória.** In: TRIVIÑOS, A. N. NETO, V. M. A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas. Poto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

⁴ Ibid., p. 97.

⁵ Id.

Trabalhou-se no sentido de apresentação de fontes de inspiração adequadas a apreender o fenômeno através de coleta de informações. Para a execução da coleta destas informações foram feitas cinco entrevistas.

Surge um problema. A amostragem é adequada ao tipo de pesquisa proposto? Para responder a esta questão são necessárias algumas informações. O projeto COCASPE teve como previsão inicial de 100 crianças a serem atendidas. Iniciou-se o projeto com aproximadamente 80 crianças. Na medida em que os meninos de/na rua começaram a freqüentar o projeto este número baixou radicalmente. Cerca de 15 a 20 crianças freqüentaram regularmente o Centro. Cabe ressaltar que o número de participantes levava em consideração a Unidade de Produção. Local onde participavam outras crianças de outro bairro. Ou seja, não tinham contato com os meninos que foram foco de análise nesta pesquisa.

Em pesquisa qualitativa o número da amostra depende do pesquisador. A determinação é, de certa forma, arbitrária. Segundo TRIVIÑOS “em geral, depende do pesquisador determinar o número de sujeitos que participará na amostra, ainda que se recomende que a quantidade de sujeitos não seja inferior a cinco por grupos diferentes de pessoas que participam na pesquisa”⁶. Este mesmo autor apresenta a argumentação de que esta recomendação seria adequada pelo fato de existir a preocupação de obter “generalidades, idéias, tendências, (...) entre as pessoas que participaram do estudo”⁷.

Foram dois momentos de entrevistas. Uma pré-entrevista realizada com sete participantes e a entrevista com cinco participantes.

Para a entrevista foram determinadas algumas pautas sem fechá-las para outras ocorrências. Portanto, TRIVIÑOS e NETO⁸ apontam para o procedimento semi-

⁶ TRIVIÑOS, A. N. S. **Bases teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Cadernos de Pesquisa Ritter dos Reis. V.4. Porto Alegre: faculdades Integradas Ritter dos Reis, 2001, p. 85

⁷ Id.

⁸ TRIVIÑOS; NETO, op. cit., p. 70.

estruturado. Em outra obra, TRIVIÑOS⁹ aponta para este procedimento de tal forma que o entrevistado participa da elaboração do conteúdo da pesquisa na medida em que seus posicionamentos, feitos a partir de questionário base, geram novas hipóteses sob um prisma teórico pré-determinado.

Em termos práticos, as entrevistas foram gravadas e depois transcritas literalmente. As entrevistas foram codificadas com a sigla “C” (entrevistado) e numeradas seqüencialmente. Todos os entrevistados foram do sexo masculino. Para a pré-entrevista foi acrescida a ordem alfabética para identificação (C1a) de pessoas entrevistadas nos dois momentos.

Todos os entrevistados foram participantes do projeto COCASPE. A intenção inicial foi a de buscar os participantes que freqüentaram assiduamente o projeto. No entanto, alguns fatores restringiram tal intenção. Entre estes fatores estariam o fato da PMPG ter perdido os relatórios referentes ao COCASPE. Como este projeto foi substituído por outros, colocou-se tudo que existia no “arquivo morto”. Após as transições de governos, não foi possível localizá-los, nem no “arquivo morto”. Conseqüentemente, os nomes de participantes e localizações de moradia não foram resgatados.

A alternativa foi recorrer às assistentes sociais responsáveis pelo COCASPE. Com a ajuda de uma assistente social, procurou-se os meninos. Na pré-entrevista foram encontrados sete meninos. Na pesquisa foram encontrados cinco. Neste sentido, e em conformidade com a recomendação apresentada por TRIVIÑOS, obteve-se um número mínimo para entrevistas.

Dos cinco entrevistados deve-se salientar que três são irmãos, um é primo destes e o último reside próximo a estes quatro¹⁰. Portanto, a localização de moradia foi um dos

⁹ TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987, p. 147.

¹⁰ Três considerações sobre a amostra: a) a importância do COCASPE esteve presente na fala dos atores, como será visto na análise; b) do ponto de vista metodológico o número de entrevistados é suficiente; c) os entrevistados mostraram laços mais ou menos coesos no ambiente familiar, fato que não era o mesmo antes da participação no projeto COCASPE.

fatores que permitiram encontrar estes cinco entrevistados. Teve-se notícia de pelo menos mais quatro indivíduos. Um morador de rua que não foi localizado, dois que estiveram presos e morreram posteriormente e um que mudou-se para local ignorado.

A etapa seguinte é a da análise dos dados. Esta etapa refere-se ao processo de análise e de interpretação dos dados. Tem-se por objetivo verificar se as suposições iniciais da presente pesquisa são ou não pertinentes ao problema estudado. Esta análise é feita sob a luz do referencial teórico, apresentado nos capítulos anteriores.

Este capítulo é organizado oferecendo respostas aos problemas da pesquisa. A pergunta subjacente é: O COCASPE foi eficiente no processo educacional destes meninos?

As categorias estabelecidas e que serão utilizadas para a apresentação dos resultados são as seguintes: 1) concepção de menino de rua; 2) trabalho e lazer; 3) auto-controle e estigmatização.

5.2 COLETA DE DADOS

5.2.1 DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ABORGAGEM DA PRÉ-ENTREVISTA E DA ENTREVISTA.

Antes da estruturação das entrevistas sob os pontos de inspiração adotados nos capítulos anteriores, apresentar-se-á algumas informações adicionais em relação à pesquisa. Entre estas questões estão as considerações gerais e a descrição do local em que os entrevistados foram encontrados.

Os entrevistados foram encontrados em um bairro, próximo ao local em que funcionava o COCASPE. A vila é conhecida como “Pompeu” e tem fama de ser violenta. Localizada no bairro da Nova Rússia. Bairro que possui uma certa autonomia pelo fato de possuir uma rede bancária e hoteleira, supermercados, farmácias, hospital e um shopping center. Estrutura suficiente para que moradores desta região permaneçam no bairro sem a

necessidade de deslocamento até o centro da cidade. No entanto, a vila citada tem início a duas quadras paralelas à rua principal. É o contraste urbano encontrado em cidades de médio e grande porte. É o exemplo de desigualdade social pertinente à sociedade em que vivemos.

No dia 16 de agosto de 2001, no período vespertino, iniciou a procura destes “meninos”. Para chegar ao local foi necessário descer uma ladeira de aproximadamente dois quilômetros. A cada quadra a rua estreitava e era invadida pelo esgoto que corria a céu aberto.

Próximo à linha final do ônibus, que tem seu itinerário nesta rua, houve a ação municipal no que tange a colocação do anti-pó. Duas quadras abaixo mostravam o quadro descrito. Nesta mesma rua existe um posto de saúde que estava fechado, como a maioria dos postos de saúde dos bairros do município naquele momento. Uma escola municipal, mais ou menos oito quadras acima do término da rua. Existe um galpão que poderia ser um centro comunitário, no entanto estava fechado. Nesta rua encontrou-se um dos entrevistados.

A cada quadra, crianças de aproximadamente dois a dez anos, brincavam na rua em frente às suas casas. A maioria das casas de madeira e de boa apresentação, e muitos lotes vazios. Mas na medida em que se aproximava do final da rua, iniciava um carreiro; neste local as casas eram mais simples. Uma delas apresentava duas peças e havia mais de oito pessoas nela. Esta casa pertencia à família de dois meninos procurados. No entanto, eles não conviviam com a família. Segundo uma senhora os filhos “estavam para a rua”. Talvez morando com amigos em outro ponto da favela. Outro carreiro seguido tinha como rumo uma seqüência de casas num espaço restrito. Lembrava muita a estrutura de favelas do Rio e de São Paulo. As portas principais das casas, talvez a única em cada uma, dava para a parede de outra. Neste local encontrou-se três entrevistados.

No retorno em direção às ruas principais encontrou-se outro entrevistado. Ele estava junto de algumas pessoas em frente a um bar, próximo a um prostíbulo. Aliás, na vila há uma concentração de bordéis. Na casa deste entrevistado encontrou-se dois outros

que estavam em companhia de mais dois colegas. A casa em questão foi a de melhor condição de estrutura física. Estando a apenas duas ruas da avenida principal do bairro.

Na entrevista, período compreendido entre dez e 14 de janeiro de 2003, encontrou-se cinco entrevistados. Marcou-se com os entrevistados na casa descrita acima. A exceção foi o quinto entrevistado que não foi localizado em sua casa. O local da entrevista foi numa serralheria em que o entrevistado trabalha.

5.3 ANÁLISE DOS DADOS.

Considerando os textos apresentados é necessário iniciar uma articulação com o que se pretende demonstrar. Pretende-se verificar se o COCASPE foi eficiente no processo educacional destes meninos. E isto pode ser visto através da percepção destes meninos em relação aos questionamentos feitos.

A pré-entrevista lançou algumas pistas para voltar às fontes de inspiração no sentido de construir um roteiro de entrevista. Este roteiro teve questões formuladas que permitiram reflexões a respeito das indagações feitas até aqui.

A primeira questão foi com relação à família. A contextualização desta questão está inserida na tentativa de verificar a noção psíquica do homem evoluído. Como visto, este tipo de qualificativo depende de um processo pelo qual vai além do ato. E neste sentido a percepção da importância da família, no que diz respeito à constituição de uma economia psíquica que dê condições de um bom trânsito na condução da vida em todas as relações, parece uma porta de entrada. Para isso vinculou-se duas questões. Qual é a história de sua família e quais os seus sonhos?

Em resposta obteve-se a vinculação da história familiar com os sonhos pretendidos no sentido de construção de condições básicas de subsistência. A história é parecida. Entre os cinco entrevistados, o “C3” não comentou sobre sua família. A não ser na pré-entrevista; quando questionado sobre o que fazia durante a semana em relação a serviço, declarou: “fico em casa, limpando a casa com meus irmãos, tudo, dividimos o serviço lá e

fazemo”. Com relação aos sonhos pretendidos fica patente a intenção de ajudar a família, representada pela figura materna. Este mesmo entrevistado demonstra o interesse em “tirá a mãe do serviço, dexá ela em casa só mantendo a vida na casa ali; dinheirinho pra ela no fim do mês e ter um larzinho, meu cantinho pra mim vivê, memo assim ajudando ela”.

“C2” apontou para uma visão individualista. Evitou falar na família. Apenas cita que mora com os pais. “C1”, “C2”, “C3” e “C5” tiveram a convergência no sentido de não possuírem o pai. No entanto, todos vincularam os sonhos aos laços familiares.

A vinculação direta aos argumentos não permite uma contextualização em relação ao homem evoluído. No entanto, através dos sonhos pretendidos, existe a percepção de que as necessidades básicas poderão ser supridas através do trabalho. E os meios para se atingir isto dependem deles e de atores externos. Principalmente “C5” quando relata sobre a possibilidade de concretizar seus sonhos. Aponta para o estudo como forma de consegui-lo. No entanto falta “... uma ajuda assim pra gente podê estudá de novo, fazê um curso e melhorá um pouco, né. (...) que consiga entra na escola. Depois uma ajuda que a gente possa fazê um curso, né; essa aí é a ajuda que a gente precisa”.

Em relação a este vínculo familiar fica patente que existe uma subcultura do trabalho no sentido de buscar a própria subsistência. E a necessidade faz-se presente como uma realidade passada de geração para geração. “C4” apresenta a idéia de que os seus sonhos não podem ser realizados no momento em função da situação em que sua família se encontra. “Agora que nem minha família aí, por quê eu vô pegá aí, digamos assim, por mais que eu ganhe dinheiro, tudo eu pego um dinheiro e dexa eles na dificuldade aqui e si faze o que eu quero”. A idéia é a de que a família o restringe. Não há possibilidade de tomar decisões no sentido de evoluir sem sanar as condições básicas da família.

Duas frentes de raciocínio: a família como respaldo pelo qual busca-se a superação de problemas cotidianos. A noção de que não se efetivou a economia psíquica de um homem evoluído. “C3” seria o melhor exemplo: “Não progredi muito pra frente. (...) Chego uma época que chegemo; tomei uns gole; entrei numa briga e fui pará na cadeia

até. Daí depois saí. Daí o serviço não coisiava mais porque os documento não tava em dia. E de repente por mais por menos pegavam o que eu conseguia”.

Com relação ao homem moderado, O COCASPE foi um laboratório. O qualitativo de homem moderado, para um auto-controle no sentido de moderação com base na racionalidade individual, prevê o homem civilizado. Mostrar moderação em qualquer lugar, na frente de qualquer pessoa. O interesse a esta forma de auto-controle estaria relacionado ao fato de verificação se houve uma adequação destes meninos a ambientes de trabalho diferentes. Para isso as seguintes questões foram feitas: Quais as lembranças do COCASPE? Quais os melhores momentos e o que mais incomodava no COCASPE? As respostas obtidas variaram. Via de regra houve posicionamentos positivos em relação à maioria dos funcionários. No entanto, fica claro o problema enfrentado com relação aos comportamentos quando da imposição de atividades a estes meninos. “C3” aponta para estas imposições quando questionado: “Ah, são várias, né. Como a amizade com os funcionários (...) menos uns ali que pisavam na bola, como um que queria xingá e se aproveitá de todo mundo”. Continua com relação ao que mais o incomodava: “sinceramente foi a mudança de cargos dos diretores; daí quando tinha a Neusa¹¹ ali, nós tinha liberdade de fazê tudo que nós queria, mas tudo no devido horário certo, no tempo certo, e com ela (uma nova coordenadora) lá, ela queria obrigá nós a fazê uma coisa que nós não tava querendo fazê na aula, ela obrigava. Se nós não fizesse nós não almoçava”.

Este posicionamento revela uma das formas de estigmatização no sentido de produção do auto-controle. Revela mais. O posicionamento em relação ao fato de recusa das atividades em função desta imposição. Nesta linha de raciocínio, na pré-entrevista, conseguimos o depoimento de C8. Este entrevistado foi expulso do centro por não seguir à risca o que era imposto. O motivo da expulsão foi a seguinte: “Depois que mudou a coordenação eu era chefe de uma parte da marcenaria¹², sabe? Seu Luiz saía e deixava eu

¹¹ Assistente social do COCASPE. Coordenou o projeto por um período.

¹² Curso implantado posteriormente. Nos últimos meses de funcionamento do COCASPE.

montando uns negócios lá. Teve um dia que eu e a Adriana¹³ discutimos, daí eu saí. Noutra dia ela disse que eu estava expulso e o seu Luiz saiu também”.

Estes dois relatos reportam à situações pelas quais estes meninos não se enquadrariam num modelo de homem moderado. “C3” hoje faz “bicos” como “Serviço de bóia fria (...) servente de pedreiro”. Está desempregado e já teve os problemas com a polícia, como já relatado. No entanto, C8 encontra-se prestando serviço militar há mais de dois anos.

Outros problemas enfrentados por estes meninos no COCASPE, que remetem a idéia de laboratório, foi o embate existente entre os próprios meninos. Duas possibilidades. Entender na lógica da construção do homem moderado e outra na perspectiva de compreender a noção de anomia referida por ELIAS.

“C5” relata suas lembranças do COCASPE. Entre elas, o que mais o incomodava era que “Só às vezes, né que a gente desentendia com os colega, mas isso elas chegavam e conversavam com a gente. Já calmava um pouco, nós continuava dando risada e tudo; (...) O que mais me incomodava era que os malandro de rua, que era que nem nós queria surrá nós. É a única coisa que incomodava só; não tinha mais nada que incomodava.”

Esta passagem remete à reflexão de dois pontos. O primeiro seria a de que o tipo de consciência psíquica apontada até aqui, que se enquadraria como adequada a estes meninos, seria a do homem equilibrado. O processo de interiorização do auto-controle, ou melhor a tentativa exterior de controlar a partir da estigmatização, de impor certas restrições são relatadas em diversas passagens. Outra passagem relatada por “C3” foi: “nóis tinha influência ca Neusa que era diretora do momento, a Marlene era tudo responsável ali. Nóis tinha amizade com eles. Só que depois entrô a Luciane lá esculhambô tudo lá cum nóis; daí ninguém entendia nada cum nada; virô bagunça e assim a negada foram tudo abandonando; até que chegô ao ponto que foi fechando o negócio. Acabô o negócio acho que foi por causa da nova organização que fizeram ali; mudança de pessoas no cargo”.

¹³ Assistente social e coordenadora do COCASPE antes de seu término.

O segundo seria em relação à idéia de pertencimento de grupo. Neste relato de “C5” o que chama a atenção é a noção de anomia. Já que ele caracteriza os malandros de rua iguais a eles. No entanto, o embate entre eles dentro do COCASPE sempre existiu.

Outras passagens que dariam a idéia de uma relação a pertencimento de grupo e que se aproximaria com o que ELIAS mostrou seria a idéia de separação ou estigmatização; no COCASPE ocorreu dentro do próprio grupo. ELIAS reporta a oposição entre estabelecidos e outsiders. Ele aborda a sociodinâmica da estigmatização. Um grupo estigmatiza outro grupo por serem moradores de outra localidade, os outsiders. Os outsiders seriam inferiores por serem de “lá”. ELIAS mostra uma tendência em se tratar a estigmatização social enquanto uma situação contida entre indivíduos e a forma mais clara disto é conceituar tal situação como “preconceito”. No entanto, ele nos alerta que esta situação ocorre, ao mesmo tempo no grupo, e o entendimento da estigmatização depende deste discernimento. Os mais antigos estabeleciam laços de coesão que os diferenciavam uns dos outros. E o bairro era o limite entre os moradores antigos e novos.

No COCASPE esta divisão estabeleceu-se entre os grupos anômicos. Pode-se entender com uma certa “coesão” os grupos organizados em função da localidade de moradia e de antigüidade no projeto. Solicitados a comentarem sobre as amizades, se eram ou não do COCASPE, responderam o seguinte:

“C5”: “Os amigos que eu tinha lá, sempre tamo junto, meus primo, meu irmão, meus colega que moram na vila também que sempre tavam lá. São os únicos que eu conheço, que o resto sumiram tudo.(...) Esses meu amigo, eles trabalham e otros estudam, otros ficam em casa, otros não sei o que fazem da vida. Tão longe (o entrevistado deu uma risada irônica)”.

“C4”:

A metade dos amigo que eu tenho ainda é do COCASPE. Nós levamo a amizade. Sei a casa de muitos que freqüentava o COCASPE ainda, mas recentemente já falemo um monte quando tinha o COCASPE também. Todo mundo sabe aonde que nós tava quando nós era pequeno e tinha gente que sentiu até vontade de ir pro COCASPE ainda, é que daí já terminô, daí não deu mais pra ir.

(...) Digamos que os mais encrenquero que tinha no COCASPE, que eu tive notícia recentemente de uns dois três que tão preso.

“C3”: “Uns só né, os otros tudo espalhado, tudo perdido”.

“C2”: “Os caras são que nem a gente, convivem direto aí né pra lá e pra cá, fazem o que a gente faz, não robam só curtem a vida”.

“C1”: “A maioria é de lá. (...) É participaram. A maioria também morava aqui por perto. Então sempre converso. A gente sempre tá junto. (...) A gente entrô pro começo, depois entrô mais. É tudo da redondeza. Daí depois foi entrando mais e mais, então a maioria a gente se vê...”.

Todos estes relatos possuem a localidade como forma de determinar a maioria dos amigos. No entanto, dentro do COCASPE “C1” posiciona-se assim: “A piazada tentava a gente bastante provocava, mais de colega né que tentava a gente mais, os funcionário era tudo excelente, tudo gente boa pra caramba.”. Com relação ao fato de localização de moradia, o exemplo de estigmatização entre eles mesmos, pode ser percebido neste posicionamento de “C1”:

O COCASPE era bom né, daí, começô a vim daí a piazada do centro da cidade ficava parado na rua lá né. Daí ficava o dia inteiro. Só que depois na hora de fechá a piazada voltava pa rua de novo. Daí, vortava pa rua, não tinha onde dormi, saía dali depois do horário de ficá ali, daí ficava pa rua fugia, daí na hora do café , daí tinha hora de descansá, fazê o esporte lá, dava hora do esporte, fugia, daí usava droga. Tinha que arrumá um lugar pos piá dormi pelo meno, né.

Outros pontos levantados no referencial teórico reportam a função do COCASPE enquanto um meio institucional com o objetivo de impor o auto-controle.

O entendimento destes meninos a respeito de trabalho hoje, obedece a seguinte lógica: no COCASPE eles desenvolveram várias atividades. Entre elas a de serigrafia, encadernação, a horticultura, e nos meses finais ao projeto, a marcenaria. Das lembranças das atividades desenvolvidas por eles o que mais detalhes forneceu foi o “C4”. “Lá que peguei meu primeiro emprego. De duas oportunidade de emprego que eu tive uma delas eu peguei. E lembro das atividades que tinha ali, alimentação. Porque antes a gente parava

mais na rua do que na casa. Depois surgiu o COCASPE e com alimentação e um monte de programa pra fazê, nós paramo mais no COCASPE menos em casa e menos na rua. (...) a gente aprendia altas coisa lá. (...) serigrafia, encadernação, a desenhá, pintá, fazê gesso”. Este entrevistado no COCASPE era um dos que mais participava.

Sua referência a ter duas oportunidades esteve relacionada ao estágio existente na Associação do Banco do Brasil e a TELEPAR –Telecomunicações do Paraná. Ambos perdidos em função de o entrevistado ter repetido o ano na escola.

Atualmente, perguntado sobre a importância do trabalho na sua vida tivemos a seguinte resposta: “sem trabalho é difícil você pegá e tê o que você qué. (...) Na minha vida trabalhei de tudo um pouco; trabalhei de granel, trabalhei de chapa, de servente de pedreiro, de electricista e agora tô esperando pra começá fazê; volta pra granel de novo. Com a safra agora que vai vim eu vô começá de novo”.

Neste depoimento fica patente a diversidade de atividades vivenciada pelo entrevistado. Atividades que, como OFFE nos mostrou, obedece uma lógica de trabalho temporário, parcial, com tendência à informalidade. E esta tendência à informalidade fica clara na medida em que “C4” externa seu projeto futuro no plano do trabalho: “O trabalho. É uma situação de risco; no caso nós vamo começá com um carrinho de cachorro quente (Obteve-se com o gravador desligado, que um irmão, participante do COCASPE, que está no exército, vai comprar o carrinho para que a mãe não vá para a rua catar papel). É o único recurso que tem, né, é você trabalhá sem o patrão ficá te incomodando”.

E a percepção em relação à realidade do trabalho privilegia um horizonte no qual fica explícito o conhecimento das “regras do jogo”. No entanto, fica a decepção pelo fato de não ter o trabalho remunerado contratual como oportunidade. Perguntado a “C4” sobre o que mais o incomodava no trabalho sua resposta apontou na crítica ao modelo atual:

Falta de oportunidade. Porque às vezes você tá dando tudo de si ali, mas só que não tão reconhecendo. Eles preferem as pessoa que é mais estudioso do que você que tá batalhando mais ali ainda . É a falta de oportunidade, mais chance, né; se dessem mais chance, se não segurasse um dois meis aí, né, mais que dexasse rolá. Oportunidade ia sê bem melhor do que você ficá dois três

meses, depois sai e ficá procurando outro. Podia ficá ali, ganhando poco, mas fica ali. Eu acho que vai se difícil acontecê isso aí.

Os demais entrevistados lembravam de uma ou outra atividade. A serigrafia foi a mais lembrada por todos. Atualmente, apenas o “C5” possui trabalho formal. Sua história: “Eu trabalhava como ajudante de motorista. Trabalhei de auxiliar de produção, que agora é aqui, né (entrevista feita no local de trabalho). Trabalhei de auxiliar de metalúrgico, só que eu queria uma profissão boa pra mim né, mas tá difícil sem estudo”. E a noção de profissão boa para ele passa pela noção de “um curso de solda, um curso de torneiro, um curso bão pra mim era isso”. Ou seja, um curso profissionalizante. A vinculação de estudo com o trabalho manual, frente à desvalorização do trabalho reflexivo.

Nestas duas situações, pelo prisma de OFFE, fica claro que o COCASPE não contribuiu com a perspectiva de acesso ao mercado de trabalho no sentido de alcance dos melhores empregos. Considerando a realidade de “C1,2 e 3” pode-se apontar para a mesma situação.

Estes três têm uma perspectiva de trabalho no sentido da informalidade. Algumas passagens: “C1” informa que trabalho com registro nunca teve, mas “... eu limpo quintal. Já trabalhei de plantá grama, jardinage por dia. Já trabalhei, já lavei carçada, já trabalhei bastantinho, já”; “C2” “Não. Trabalhei só fazendo bico. A maior parte do trabalho que nós fazemo é de bóia fria, né, que hoje em dia só tão pegando neguinho que tão estudando ou tem estudo e tudo, agora a gente não tem, né. Tem que encará o que vem. O que dá na teia tem que encará. Se nós tivesse estudando até hoje acho que nós tava mais sossegado, né, tava cum serviço e tudo, mais como não deu tem que se contentá com que tem, né”; e “C3” “Antes eu comecei vende peça de carro, né, essas borrachinha, ventarola; daí depois eu fui caí por causa de bobage que fui preso; daí saí perdi os documento e serviço fichado nunca peguei memo.(...) Serviço de bóia fria. Ia lá pros mato colhê feijão. De repente eu fui pra Matinhos trabalhá de servente de pedrero”.

Todos remetem o problema a uma situação de falta de oportunidade. Todos apontam para o estudo como forma de superação destes obstáculos. Visualizando este

problema sob o prisma de ELIAS, considerando a sociologia figuracional, pode-se pensar que nas relações interdependentes o indivíduo possui níveis de interrelações e certa autonomia. Pelo viés da autonomia as próprias respostas destes entrevistados valorizam o estudo, mostram a intenção de voltar um dia a estudar e entram em contradição no momento em que afirmam que falta empenho para retornar aos estudos.

“C2” interiorizou seu fracasso. Sobre o estudo ele se posiciona da seguinte forma: “O meu estudo foi um fracasso (resposta com tom irônico)”. “Nem eu sei porque que eu parei cara. Muita bagunça demais né. Ah! Eu acho que é bão, né, cara, mas só que eu não fui pra frente, né . Os neguinho aí é bão que tão estudando ainda, né. A gente já era, né cara”. “C2 e 5” pretendem fazer curso profissionalizante; “C3” apresenta a intenção de voltar ao supletivo para concretizar seus sonhos. Para ele o que falta é “serviço. Daí precisa serviço, emprego. Disposição não falta , só falta aceitarem, mas como diz a lei, pra pegá um serviço hoje em dia tem que tê estudo acima do 2º grau, tem que tê acesso a informática, os curso e tudo. E depende da sorte pra ser aceitado”.

“C4” dá um bom exemplo do direito de exercer a autonomia no sentido de não buscar novas oportunidades. Ele perdeu os estágios citados por repetir na escola. Creditou sua saída à morte do pai para estudar. No entanto, sobre a possibilidade de voltar a estudar ele posiciona-se assim: “pretendo eu pretendo, né. Eu queria memo que fosse numa escola perto. Se não for perto pra mim não adianta. Se for estudá em escola longe, tem que gastá pra estudá daí, de dia é muito pra mim, você não pode dexá do trabaio pra pegá e estudá; daí se metê num negócio compatível né, uma escola perto, nem que você trabalhasse longe, mas que você chegasse e fosse pra escola perto daí dava, né. Daí dava pra terminá o segundo grau tranqüilo, né”.

Os exemplos dados até agora remetem a seguinte interpretação com relação ao COCASPE e o objetivo de preparação para o trabalho. Preparar para o trabalho formal, caracterizado por um processo de globalização e de acumulação de capital flexível, o COCASPE não teve êxito. No entanto, para transitar nos processos figuracionais

contemporâneos o COCASPE parece ter dado ferramentas adequadas para uma versatilidade na hora de exercer atividades com fins de sustento.

Para isso, a possibilidade de preparação para esta sociedade passa pela preparação de um homem equilibrado. Este qualificativo refere-se à interiorização de normas que produzem um auto-controle por meio do controle dos impulsos e afetos. Vendo por este prisma as atividades do COCASPE apresentaram-se eficientes. Sobretudo se entendermos as atividades esportivas como atividades de lazer.

Qual seria a relação? Visualizando o COCASPE enquanto processo, e como um laboratório que contém no seu interior relações encontradas em outros níveis de relacionamento humano pode-se apontar para uma caracterização do Lazer com uma função específica no projeto.

Visualiza-se no COCASPE uma perspectiva de Lazer nos moldes apresentados por ELIAS. As atividades esportivas, entendidas como Lazer, sobretudo o futebol, possibilitaram formas compensatórias e de auto-controle. Uma perspectiva diferente das pensadas por outras fontes. Para exemplificar este posicionamento é necessário um esforço no sentido de apresentar que: a) formas de lazer tradicionais, do mundo globalizado, numa perspectiva de consumo, são encaradas como um sonho a ser alcançado; b) demonstrar que o lazer para estes meninos na atualidade passa pelo entendimento do esporte, sobretudo o futebol; c) a relação trabalho e Lazer para esta parcela populacional pode ser melhor compreendida pela distinção entre tempo livre e atividades de lazer. Sobretudo no COCASPE. Feito este caminho, pode-se estabelecer o tipo de atividades encontradas no COCASPE que tenderiam a fazer este sobe e desce na relação compensação, auto-controle.

O lazer na perspectiva do trabalho e não trabalho, numa visão compensatória remete ao pensamento de atividades que necessitem um certo poder aquisitivo. Quando perguntados sobre os sonhos, “C4” dá uma pista interessante sobre isto. Sua intenção é “ser grande”. Perguntado sobre o que é ser grande, a resposta apontou para uma percepção consumista da sociedade.

Ser grande é você ter o que você quer. Digamo, você alcança teus estudo, você pega e, quando você qué saí, você te condição de saí, você, digamos assim, você qué ir num show, você chega e tem teu dinheiro, teu carro ali que você pode ir sem pedi pra ninguém. Você chega e convida um amigo: ô, vamo lá naquela cidade vê um show, sem pedi permissão assim, permissão e empresta dinheiro alguma coisa você pega teu amigo ir lá e curti o show e volta, e é isso que é permissão pra mim, isso que é difícil. Agora que nem, minha família aí, porque que eu vo pegá aí, digamos assim, por mais que eu ganhe dinheiro, tudo eu pega um dinheiro e dexa eles na dificuldade aqui e si faz o que eu quero. E outro que eu queria também era ir mora sozinho, tudo mundo sonha em mora sozinho, né, mas tendo contato com a família, diariamente se pudé, mas, enquanto isso, vai sê meio difícil, na situação que tá, vai saí só pra bem dize esquentá a cabeça. A família agora no momento é o mais certo que tem que fazê,é ficá perto deles.

Lazer seria, nesta perspectiva, um sonho a ser alcançado. No entanto, como a subsistência é o mais importante, coloca-se sempre ao lado de posicionamentos como este a vinculação a um “bom” trabalho para se conseguir este tipo de Lazer. Aí está caracterizada uma forma tradicional de visualizar o Lazer. Este posicionamento leva a pensar uma outra possibilidade de visualização.

Para utilizar o conceito de Lazer de ELIAS como forma de interiorização do auto-controle é necessário contextualizá-lo. O controle das emoções seria fruto do processo civilizador em que as excitações excessivas dão lugar a uma nova forma de controle enraizado na estrutura profunda da personalidade. A diferenciação existente entre tempo livre e lazer em ELIAS dão a possibilidade de entender as formas de controle conhecidas. As restrições impostas aos indivíduos tendem a criar esta interiorização das normas.

Vários exemplos foram dados no sentido de compreensão do caráter restritivo existente no COCASPE. Entre eles a referência à expulsão de “C8”, as imposições declaradas por “C3” em relação às tarefas impostas em troca de alimentação. Bem como a reclamação contra alguns funcionários. Abre-se uma janela para pensar que estas mesmas atividades, relatadas por “C3” eram realizadas com base no consenso, no diálogo com a coordenação anterior.

Utilizando o “espectro do tempo livre” de ELIAS, as atividades, ou cursos semi-profissionalizantes seriam chamadas de rotinas do tempo livre. Entre as atividades de rotina do tempo livre estariam as atividades de provimento das necessidades biológicas. No COCASPE, após as refeições havia um tempo determinado para a higiene pessoal.

Portanto, atividades como comer, beber, e a higiene seriam rotineiras. O trabalho privado e administração familiar seriam outras atividades rotineiras. No COCASPE havia um fio condutor das atividades voltadas para o auto sustento. A horticultura seria um exemplo. Fato que refletiu nas descrições apresentadas pelos entrevistados com relação à preocupação com a família. Entre as atividades de tempo livre estão as atividades de sociabilidade e as atividades miméticas ou jogo.

No outro lado do espectro estão as atividades de lazer. No COCASPE estas atividades estariam representadas no contexto das atividades esportivas e recreativas. Na lembrança dos entrevistados as maiores referências foram para estas atividades. Perguntados sobre os melhores momentos dentro do COCASPE os relatos foram os seguintes: “C1” “Esporte”; “C2” “Ah! Várias coisas, né, brincadeira, né e futebol...”; “C3” “... a recreação eles fazia...”; “C4” “Até ping-pong que nós não sabia brincar aprendimo, nunca tinha noção e tava brincando”; “C5” “...jogava tênis de mesa (...) jogava bola e tudo mais”.

O lazer, principalmente o mimético, era utilizado como forma de romper com as restrições impostas dentro do COCASPE e, como ELIAS mostra, era usado como complemento a restrições da emotividade.

Qual o momento em que surge a idéia do COCASPE enquanto laboratório? ELIAS mostra que a rotina com restrições causam a secura de emoções. O lazer na sua forma mimética criaria um mundo de fantasia pelo qual estes meninos produziram excitações. Através delas eles exteriorizariam e interiorizariam formas de restrições. As excitações miméticas substituiriam a excitações sérias que são perigosas à vida. Busca-se uma tensão (positiva) que estaria associada à ansiedade e o medo no sentido de produzir prazer: a catarse. Aí está o outro pólo do espectro de ELIAS.

Ao mesmo tempo em que impõem restrições através das atividades profissionalizantes, promove alternativas de atividades miméticas para dar vazão ao descontrole controlado. Como verificar isto. Com o relato destes meninos com relação a

dois pontos: a) as respostas deles em relação ao lazer; b) o relato do que mudou em suas vidas após o COCASPE.

Do ponto de vista do lazer, os depoimentos do que fazem na atualidade relatam uma prática de lazer mimética. “C1” aponta para duas atividades centrais. O futebol, em torneios e a dança¹⁴. “Ah! Eu vô jogá bola, né, nós temo um time de futebol só entre parente, a maioria é parente só primo e irmão. (...). Ah! Vamo em torneio assim; daí a pi lazada quando ia na COCASPE também já aprendimo um pouco mais ainda co professor Carlos. Aprendimo bastante futebol e vamo indo co time. (...). De vez em quando vamo pros clube aí, né.”.

“C2”: “Futebol, né. Saio na praça dá um giro, conversá com a moçada”. “C3”: “É bõo praticá um futebol, fazê uma brincadera com a pi lazada, brincamo entre nós, assisti uma televisão , um filme, curti uma lanchonete, uma praça e assim vai indo a vida”. “C4”: “Pra mim lazer é jogar bola, sair com os amigo e se não der pra saí com os amigo é ficá com os amigo em casa aqui; sei lá jogando um baraiio, é um tipo de lazer, quanto menos confusão é melhor”. Por último “C5” relata como se diverte. “Diverti é jogá bola aos domingo, conversá com os colega na casa, é a diversão que eu gosto.”.

Fica caracterizado com estes depoimentos que a prática esportiva encontra-se presente em relação às outras atividades de tempo livre. Por outro lado, a interiorização de regras no sentido de restrições das emoções pode ser verificada na medida em que o relato dos entrevistados dão ênfase à novas formas de estabelecer relações com outros indivíduos. Perguntado sobre o valor do COCASPE na vida deles, o que teria mudado em suas vidas, surgem as seguintes argumentações.

No relato de “C5” nota-se uma mudança de comportamento, considerando que era agressivo no COCASPE e uma propensão a creditar ao trabalho as mudanças esperadas em sua vida.

¹⁴ Que poderia ser enquadrada como uma atividade de tempo livre de sociabilidade; aqui entendida como lazer.

Ah! Mudou bastante. Mudou porque a gente sabe que tem trabalhá pra vivê, não é maltratá as pessoa, judiá, que nem essas pessoa que pegam, tomá dinheiro de quem tá na rua assim, só porque tá um poco de gole, chega : ah! Vo tomá. Ih! Aprendi muita coisa. Agora pelo trabalho quero ter o que eu quero. Só que eu queria ter um pouquinho mais, de profissão assim pra mim ganhá um pouquinho mais pra ; podê meus filho tê um pouquinho de coisa boa mais melhor na vida, né. É isso que eu queria.

O relato de “C4” dá ênfase ao processo de controle das suas emoções. Bem como uma dimensão de busca do diálogo como forma de socialização.

O modo de vida. Hoje você sabe conversá mais com as pessoa, quando era pequeno era ignorante. Você pegava alguém até piazinho ou outras pessoa assim, você não ligava pra nada, você xingava eles; te davam conselho você não ligava; entrava por uma orelha e saía por outra. Hoje é diferente, se alguém vier conversar com você, você presta atenção. Por mais que você não grave, depois você grava e fica pensando daí; é isso mais ou menos que mudô. E o modo de vivê, que também deu pra vê que nada vem, você tem que conquistá um pouco, nada vem de graça assim. Da COCASPE assim, de lá tinha que pegá, tinha que saí já mais, digamos assim feito, né. Foi um negócio muito curto. Foi bão mais muito curto, só que ali digamos assim que as pessoas tinham que pegá mais oportunidade, as pessoa que tivesse cabeça e soubesse isso aqui é bão, é bão, ele ia, ele vai. Agora se a pessoa não fizé isso não vai. Se pensá assim não vai levá nada, não vai levá nada, daí digamos: eu posso dizê que eu aproveitei, eu aprendi um monte de coisa ali e dali peguei emprego e tal, mudô um poco a minha vida. Eu não precisei dependê muito do meu pai e da minha mãe. Precisei só ajudá eles daí. Então a minha cabeça ficou mais, digamos aliviada, com meu meio de vida; é fazê amizade também. Lá encontrava um monte de gente, gente de otra vila e sabe lá Deus da onde, quando vê em questão de segundos já tava conversando cum a moçada e tudo e brincando tudo, nem que você soubesse da onde era você tava ali brincando e conversando, é um poco que você pega e faz no mundo real agora que se tá de maior, você tá aqui, nós tamo conversando de repente chega um cumprimentá, você já sabe cumprimenta, você não vai chegá xingando os otro: que que foi, que que foi, você vai primero conversá co cara cumprimenta vai escutá o cara, é assim que rola agora.

Um outro aspecto explorado nestas respostas seria o caráter de o COCASPE ter contribuído na formação deste homem equilibrado. Mesmo com o relato de “C3” com relação a ter sido preso por briga, sua percepção em relação a seu comportamento em sociedade seria a de que teria mudado. “Mudô um poco, que eu aprendi várias coisa, aprendi a me comportá, meu nível de comportamento era péssimo antes. Depois que eu me entreguei lá no COCASPE saí mais humano com vocês assim...; saí bem melhor de vida; saí dez vez melhor do que tinha entrado; saí bem.” Neste relato pode-se argumentar que ao entrar no COCASPE não existia um auto-controle em relação aos comportamentos frente a outros indivíduos.

Apenas “C2” relata que não houve mudança. Para “C1” o que ocorreu foi o seguinte “Aprendi a dá respeito pros otro e valor no que a gente tem. E daí saí da COCASPE , já arrumei um clube pra mim jogá futebol e assim foi indo”.

A partir destes relatos e de fontes de inspiração diferentes das obtidas no mestrado, acredita-se que surgem posições diferentes em relação ao cumprimento dos objetivos do COCASPE. Os últimos relatos conduzem ao pensamento de que a interiorização do auto-controle foi realizado. Mais. A busca por atividades miméticas como meio de compensar os problemas cotidianos reforçam o processo de auto-controle e permite uma compensação da dura realidade enfrentada através da busca do prazer.

CONCLUSÃO

Dentro da proposta inicial deste estudo objetiva-se neste momento retomar algumas considerações em relação ao projeto COCASPE e aos entrevistados que participaram da construção do presente estudo.

A hipótese levantada no primeiro capítulo seria a de que os meninos de rua não construíram uma nova identidade em função de o COCASPE não possibilitar esta construção com um novo grupo. Mais. Lançou-se a possibilidade dos meninos não terem consolidado um novo grupo neste ambiente. Existiu a premissa de que os meninos seriam estigmatizados e eles não participariam de muitas atividades em função destas situações.

Surgiu a idéia de discutir o COCASPE enquanto um meio em que se utilizou o lazer e atividades de “trabalho”(atividades rotineiras) para a formação de uma nova identidade entre estes meninos de rua. Pôde-se pensar em três situações neste processo: a) o projeto foi realizado independentemente do tipo de identidade anterior destes meninos; b) os mecanismos pelos quais tentou-se oportunizar novas experiências aos meninos de/na rua foram as atividades de lazer e as atividades rotineiras (trabalho); c) a nova identidade a ser criada, um novo homem, estava vinculada aos meios utilizados para a formação de uma nova economia psíquica, um novo homem. Através destas situações pôde-se verificar se houve alteração nesta identidade por meio das atividades desenvolvidas no COCASPE.

Estas situações possibilitaram a idéia de mudar o foco e apresentar outro olhar para o mesmo projeto. E este novo olhar tomou corpo na medida em que se visualizou as atividades de esporte e recreação como uma forma de lazer com objetivos definidos. Qual seria? Como uma das formas de produção do auto-controle.

A possibilidade de um novo olhar tenderia buscar um referencial diferenciado da perspectiva tradicional de lazer. No corpo do trabalho tentou-se este viés. Com a noção de buscar a inspiração em autores de matrizes teóricas diferentes pode-se ver: o lazer

enquanto oposição ao trabalho; enquanto uma possibilidade de consumo, e por fim como oposição ao tempo livre. Não obstante esta tentativa, fica a sensação e a consciência de que no presente trabalho os autores de matrizes teóricas diferentes serviram como inspiração e ainda necessitam de uma nova abordagem com o intuito de expor o texto com mais coesão às idéias apresentadas na análise e nas conclusões. Dito de outra forma, a inspiração encontrada nos clássicos trabalhados necessita uma separação da sistematização das referências teóricas que permitem dar um tratamento mais coeso ao texto.

Houve um posicionamento precipitado no sentido de que “talvez o investimento dos meninos em participar de atividades relacionadas a lazer tenha sido mais interessante do que outras atividades do projeto”. Não estava clara a importância do projeto como processo. A perspectiva de entendimento do COCASPE partia do que ELIAS chamou de “estado de redução”, sobretudo de um viés econômico.

No entanto, o COCASPE pode ser analisado como mais um dos projetos sociais destinados aos menos favorecidos num processo de longa duração. No segundo capítulo foram apresentados os autores que trabalharam os meninos de rua na história. História que privilegia a relação existente entre a rua e as instituições. Instituições que utilizam o trabalho, o lazer, o esporte como meios pelos quais poder-se-ia dar condições mais dignas nas relações sociais dentro das respectivas sociedades. E, de certa forma, recai-se nos mesmos erros históricos. As limitações e reduções que se faz do uso do esporte enquanto uma oportunidade de profissionalização seria um exemplo. Fica claro que o esporte e o lazer possuem importância no cotidiano destes meninos. Porém, as atividades são restringidas ao uso recreativo do esporte, sem a perspectiva de profissionalização. Outras formas de visualizar as atividades esportivas podem ser privilegiadas. A noção de que políticas públicas, em que o esporte está presente, não tratam da educação de meninos de rua, mas sim da tentativa de identificação e trato de equipes desportivas, está presente no COCASPE. Sobretudo na interpretação das atividades que deveriam privilegiar o modelo de equipes de rendimento.

Na fala dos atores o sonho de serem jogadores estava presente. Na prática existiu uma vocação para a prática de atividades esportivas amadoras na ocupação do tempo livre.

Tratando da formação de grupos, o raciocínio de que os meninos de rua não faziam parte de nenhum grupo não se efetivou na medida em que existiu a aproximação entre os participantes do COCASPE. Eles chegaram com uma identidade “nós” pelo fato de muitos dos participantes pertencerem a um núcleo familiar (irmãos, primos) e de laços de amizade estabelecidos em referência ao local de moradia. No entanto, esta noção de “nós” mostra claros sinais de anomia na medida em que os meninos de rua entraram em contato com outros meninos provenientes de outras localidades. Muitas vezes houve confusão no sentido de brigas, xingamentos.

Existiram exceções. Como relatado, um ou outro menino tentou a aproximação com meninos de outras localidades sem, no entanto, efetivar um vínculo de amizade duradoura. Tanto que não foi feita referência ao convívio cotidiano entre estas pessoas.

Do ponto de vista da constituição de um “nós”, tentando uma aproximação entre funcionários e estes meninos, verificou-se que as relações dentro do projeto foram, na percepção dos entrevistados, muito mais amistosas que conflitantes.

Posicionamentos como os que tenderam a colocar o COCASPE como uma alternativa de mudar a situação destes meninos a partir de uma “mudança de identidade” (incorporando uma identidade nós), com o objetivo de deixar de oferecer perigo, podem ser relativizados.

Constatou-se que houve mudanças na forma de agir frente à sociedade. Estas mudanças não parecem apontar para uma identidade “nós”. Mas apontam para a confirmação de que, da forma como foi desenvolvido, o COCASPE apresentou-se eficiente no sentido de prepará-los para o enfrentamento do cotidiano com as características de um homem equilibrado. A lógica e o processo de interiorização de autocontrole seguiu uma lógica interessante. E esta lógica começou a florescer após as entrevistas. As novas conclusões sobre o COCASPE possuem um raciocínio alternativo.

A questão de preparação para o trabalho, na perspectiva do trabalho formal, com níveis de remuneração interessantes não se efetivou. O mercado exige alta qualificação e o COCASPE não proporcionou isto.

O COCASPE teve êxito em prepará-los para configurações nas quais eles são atores no cotidiano. Como? Pela produção de um auto-controle construído entre a polarização existente entre atividades rotineiras, cujo eixo foram as restrições, e as atividades de lazer. Vários relatos conduzem para a noção de um homem equilibrado.

A idéia seria a seguinte: os meninos eram estigmatizados nas ruas. A seleção dos meninos para freqüentarem o COCASPE os enquadraram como meninos em situação de risco, portanto num mesmo bojo de meninos de rua. Neste sentido, partiu-se da premissa de que haveria um grupo de meninos a ser tirados da rua. Os próprios entrevistados tinham esta percepção, reconheceram que a maior parte do dia eles permaneciam nas ruas e desrespeitavam todos aqueles que não estivessem próximos a eles.

O COCASPE atuou em duas frentes: atividades rotineiras que tenderam a aplicar restrições aos comportamentos destes meninos e atividades de lazer que proporcionavam excitações miméticas em direção à catarse. Nas relações interdependentes estiveram frente a situações imprevisíveis, “relações cegas”. Relações com funcionários e com meninos de outras localidades. Nestas figurações existiram estigmas que afastaram pessoas. Ao mesmo tempo aproximaram outras. Fato que remete à formação de uma economia psíquica cujo qualificativo aproxima-se de um novo homem, o homem equilibrado.

As atividades de Lazer deram vazão ao descontrole, porém de forma controlada. Seriam as excitações miméticas em contraste com as possíveis excitações sérias, perigosas para a sociedade. Estas excitações sérias eram as que ocorriam na rua. No relato dos entrevistados a passagem desse comportamento que tendia a agressões a outros indivíduos cedeu lugar a condutas adequadas, amistosas, civilizadas.

Este fato levou-os a buscarem na sociedade atividades que proporcionassem o mesmo prazer encontrado nas atividades do COCASPE. Pode ter surgido daí o interesse

por agruparem-se em torno de atividades que possibilitem níveis de descontrole aceitáveis através de atividades miméticas, representadas pelo futebol, a busca de espaços de socialização, como o caso da dança (relatado como som).

As atividades rotineiras os preparou para uma lógica do trabalho informal. Voltada à subsistência. E as características marcantes seriam a diversidade de atividades. O que chamariam de “pau para toda obra”. Neste contexto, verificou-se uma ética do trabalho na realidade dos entrevistados e a expressão disto seria a aceitação e submissão a uma lógica de trabalhos parciais e de “bicos”. Uma cultura de subsistência que mantém a família como núcleo aglutinador.

Na medida em que reforçaram laços de amizades com outros indivíduos do bairro, participantes do COCASPE, eles estigmatizaram grupos “de fora” – os meninos que eram encaminhados de outros projetos situados na região central. A idéia era a de que “eles” vinham atrapalhá-los no COCASPE. Fato até então obscuro. As restrições a que estes meninos eram submetidos no COCASPE, através de humilhação e opressão efetivadas por certos funcionários tiveram sua importância relatada pelos entrevistados. No entanto, a tensão maior ficou polarizada entre os próprios meninos.

Nesta linha de raciocínio, acredita-se que o COCASPE fortaleceu uma ética voltada para o trabalho. Constatou-se que a realização dos sonhos, geralmente voltada para um mercado de consumidores, está vinculada a um bom trabalho. A noção de “ser grande”.

Outro ponto constatado é de que estes meninos interiorizaram o discurso de que a concretização dos sonhos está vinculada à busca dos canais de acesso: via de regra pelo estudo. A escolha seria deles. Ao mesmo tempo os laços familiares parecem ter sido reforçados pela necessidade do trabalho.

Fica claro que a análise do COCASPE enquanto um projeto educacional eficaz pode ser mais bem apreendido na perspectiva de formação do auto-controle, da economia psíquica. E não no sentido de uma inclusão social através de preparação para o trabalho formal. A preparação para a vida não passa apenas pela formação profissional. Mas,

também pela preparação para transitar pelas configurações estabelecidas entre indivíduos e sociedade.

ANEXOS

Entrevistado C1	145
Entrevistado C2	150
Entrevistado C3	153
Entrevistado C4	157
Entrevistado C5	164
Pré-entrevistas	169

ENTREVISTADO C1**Data de realização da entrevista: 10/01/2003****1- Qual é a história da sua família?***Entrevistador: Fale um pouco da sua família.*

O pai morreu né. Daí, daí, fiquemo assim né. Daí uns arrumaram serviço, né. Daí agüentando, daí e daí parei de estuda. Daí, o outro irmão foi pro quartel. Daí ajudando.

Entrevistador: Vocês são em quantos irmãos?

Somo em sete irmão.

Entrevistador: E a mãe trabalha?

É a mãe trabalha.

2- Comente sobre seus estudos.*Entrevistador: E com relação ao estudo?*

Ah! Estudo daí eu parei de estuda, só fiz até a 1ª série do 2ª grau. Daí saí.

Entrevistador: Saiu por quê?

Ah! Eu reprovei um ano. Daí não quis mais desinteressei. Daí não vortei mais estuda.

Entrevistador: E o que você acha do estudo. Serve para que o estudo?

Serve pra tudo. Quem não estudo não vai pra frente. O estudo é tudo na vida.

Entrevistador: Pretende estudar de novo?

É. Pretendo faze curso né.

Entrevistador: Que tipo de curso?

Curso profissionalizante né.

Entrevistador: Já fez algum?

Não. Não fiz ainda.

3- Quais são as lembranças que você tem do COCASPE?*Entrevistador: O que você lembra do COCASPE? Quais são as lembranças que você tem do COCASPE?*

As lembrança foi uma das melhor coisa que aconteceu na vida.

Entrevistador: Por que?

Porque a gente vai...; tinha pessoa que ói, não se interessava por estudo pra nada. Entrava na escola lá. Saía da escola ia estudava e vortava lá armoçava. Daí eles incentivavam bastante também. Daí a pessoa ia e melhorava no estudo mais ainda.

Entrevistador: E o que você lembra assim; Quais as melhores coisas que tinham no COCASPE para você?

Esporte. Tinha bastante coisa é: serigrafia. A gente também aprendia educação boa também. Respeitá os otro.

Entrevistador: E pra você o que mais te incomodava lá? O que mais te deixava chateado?

A piazada tentava a gente bastante provocava, mais de colega né que tentava a gente mais, os funcionário era tudo excelente , tudo gente boa pra caramba.

Entrevistador: E desses funcionários você mantém contato com alguém? Conversa com alguém? Convive com alguém?

Eu já conversei ca professora Neusa, professor Carlos, o Edizonei.

Entrevistador: Mas no dia a dia você não convive com eles?

Não, não.

Entrevistador: Pode citar um exemplo por que o COCASPE era bom?

O COCASPE era bom né, daí, começo a vim daí a piazada do centro da cidade ficava parado na rua lá né. Daí ficava o dia inteiro. Só que depois na hora de fecha a piazada voltava pa rua de novo. Daí, vortava pa rua, não tinha onde dormi, saía dali depois do horário de ficá ali, daí ficava pa rua fugia, daí na hora do café , daí tinha hora de descansa, faze o esporte lá, dava hora do esporte, fugia, daí usava droga. Tinha que arruma um lugar pos piá dormi pelo meno, né.

4- Comente sobre o trabalho na sua vida.

Entrevistador : E me conte sobre trabalho. Você já trabalhou?

Não. Registrado nunca trabalhei.

Entrevistador: E fora de registro?

Fora de registro já trabalhei, já.

Entrevistador: Me conte um.

Já, eu limpo quintal. Já trabalhei de planta grama, jardinage por dia. Já trabalhei, já lavei carçada, já trabalhei bastantinho já.

Entrevistador: O que mais te incomodava no trabalho? Esses trabalhos que você fez assim...O que te incomodava? Por que você não conseguiu?

É que daí também já não; daí não...não...era serviço assim que não era pra registra né. Mais quando tinha sempre infrentava.

5- Qual a função do lazer na sua vida?

Entrevistador: E o lazer "C"? O que você faz pra se divertir?

Ah! Eu vô joga bola né, nós temo um time de futebol só entre parente, a maioria é parente só primo e irmão.

Entrevistador: Conte pra mim um pouco disso.

Ah! Vamo ne torneio assim; daí a piizada quando ia na COCASPE também já aprendimo um pouco mais ainda co professor Carlos. Aprendimo bastante futebol e vamo indo co time.

Entrevistador: E fora o futebol? O que você faz mais para se divertir?

De vez em quando vamo pros clube aí né.

Entrevistador: Qual clube?

É; vamo pro centrão.

Entrevistador: E o que é o centrão?

Dança.

Entrevistador: E televisão?

Televisão quase não assistimo.

6- Comente sobre suas amizades.

Entrevistador: Com relação as suas amizades: seus amigos são os mesmos do COCASPE hoje em dia?

A maioria é de lá.

Entrevistador: Participaram do COCASPE?

É participaram. A maioria também morava aqui por perto. Então sempre converso. A gente sempre tá junto.

Entrevistador: Vocês entraram juntos no projeto? Ou já era de fora?

Não. A gente entro pro começo, depois entro mais. É tudo da redondeza. Daí depois foi entrando mais e mais, então a maioria a gente se vê...

Entrevistador: E normalmente vocês se encontram aonde?

É; às vezes a gente vai passeando; vai na farmácia , no mercado. Sempre encontro. Quando vai passando pra joga bola encontro também.

Entrevistador: O que eles fazem da vida hoje para sobreviver?

Tem uns que tão trabalhando. Tem uns que daí já se envolveu cum droga, já morreu.

Entrevistador: Você se lembra de alguém que morreu?

Lembro.O “R”. Daí morreu...

7- O que mudou em sua vida depois do COCASPE?

Entrevistador: O que você acha que mudou depois que você participou do COCASPE?

Antes eu ia pra escola e vortava. E aí às vezes a mãe ia trabalha e não tava na casa. Daí eu fugia. Ia brinca escondido. Saía longe. Daí depois entrei no COCASPE aprendi muita coisa. Aprendi a dá respeito pros otro e valor no que a gente tem. E daí saí da COCASPE , já arrumei um clube pra mim joga futebol e assim foi indo.

8- Quais são seus sonhos?

Entrevistador: E hoje o que você diria pra gente? Quais teus sonhos? O que você quer fazer na vida?

Ah! Eu queria arruma um emprego bão e ajuda minha mãe. E mora por aqui memo.

Entrevistador: O que é um emprego bom pra você?

Que dê um dinheiro bão né, pra gente podê ajuda aí né.

Entrevistador: O que você acha que falta para fazer isso?

Farta... farta vontade né...farta portunidade.

Entrevistador: Que tipo de oportunidade?

A vai né na fila aí né. Já falam: a não tem, já entregaram bastante currículo, já peguemo um onte, já peguemo dois otra semana.

ENTREVISTADO C2**Data da realização da entrevista : 10/01/2003****1- Qual é a história de sua família?***Entrevistador: Você pode contar um pouquinho da história da tua família?*

A é foda conta né cara. (Havia sinais de que o entrevistado estava drogado. Sinais como: os olhos vermelhos, voz lenta).

Entrevistador: O que você lembra da tua família? Pai, mãe, irmão...

É tenho irmão, três, moro ca mãe, co pai.

Entrevistador: Quem sustenta a casa normalmente?

Só o pai né. A mãe só fica na casa e nós só trabaiamo de vez em quando só no bóia fria quando dá né. Quando não chove, mais vai né meu. Não é sempre também que dá né.

2- Comente sobre seus estudos?*Entrevistador: Fale um pouco pra mim do teu estudo.*

O meu estudo foi um fracasso. (A resposta foi com tom irônico).

Entrevistador: Por que um fracasso?

Porque sim né cara, sei lá.

Entrevistador: Você estudou até que série?

Até a 5ª.

Entrevistador: Parou por quê?

Nem eu sei porque que eu parei cara. Muita bagunça demais né.

Entrevistador: O que você acha do estudo?

Ah! Eu acho que é bão né cara, mas só que eu não fui pra frente né. Os neguinho aí é bão que tão estudando ainda né. A gente já era né cara.

3- Quais são as lembranças que você tem do COCASPE?*Entrevistador: O que você lembra do COCASPE?*

Ah! Várias coisas né, brincadera né e futebol, serigrafia.

Entrevistador: O que mais te incomodava no COCASPE?

Entrevistado: A única coisa que incomodava só os cara que vinham lá da rua e começavam a zuá cum nós.

Entrevistador: Era o pessoal próximo da vila ou pessoal de longe?

Não. De longe lá do centro né cara. Que vinham do albergue tudo lá né. Os cara apavoravam demais.

4- Comente sobre o trabalho na sua vida.

Entrevistador: Me conte um pouco mais sobre trabalho. Você já trabalhou?

Não. Trabalhei só fazendo bico. A maior parte do trabalho que nós fazemo é de bóia fria né, que hoje em dia só tão pegando neguinho que tão estudando ou tem estudo e tudo, agora a gente não tem né. Tem que encara o que vem. O que dá na teia tem que encara. Se nós tivesse estudando até hoje acho que nós tava mais sossegado né, tava cum serviço e tudo, mais como não deu tem que se contenta com que tem né.

5- Qual a função do lazer na sua vida?

Entrevistador: O que você faz pra se divertir?

Futebol né. Saio na praça dá um giro, conversa com a moçada.

Entrevistador: E televisão?

Assisto televisão e escuto som.

6- Comente sobre suas amizades.

Entrevistador: O que você tem para me dizer dos amigos? São os mesmos do COCASPE ou são de fora?

Os caras são que nem a gente convivem direto aí né pra lá e pra cá, fazem o que a gente faz, não robam só curtem a vida.

Entrevistador: O que eles fazem normalmente pra ganhar a vida?

A maioria trabalha né. Tipo nós não né, mas a maioria dos cara trabalha.

7- O que mudou em sua vida depois do COCASPE?

Entrevistador: O que mudou para você, ou não mudou nada em sua vida depois do COCASPE?

Ah! Não mudô quase nada né cara, ,mudo pôca coisa. Aquele tempo nós estudava tudo né, agora; tinha alguém pra ajuda falando: vai, estuda. Hoje já não tem e a gente nem pensa muito.

8- Quais seus sonhos?

Entrevistador: Quais os seus sonhos? O que você pensa em fazer da vida?O que você gostaria de fazer?

Gostaria de arruma um serviço que dê pra sustenta só eu, sei lá...

Entrevistador: O que você acha que falta pra isso?

Falta capacidade, vontade, mais empenho né cara.

ENTREVISTADO C3**Data da realização da entrevista: 13/01/2003****1-Qual é a história de sua família?**

Entrevistador: Fale um pouco da história da sua vida. Como você vê a sua família?

No momento dá pra ir vivendo a vida né; aos pouco vai indo o serviço. Dá pra vive. Eu to desempregado, mas dá pra vive.

Entrevistador: Você já viveu muito tempo afastado de casa?

Já fiquei. É que eu fiquei viajando pra fora. Eu vendia peça de gais. Não progredi muito pra frente.

Entrevistador: Por que?

Porque acabava, eu vendia as peça, daí o patrão se quebro. Nós vendia por conta própria as peça daí acabo. Chego uma época que chegemo; tomei uns gole; entrei numa briga e fui pará na cadeia até. Daí depois saí. Daí o serviço não coisiava mais porque os documento não tava em dia. E de repente por mais por menos pegavam o que eu conseguia.

2-Comente sobre seus estudos.

Entrevistador: Você estudou até que série?

Fiz até o 1º. Depois não me aceitaram na escola por motivo de eu ter ido viaja; trampá pros mato. Daí voltei, fui faze matrícula e não me aceitaram no colégio por causa da idade. Daí eu fiquei por isso mesmo. Fiquei sem estuda.

Entrevistador: Você pretende voltar a estudar?

Vo tentá no Senador Correia. Tentá de novo lá o supletivo.

Entrevistador: Qual o objetivo do estudo para você?

Pra evoluí mais a cabeça né. Dá mais atenção. Se pegá uma ficção e se firma na mente pra você fazê alguma coisa significativa; que nem se for procura um serviço, tem que te acima do 2º grau; tem que te; a mais de tudo a informática ainda. Assim vai indo né.

Abaixo do 2º grau não consegue nada hoje em dia.

3-Quais são as lembranças que você tem do COCASPE?

Entrevistador: Quais são as lembranças que você tem do COCASPE C3?

Ah! São várias né. Como a amizade que eu tinha dos funcionários tudo lá, os amigos que viviam lá, menos uns ali que pisavam na bola, como um que queria xingá e se aproveitá de todo mundo.

Entrevistador: Quais os melhores momentos no COCASPE para você?

Melhor momento foi consegui lida com serigrafia; a recreação eles fazia; a educação nós tinha tudo ali. Nós tinha influência ca Neusa que era diretora do momento, a Marlene era tudo responsável ali. Nós tinha amizade com eles. Só que depois entro a Luciane lá esculhambo tudo lá cum nós; daí ninguém entendia nada cum nada; viro bagunça e assim a negada foram tudo abandonando; até que chego ao ponto que foi fechando o negócio. Acabo o negócio acho que foi por causa da nova organização que fizeram ali; mudança de pessoas no cargo.

Entrevistador: O que mais te incomodava lá?

Sinceramente foi a mudança de cargo de diretores; daí quando tinha a Neusa ali nós tinha liberdade de faze tudo que nós queria, mas tudo no devido horário certo, no tempo certo, e com ela não , ela queria obriga nós a faze uma coisa que nós não tava querendo faze na aula ,ela obrigava. Se nós não fizesse nós não almoçava. Entre mais e tudo tempos bão eu me recordo.

4- Comente sobre trabalho na sua vida.

Entrevistador: Como foi o trabalho na sua vida?

Antes eu comecei vende peça de carro né, essas borrachinha, ventarola; daí depois eu fui caí por causa de bobage que fui preso; daí saí perdi os documento e serviço fichado nunca peguei memo.

Entrevistador: Que tipo de serviço você fez?

Serviço de bóia fria. Ia lá pros mato colhe feijão. De repente eu fui pra Matinhos trabalha de servente de pedrero.

Entrevistador: O que mais te incomodava no trabalho? O que você não gostava?

A falta da família, dos parente , dos colega ; se senti só.

5- Qual a função do lazer na sua vida?

Entrevistador: O que você faz para se divertir? O que você acha do lazer na sua vida?

É bão pratica um futebol, faze uma brincadera com a piizada, brincamo entre nós, assisti uma televisão , um filme, curti uma lanchonete, uma praça e assim vai indo a vida.

6- Comente sobre suas amizades.

Entrevistador: Seus amigos são mais do trabalho ou da diversão?

A maioria tudo do trabalho. Só fim de semana memo.

Entrevistador: E os seus amigos hoje eram do COCASPE ou não?

Uns só né, os otros tudo espalhado, tudo perdido.

Entrevistador: O que eles fazem de trabalho ou estudo?

Tem uns que...; a maioria tudo freqüenta as serraria. Trabalho bão memo é difícil o caboco pega depois de uma certa idade, mais em serraria memo, biquinho , servente de pedrero, ajudante e assim vão indo.

7- O que mudou na sua vida depois do COCASPE?

Entrevistador: O que mudou na sua vida depois do COCASPE?

Mudo um poco, que eu aprendi várias coisa, aprendi a me comporta, meu nível de comportamento era péssimo antes. Depois que eu me entreguei lá no COCASPE saí mais humano com vocês assim...; saí bem melhor de vida; saí dez vez melhor do que tinha entrado; saí bem.

8- Quais seus sonhos?

Entrevistador: E o que você pensa da sua vida hoje? O que você tem de sonho?

Um futuro melhor, um emprego. Tira a mãe do serviço, dexá ela em casa só mantendo a vida na casa ali; dinherinho pra ela no fim do mês e ter meu larzinho, meu cantinho pra mim vive, memo assim ajudando ela.

Entrevistador: O que você acha que falta para você poder fazer isso?

Serviço. Daí precisa serviço, emprego. Disposição não falta , só falta aceitarem, mas como diz a lei, pra pega um serviço hoje em dia tem que te estudo acima do 2º grau, tem que te acesso a informática, os curso e tudo. E depende da sorte pra ser aceitado.

ENTREVISTADO C4

Data da realização da entrevista: 13/01/2003

1- Qual é a história de sua família?

Entrevistador: Você pode falar um pouco da história da sua família?

Da minha família ói, não tem muita coisa pra fala, mais é a única família que eu tenho. Passemo dificuldade tudo, mais é família; não tem como. Se eu saí daqui, eu vô arranja onde outro lugar? Por mais que você vá trabaiá pra fora, vai sentir saudade. É a única que você tem e é a única que pode ajuda você ainda. Lá fora você não vai consegui uma ajuda.

Entrevistador: Você é casado ou solteiro?

Sou soltero.

Entrevistador: Quantos irmãos você tem?

Tenho sete.

Entrevistador: Quem sustenta a casa?

Isso é problema meu. Depois que meu pai morreu né, agora cada um dá um poco, não tem como né. Digamos agora os irmão ficaram mais junto ainda. Quem sustenta mais é minha mãe e meus dois irmão que trabalham , só que um dos meus irmão tem três filho pra criá, que tá junto cum nós. Isso que é o pobrema. O resto ta difícil pegá. E eu principalmente, eu tenho meu serviço, só que temporário, época de safra. Enquanto a safra não vem , eu to aqui parado.

2- Comente sobre seus estudos?

Entrevistador: E com relação aos estudos? O que você pode me falar de estudo? Você foi até que série?

Estudo foi uma bobeadá minha mesmo. O primero emprego que eu peguei foi pelo estudo. Quando eu tava no COCASPE ainda foi o primeiro emprego que eu peguei foi pelo estudo mesmo.

Entrevistador: Foi aonde?

Na Telepar. Bolsa de estudo, só que não foi pra frente né. O pai faleceu tudo e daí ...

Entrevistador: Você parou para quê?

Parei pra trabaiaí. Já tinha saído da Telepar, fazia poucos meses que tinha saído; daí meu pai faleceu; daí foi assim; fui no rumo memo. Só serviço bico memo.

Entrevistador: Você pretende voltar a estudar?

Pretendo eu pretendo né. Eu queria memo que fosse numa escola perto. Se não for perto pra mim não adianta. Se for estuda em escola longe, tem que gasta pra estuda daí, de dia é muito pra mim, você não pode dexá do trabaio pra pega e estuda; daí se metê num negócio compatível né, uma escola perto, nem que você trabalhasse longe, mas que você chegasse e fosse pra escola perto daí dava né. Daí dava pra termina o segundo grau tranqüilo né.

3-Quais são as lembranças que você tem do COCASPE?

COCASPE?

Tem bastante, né. Lá que eu peguei meu primero emprego. De duas oportunidade de emprego que eu tive uma delas eu peguei. E lembro das atividades que tinha ali, alimentação. Porque antes nós parava mais na rua do que na casa. Depois surgiu COCASPE e com alimentação e um monte de programa pra faze, nós paramo mais no COCASPE menos em casa e menos na rua. É uma lembrança boa. Os professor né alguns eram ruim né, principalmente os home né, só que as mulher era gente boa, principalmente a cozinhera, a Rose. E o resto era bom, a gente aprendia altas coisa lá. Com a Marlene aprendemo serigrafia, encadernação, a desenha, pinta, faze gesso. Até ping-pong que nós não sabia brinca aprendimo, nunca tinha noção e tava lá brincando.

Entrevistador: O que mais te incomodava lá dentro do COCASPE?

Pra mim nada. Eu ia direto lá, então nada incomodava. Era diário. Da escola pra lá depois de lá pra casa. Daí não incomodava muito né.

4- Comente sobre o trabalho na sua vida.

Entrevistador: Onde você trabalhou? Como foi a questão do trabalho na sua vida? O que é o trabalho para você?

O trabalho é o ganha pão né, não tem como, sem trabalho é difícil você pega e tem o que você quer, mais o que falta mesmo é trabalho, não tem como.

Entrevistador: No que você já trabalhou?

Na minha vida trabalhei de tudo um pouco; trabalhei de granel, trabalhei de chapa, de servente de pedreiro, de eletricitista e agora estou esperando pra começar a fazer; volta pra granel de novo. Com a safra agora que vai vim eu vou começar de novo.

Entrevistador: O que mais te incomoda no trabalho?

Falta de oportunidade. Porque às vezes você tá dando tudo de si ali, mas só que não estão reconhecendo. Eles preferem a pessoa que é mais estudioso do que você que tá batalhando mais ali ainda. É a falta de oportunidade, mais chance né; se dessem mais chance, se não segurasse um dois meses aí né, mais que deixasse rolar. Oportunidade ia ser bem melhor do que você fica dois três meses, depois sai e fica procurando outro. Podia ficar ali, ganhando pouco, mas fica ali. Eu acho que vai ser difícil acontecer isso aí.

Entrevistador: Sobre o trabalho, ainda, o que você está pensando para sua vida aí pra frente?

O trabalho. É uma situação de risco no caso nós vamos começar com um carrinho de cachorro quente (Obteve-se, com o gravador desligado que um irmão, participante do COCASPE, que está no exército, vai comprar o carrinho para que a mãe não vá para a rua catar papel). É o único recurso que tem, né, é você trabalha sem o patrão fica te incomodando.

5- Qual a função do lazer na sua vida?

Entrevistador: O que você pensa do lazer na sua vida?

Pra mim lazer é jogar bola, sair com os amigos e se não der pra sair com os amigos é ficar com os amigos em casa aqui; sei lá jogando um baralho, é um tipo de lazer, quanto menos confusão é melhor.

Entrevistador: E televisão?

Assistimo televisão. Eh! Curtimo um rádio, som. Fazemo de tudo um pouco né, o que de pra fazer no momento que não vá precisa gastar dinheiro e que de pra se divertir, desde que não gaste muito dinheiro tá mir de bão, porque festa não dá pra fazer. Então o negócio é segura o que tem.

Entrevistador: Das atividades de lazer realizadas no COCASPE, qual você ainda continua fazendo?

Continuo jogando bola e brinco normalmente assim, o mesmo caboco extrovertido que eu era antes lá no COCASPE que brincava com todo mundo, eu ainda brinco com as pessoas daqui.

6- Comente sobre suas amizades.

Entrevistador: Comente um pouco sobre suas amizades. Os amigos que você tem hoje são do tempo do COCASPE ou são de fora?

A metade dos amigos que eu tenho ainda é do COCASPE. Nós levamos a amizade. Sei a casa de muitos que frequentava o COCASPE ainda, mas recentemente já falemos um monte quando tinha o COCASPE também. Todo mundo sabe aonde que nós tava quando nós era pequeno e tinha gente que sentiu até vontade de ir pro COCASPE ainda, é que daí já termino, daí não deu mais pra ir.

Entrevistador: Mas essas amizades você já tinha antes do COCASPE ou foi depois?

Já tinha antes e depois do COCASPE também. Não mudou nada.

Entrevistador: Mas você conheceu outras pessoas que você convive hoje?

Conheci. Eles vêm aqui em casa normalmente. Não mudou nada. Encontro na rua, eles conhecem eu pelo meu nome, pelo meu apelido mesmo, não mudou nada.

Entrevistador: O que eles fazem hoje quanto ao trabalho e ao estudo?

Alguns são vendedor. Outros tão parado sem emprego, mas uns já tem família. É difícil achar. Digamos que os mais encrenquero que tinha no COCASPE, que eu tive notícia recentemente de uns dois três que tão preso.

Entrevistador: Você lembra quem?

O “L”. Teve um que faleceu também que é o “B”né. Faleceu tava preso e faleceu. O resto tá normal; ta sofrendo na vida mas tá casado. Tá sofrendo porque tem filho pra cria.

7- O que mudou em sua vida depois do COCASPE?

Entrevistador: O que mudou na sua vida depois que você participou do COCASPE?

O modo de vida. Hoje você sabe conversa mais com as pessoa, quando era pequeno era ignorante. Você pegava alguém até piazinho ou outras pessoa assim, você não ligava pra nada, você xingava eles; te davam conselho você não ligava; entrava por uma orelha e saía por outra. Hoje é diferente, se alguém vier conversar com você, você presta atenção. Por mais que você não grave, depois você grava e fica pensando daí; é isso mais ou menos que mudo. E o modo de vive, que também deu pra vê que nada vem, você tem que conquista um pouco, nada vem de graça assim. Da COCASPE assim, de lá tinha que pega, tinha que saí já mais, digamos assim feito né. Foi um negócio muito curto. Foi bão mais muito curto, só que ali digamos assim que as pessoas tinham que pega mais oportunidade, as pessoa que tivesse cabeça e soubesse isso aqui é bão, é bão, ele ia , ele vai. Agora se a pessoa não fizé isso não vai. Se pensá assim não vai leva nada, não vai leva nada, daí digamos: eu posso dizê que eu aproveitei, eu aprendi um monte de coisa ali e dali peguei emprego e tal, mudo um poco a minha vida. Eu não precisei depende muito do meu pai e da minha mãe. Precisei só ajuda eles daí. Então a minha cabeça ficou mais, digamos aliviada, com meu meio de vida; é fazê amizade também. Lá encontrava um monte de gente, gente de otra vila e sabe lá Deus da onde, quando vê em questão de segundos já tava conversando cum a moçada e tudo e brincando tudo, nem que você soubesse da onde era você tava ali brincando e conversando, é um poco que você pega e faz no mundo real agora que se ta de maior, você ta aqui, nós tamo conversando de repente chega um cumprimenta, você já sabe cumprimenta, você não vai chega xingando os otro: que que foi, que que foi, você vai primero conversa co cara cumprimenta vai escuta o cara, é assim que rola agora.

Entrevistador: Você conseguiu algum emprego com os cursos oferecidos pelo COCASPE?

Não. Daqueles curso não peguei emprego nenhum.

8- Quais seus sonhos?

Entrevistador: Qual é o seu sonho para sua vida?

Nossa! Meu sonho é um sonho meio impossível.

Entrevistador: O que seria?

Só que eu num posso fala meu sonho. É impossível mai eu num posso fala.

Entrevistador: O que você acha que falta fazer? Por que você acha impossível?

Eu acho que a primera coisa a minha família tinha que tá bem e eu não tá morando com a família, daí eu podia realiza ele. Enquanto minha família ta assim, em trancos e barrancos acho que é melhor eu fica aqui e fica de um jeito e de outro tenta ajuda tudo aí, depois eu penso ne mim, depois eu penso no meu sonho que eu vo faze. Digamo que minha mãe teja bem, meus sobrinho que mora cum nós, né. Digamo aqui esse terreno e essa casa teja paz e teja comida, tudo e alegria, longe de dificuldade, daí sim, daí eu começo a conquistá o que eu quero.

Entrevistador: Você pode dar uma pista do que seria?

Uma pista? Ser grande.

Entrevistador: O que você acha que é “ser grande”?

Ser grande é você ter o que você quer. Digamo, você alcança teus estudo, você pega e, quando você qué saí, você te condição de saí, você, digamos assim, você qué ir num show, você chega e tem teu dinheiro, teu carro ali que você pode ir sem pedi pra ninguém. Você chega e convida um amigo: ô, vamo lá naquela cidade vê um show, sem pedi permissão assim, permissão e empresta dinheiro alguma coisa você pega teu amigo ir lá e curti o show e volta, e é isso que é permissão pra mim, isso que é difícil. Agora que nem, minha família aí, porque que eu vo pega aí, digamos assim, por mais que eu ganhe dinheiro, tudo eu pega um dinheiro e dexa eles na dificuldade aqui e si faze o que eu quero.

E outro que eu queria também era ir mora sozinho, tudo mundo sonha em mora sozinho, né, mas tendo contato com a família, diariamente se pude, mas, enquanto isso, vai sê meio difícil, na situação que tá, vai saí só pra bem dize esquentá a cabeça. A família agora no momento é o mais certo que tem que fazê, é ficá perto deles.

ENTREVISTADO C5

Data da realização da entrevista: 14/01/2003

1- Qual é a história de sua família?

Entrevistador: Você poderia falar qual é a história da sua família?

Minha família é mesma de sempre; tamo tudo unido, tenho dois filhos. To trabalhando e sempre tive lá né. O COCASPE lá, foi lá né tudo. Aprendi muita coisa.

Entrevistador: Nesse momento fale sobre a família. Você mora ou morava com seu e sua mãe?

Morava com a minha mãe, meu tio, minha tia. Somo em sete irmão, todos morando junto.

Entrevistador: Quem sustentava a casa anteriormente e quem sustenta hoje?

Antigamente meu tio né, a maioria era meu tio que ajudava, a minha mãe trabalhava pra ajudá a cuida de nós , tudo né. Daí meu pai abandono nós, nós era pequeno, bem pequenininho. Era meu tio e minha mãe que cuidava de nós. Daí nós ia sempre no Centro Ocupacional, ali. Aprendi muita coisa.

Entrevistador: Você ficava período afastado de casa? Ficou algum tempo longe no tempo de moleque?

Não. Ficava marmente assim só andando na rua, na praça jogar bola, e era o lugar que mais ficava. Nunca ficava fora de casa. O dia inteiro só andando na rua. Jogando bola e tudo mais. Aprendi muita coisa.

2- Comente sobre seus estudos?

Entrevistador: E com relação ao estudo. Você estudou até que série?

Estudei até a terceira série porque não tinha como compra material antigamente e a mãe não tinha dinheiro e trabalhava só pra come. E aí se fosse pra compra material não tinha dinheiro pra compra alimento. Daí eu parei de estuda por causa disso. Senão eu tava estudando até agora.

Entrevistador: 3ª série do 1º grau?

Isso.

Entrevistador : O que é estudo para você hoje? Qual o objetivo do estudo?

O estudo acho que é uma coisa boa né, eu queria aprende mais coisa né, que não tenho profissão. Queria ter profissão. Faze um curso, alguma coisa e tá difícil. Daí tentei procura aquele negócio de escola. Transferência pra pode estuda de novo. Daí não consegui; fui na escola que eu tava, daí mudaram, daí fui na outra que tava tudo os documento, fui lá não tava. E agora não sei se tá na prefeitura.

3-Quais são as lembranças que você tem do COCASPE?

Entrevistador: Do tempo que você participou do COCASPE, quais as lembranças que você tem de lá?

As lembrança de lá é muito legal. Sempre aprendi muita coisa; serigrafia; jogava tênis de mesa; era bem acolhido. Só as vezes, né que a gente desentedia com os colega, mas isso elas chegavam e conversavam com a gente. Já calmava um pouco, nós continuava dando risada e tudo; jogava bola e tudo mais. Era legal.

Entrevistador: Das atividades que você fazia lá, quais as que você gostava mais?

Gostava da serigrafia; era legal e joga tênis de mesa era legal também né; joga salão, esse era o que eu mais preferia né, lá dentro tudo.

Entrevistador: E os filmes que vocês assistiam?

Filme, filme também. Aqueles filminho que a gente assistia, só que agora eu não lembro, é tanto tempo né. Nossa tanto tempo né

Entrevistador: E o que mais te incomodava lá no COCASPE?

O que mais me incomodava era que os malandro de rua, que era que nem nós queria surra nós. É a única coisa que incomodava só; não tinha mais nada que incomodava.

Entrevistador: E os funcionários?

Não. Era tudo tranquilo.

4- Comente sobre o trabalho na sua vida.

Entrevistador: E trabalho na sua vida? No que você trabalhou? O que você considera como trabalho?

Eu trabalhava como ajudante de motorista. Trabalhei de auxiliar de produção, que agora é aqui né (entrevista feita no local de trabalho). Trabalhei de auxiliar de metalúrgico, só que eu queria uma profissão boa pra mim né, mas tá difícil sem estudo.

Entrevistador: O que é uma profissão boa para você?

Profissão boa é um curso de solda, um curso de torneiro, um curso bão pra mim era isso.

Entrevistador: E no trabalho, o que mais te incomoda?

No trabalho o que mais me incomoda é deixa meus filho sozinho na casa lá, certo que tem a mãe que cuida tudo lá, mai a gente tando perto a gente cuida um pouquinho melhor, a gente olha tudo né, atende. Quando briga a gente diz, não não é pra briga , não gosto que bata, não gosto que surre; daí né. É isso.

Entrevistador: Qual é seu trabalho hoje?

Hoje meu trabalho é auxiliar de produção no comércio de madeira Bandestino, registrado tudo, há dois anos e dois meses.

5- Qual a função do lazer na sua vida?

Entrevistador: E o lazer na sua vida? O que você faz para se divertir?

Diverti é joga bola aos domingo, conversa com os colega na casa, é a diversão que eu gosto.

Entrevistador: Normalmente nos jogos, o juiz implica muito ou não?

Bastante. O juiz sempre incomoda um poco né. As vezes a gente não faz a coisa errada e ele diz que tá errado; tem que pega e considera, faze o quê, juiz é juiz né.

6- Comente sobre suas amizades.

Entrevistador: Comente um pouco sobre suas amizades hoje. Esses amigos que você tem hoje eram do COCASPE ou não?

É tem muito amigo que tá meio sumido né. Do COCASPE. Os amigos que eu tinha lá, sempre tamo junto, meus primo, meu irmão, meus colega que moram na vila também que sempre tavam lá. São os únicos que eu conheço, que o resto sumiram tudo.

Entrevistador: E esses seus amigos hoje, o que fazem da vida?

Esses meu amigo, eles trabalham e outros estudam, outros ficam em casa, outros não sei o que fazem da vida. Tão longe (o entrevistado deu uma risada irônica).

7- O que mudou em sua vida depois do COCASPE?

Entrevistador: Depois do COCASPE você acha que mudou alguma coisa na sua vida?

Ah! Mudou bastante. Mudou porque a gente sabe que tem trabalha pra vive, não é maltrata as pessoa, judiá , que nem essas pessoa que pegam, toma dinheiro de quem tá na rua assim, só porque tá um poco de gole, chega : ah! Vo toma. Ih! Aprendi muita coisa. Agora pelo trabalho quero ter o que eu quero. Só que eu queria ter um pouquinho mais, de profissão assim pra mim ganhá um pouquinho mais pra ; pode meus filho te um pouquinho de coisa boa mais melhor na vida né. É isso que eu queria.

8- Quais seus sonhos?

Entrevistador: E qual é seu sonho hoje, o que você espera da sua vida ainda?

Meu sonho era ser jogador de futebol, mais não tive essa chance né, mais o que importa é ter uma profissão boa , que eu consiga ganha um dinherinho, que eu possa vive aí; eu e meus filho, tá loco de bão.

Entrevistador: Você acha que falta alguma coisa para concretizar isso, ou você já tem isso?

É, mais eu acho que falta ainda. Falta estudo. Estudo pra gente ter alguma coisa na vida. O estudo é tudo que a gente tem né e o estudo ajuda bastante né.

Entrevistador: E o que está faltando para concretizar?

Tá faltando sei lá, uma ajuda assim pra gente pode estuda de novo, faze um curso e melhora um poco né.

Entrevistador: Que tipo de ajuda?

Ajuda que a gente consiga entra na escola. Depois uma ajuda que a gente possa faze um curso né, essa aí é a ajuda que a gente precisa.

Entrevistado C1a**Entrevista feita em 16/08/2001.**

Entrevistador: Qual sua idade?

16 anos.

Entrevistador: O que você fez depois do COCASPE?

Jogando bola.

Entrevistador: Qual a frequência de treinamento?

Tava treinando só no sábado, mas não estamos mais.

Entrevistador: Você continuou seus estudos depois do COCASPE?

Parei este ano.

Entrevistador: Que série?

No primeiro ano.

Entrevistador: E trabalha?

Não.

Entrevistador: Em termos gerais, como você ocupa o tempo durante o dia?

Vô na casa dos amigos, quando dá pra jogar bola eu vou jogar bola.

Entrevistador: Aonde?

No Sagrado.

Entrevistador: Você pretende voltar a estudar?

Acho que vou, né. (Esta resposta teve um sorriso irônico)

Entrevistador: Você participou de algum outro projeto após sua saída do COCASPE?

Conheceu algum?

Não. Vi alguma coisa pela televisão. Já a segunda questão ele teve conhecimento pela televisão.

Entrevistado C3a.**Entrevista feita em 16/08/2001.**

Entrevistador: Você já trabalhou de carteira assinada após o período em que esteve no COCASPE?

Não, perdi todos meus documentos; daí né, fiquei vendendo peça de gás e estudando”.

Entrevistador: Qual a série que você está estudando?

Terminando a 7ª série; 5º A. À noite.

Entrevistador: Você está trabalhando?

Não, tô parado.

Entrevistador: O que você faz durante a semana? O que você faz na cidade durante o dia?

Fazendo bico.

Entrevistador: Só bico.?

Não, tô dando um...; fico em casa, limpando a casa com meus irmãos, tudo, dividimos o serviço lá e fazemo”.

Entrevistador: Você mora com a família?

Com a família toda.

Entrevistador: E os outros meninos do COCASPE? Vocês ainda se encontram? Têm um local para bater papo?

É difícil a piazzada, aí. Mais certo é fim de semana à noite, quando vai pô som, tudo.

Entrevistador: Durante o dia

É difícil... quase não vejo eles à noite, mas é difícil eles subirem.

Entrevistador: E os demais colegas do COCASPE?

Os irmão tão lá em casa. Outros tão por aí.

Entrevistador: Voltando na situação vivenciada no COCASPE, o projeto o te ajudou em alguma coisa?

Ajudou.

Entrevistador: No que teria ajudado, para que serviu o COCASPE?

Peguei um pouco de educação e mais valor a vida, né.

Entrevistador: Dos cursos que você fez no COCASPE, você chegou a utilizar as informações que adquiriu no período em que freqüentou?

Encadernação, serigrafia, grampos. Trabalhei com ‘praca’, só que era por dia.

Entrevistador: Aonde?

Luminosos.

Entrevistador: Quanto tempo?

Uns três ‘meis’, porque era mais a época das ‘eleição’, daí não fiquei muito tempo assim.

Entrevistador: *Na sua opinião aquele projeto valeu a pena?*

Valeu, valeu muito.

Entrevistado C4a
Entrevista feita em 16/08/2001.

Entrevistador: Quantos anos você tem?

22 anos.

Entrevistador: Participou do COCASPE desde seu início?

Sim

Entrevistador: Você está estudando?

Parei de estudar no 1º ano do 2º grau.

Entrevistador: Você trabalhou depois do COCASPE?

Consegui emprego na TELEPAR, com bolsa, bolsa de estudo. Estou trabalhando com lataria e pintura mas ninguém tem dinheiro. Daí eu fico parado.

Entrevistador: O COCASPE ajudou você em alguma coisa?

Até o momento, não. Aprendi a sair menos e ir mais lá. Tinha futebol, tinha os amigos; ficava mais na época do lazer lá, né. Não saía muito pela rua.

Entrevistador: Vocês voltaram pra rua?

Não. Crescimo, né. Não viramo piá de rua. Aquele tempo era melhor. Até as notas melhoraram.

Entrevistador: O que era negativo no projeto?

Os cursos um pouco adiantaram. Se eu for agora arrumar um serviço que tenha que usar a serigrafia eu sei um pouco, né. Não sei tudo mas um pouco sei.

Entrevistador: No período que está fraco de serviço o que você faz?

Discola um bico aqui, outro ali. Mais de servente de pedreiro e eletrecista.

Entrevistador: Teve notícias a respeito dos companheiros que freqüentavam o projeto?

Alguns continuam os mesmos, né. Nem conversamos, né. Alguns casaram. Tinha nossos parentes que iam, né. Maioria da nossa família. O “R” e o “L” estavam por aí, mas agora tão preso”.

Entrevistado C5a**Entrevista feita em 16/08/2001.**

Entrevistador: Qual a validade do COCASPE para você?

Adianto, né. Pra aprende alguma coisa adiantou; pelo menos ‘saímo’ da rua, né. Adiantaria se tivesse continuado.

Entrevistador: Você estudou?

Fiquei uns três meses lá no CES¹ e sai”.

Entrevistador: Continuou estudando?

Ah não, não dava; era muito papel para trazer pra casa.

Entrevistador: Conseguiu trabalho?

Trabalhei um ano no Guairacá, com mudança. Trabalhei três meses por contrato.

Entrevistador: E agora está desempregado?

É.

Entrevistador: De vez em quando faz alguns “bicos”?

Não.

¹ Antigo Centro de Estudos Supletivos.

Entrevistado C6a**Entrevista feita em 16/08/2001.**

Entrevistador: Quantos anos você tinha na época do COCASPE?

12 anos.

Entrevistador: Qual foi o tempo em que você permaneceu no projeto.

Dois anos, ou mais.

Entrevistador: Frequentou a escola no período em que esteve no COCASPE? Cheguei a ir.

Entrevistador: Aonde?

No Amalio.

Entrevistador: Você continua estudando?

Não.

Entrevistador: Parou em que série?

Na 5ª.

Entrevistador: Depois que você saiu do COCASPE conseguiu algum emprego? Trabalhou?

Não. Trabalhar, trabalhei, mas agora to parado.

Entrevistador: Que tipo de serviço você fazia?

Engraxando aí....

Entrevistador: E a maioria do dia, você vai aonde, costuma fazer o que?

Tem nada, fico por aí cons os caras, batendo papo.

Entrevistador: Os cursos ofertados no COCASPE você chegou a fazer?

Não.

Entrevistador: Você participava mais do quê?

Do esporte, lá.

Entrevistador: Você acha que adiantou para algo aquele projeto na sua vida?

Ajudo, né cara.

Entrevistador: No que, por exemplo?

Sei lá, né meu.

Entrevistado C7a**Entrevista feita em 18/08/2001.**

Entrevistador: Qual sua idade? E quanto tempo você permaneceu no projeto?

17 anos. Fiquei dos 10 até os 15 anos. Fomos pra Casa do Menor quando acabou o COCASPE.

Entrevistador: Você aprendeu alguns dos cursos que existiram no COCASPE?

Aprendi.

Entrevistador: Depois que você saiu de lá você conseguiu emprego em algum lugar?

Não. Só de engraxate, né.

Entrevistador: Quanto tempo você trabalhou de engraxate?

Pra falar bem a verdade, até agora.

Entrevistador: Quais os locais que você mais frequenta para trabalhar?

No bairro de São José.

Entrevistador: Você continuou a estudar?

No Amálio, na 5ª série.

Entrevistador: Durante o período em que ficou no COCASPE te ajudou em algo?

Acho que sim

Entrevistador: No que?

Ah, sei lá. Num monte de ‘profissão’; um monte de coisas.

Entrevistador: E fora do projeto você utilizou os cursos em algum lugar?

Não.

Entrevistador: Você fez alguma outra atividade fora do COCASPE?

Não.

Entrevistador: Participou de algum outro projeto?

Participei deste de agora que teve; programa de engraxate, que era pelo prefeito.

Entrevistador: Quanto tempo de curso?

Só começaram, nem cheguei a trabalhar. O problema que não tem curso depois dos 18 anos.

Entrevistador: E o SENAI?

Lá tem que pagar.

Entrevistado C8a.**Entrevista feita em 16/08/2001.***Entrevistador:: Qual sua idade?*

19 anos.

Entrevistador: Você está estudando, trabalhando...?

Parei por causa do quartel, né.

Entrevistador: Pretende voltar?

Pretendo. Parei um ano depois terminei o 1º grau.

Entrevistador: Chegou a trabalhar depois do COCASPE?

Não.

Entrevistador: Não conseguiu nada de emprego para usar o que aprendeu nos cursos do COCASPE?

Não, porque fui expulso de lá, né.

*Entrevistador: Por que você foi expulso?*Depois que mudou a coordenação eu era chefe de uma parte da marcenaria, sabe? Seu Luiz saía e deixava eu montando uns negócios lá. Teve um dia que eu e a Adriana² discutimos, daí eu saí. Noutro dia ela disse que eu estava expulso e o seu Luiz saiu também.*Entrevistador: Na sua opinião o tempo em que você passou no COCASPE as atividades desenvolvidas ajudaram? Em que sentido?*

Sim. De não ficar na rua, né. Onde eu ia fazer um monte de bagunça.

Entrevistador: Então te ajudou a não aprontar?

Ajudou um pouco.

Entrevistador: Você procurou outro projeto?

Fui pra casa do menor.

Entrevistador: Quanto tempo?

Fiquei um ano e fazia tela.

Entrevistador: Por que você saiu?

Por causa da idade.

Entrevistador: E o que você fez e faz agora?

Fiz dois cursos na creche do bairro, um de informática e outro de datilografia. Ia pra escola de noite.

Entrevistador: Estes cursos não te ajudaram pra arrumar um emprego?

Terminei agora, faz um mês, mais ou menos. Agora to esperando o quartel, né.

Entrevistador: Continuam praticando esporte?

Final de semana.

Entrevistador: Durante o dia...?

Ficamos mais em casa.

² Assistente social e coordenadora do COCASPE antes de seu término.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

BERGO, A. C. **“Darwinismo Social” e Educação no Brasil**. Campinas, 1993. Tese (Doutoramento em Educação) – Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

CANIVEZ, P. **Educar o cidadão?** Campinas: Papyrus, 1991.

CORRAGIO, J. L. **Desenvolvimento Humano e Educação: o papel das ONGs latino-americanas na iniciativa da educação para todos**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1996.

COSTA, A. C. G. et al. **Brasil criança urgente: a lei**. São Paulo: Columbus, 1990, p.14.

DIAS, M. L. M. S. M. (coord.). **Projeto Realidade: alfabetização em Ponta Grossa**. Brasília: INEP, 1994.

D'INCAO, C. M. **Bóia Fria: exploração e miséria**. São Paulo: Vozes, 1983.

DENCKER, A. F. M.; DA VIÁ, S. C. **Pesquisa empírica em ciências humanas**. São Paulo: Futura, 2001.

DOWBOR, L.; IANNI, O.; RESENDE, P.-E. A. **Desafios da Globalização**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1997.

ELIAS, N. **A sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

ELIAS, N. **Envolvimento e Alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ELIAS, N. DUNNING, E. **Em Busca da Excitação**. Lisboa: DIFEL -Difusão Editorial, Ltda, 1985.

ELIAS, N. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 1 v.

_____. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 2 v.

EL-KHATIB, U. **Crianças e Adolescentes em situação de risco pessoal e social**: que problema é esse? São Paulo, 2001. 164f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) Departamento de Saúde Materno-Infantil, Universidade de São Paulo.

FAUSTO, A. O trabalho e a rua, crianças e adolescentes no Brasil dos anos 80. São Paulo: Cortez, 1991.

FRAGA FILHO, W. **Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX**. Salvador: HUCITE/EDUFBA, 1996.

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise da capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 1995.

GARRIGOU, A.; LACROIX, B. . **Nobert Elias**: a política e a história. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001. p. 123-144.

GEBARA, A. **Anotações para a teoria do processo civilizador**: proposições para a historia da educação. 100 anos de Norbert Elias, Piracicaba: Unimep, 1997.

GOHN, M. G. **Os sem terra, ONGs e cidadania**: a sociedade civil brasileira na era da globalização. São Paulo: Cortez, 1997.

GOUDSBLOM, J. O processo civilizador e a domesticação do fogo. **Journal of World History**. Universidade de Amsterdã., vol. 3, n. I – 1992 by University of Hawaii Press.

GRACIANI, M. S. S. **Pedagogia Social de Rua**: análise e sistematização de uma experiência vivida. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1997.

GREGORI, M. F. Meninos de rua e instituições: tramas, disputas e desmanche. São Paulo: Contexto, 2000.

GUTIERREZ, G. L. O Lazer na atualidade: contribuição para uma reflexão metodológica In: Anais do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Ijuí: Ed. Unijuí, 1997.

GUTIERREZ, G. L. **Gestão Comunicativa**: maximizando criatividade e racionalidade: uma política de recursos humanos a partir da teoria de Habermas. Rio de Janeiro: Qualitymak, 1999.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Trad. Adail Sobral, Maria Stela Gonçalves. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

HOBSBAWM, E. J. **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**. Trad. Maria T. L. Teixeira e Marcos Penchel.

_____. Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IPEA (BRASIL). Relatório do Pnud, 1999. Disponível em : <<http://www.ipea.gov.br/biblioteca>>. Acesso em : 22/01/2003.

KOLLER et all. **Aplicações da psicologia na melhoria da qualidade de vida**. Porto Alegre: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, 1996.

MACEDO, U. B. **Liberalismo e Justiça Social**. São Paulo: Ibrasa, 1995.

MARTINS, R. A criança e o Adolescente em situação de rua: definições, evolução e políticas de atendimento In: MIRANDA, S. M. G. A., STOLTZ, T. (sist.).

MARX, K. A Chamada Acumulação Primitiva. In: **O Capital: crítica da economia política**. Livro Primeiro, Vol. II. O processo de Produção do Capital. São Paulo: DIFEL-Difusão Editorial, 1982.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Livro Primeiro, Vol. II. O processo de Produção do Capital. São Paulo: DIFEL- Difusão Editorial, 1982.

MIRANDA, S. M. G. A., STOLTZ, T. (sist.). **A vida na rua e a rua na vida: histórico e proposta pedagógica** da Fundação Educacional Meninos e Meninas de Rua Profeta Elias. Curitiba: POSIGRAF, 1999.

MOLINA, R. M. K. **O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória**. In: TRIVIÑOS, A. N. NETO, V. M. A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas. Poto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

NETTO, V. C.; TRIVIÑOS, A. N. S. Pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

OFFE, C. **Capitalismo Desorganizado: Transformações contemporâneas do trabalho e da política**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

OLIVEIRA JR, C. R. **Meninos de rua ou de um Beco sem saída?** Piracicaba, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba.

ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PRIORE, M. D. História da criança no Brasil. São Paulo: Contexto, 1991.

RIZZINI, I. Pequenos trabalhadores do Brasil In PRIORE, M. D. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto: 1999.

TEDRUS, D. A. **A relação adulto criança: um estudo antropológico em creches e em escolinhas de Campinas.** Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1988.

TOMASCVSKI, K. Tendências e Debates; **O direito universal à educação e o Estado.** Mensagem recebida por:<luiz.pilatti@terra.com.br> em: 17 jan. 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Bases teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa em ciências sociais.** Cadernos de Pesquisa Ritter dos Reis. V.4. Porto Alegre: faculdades Integradas Ritter dos Reis, 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VERGARA, F. **Introdução aos Fundamentos Filosóficos do Liberalismo.** Trad. Catherine M. Mahieu. São Paulo: Nobel, 1995.

ZALUAR, A. **Cidadãos não vão ao paraíso.** São Paulo: Escuta, 1994.

ZALUAR, A. Crime, Medo e Política. In. ZALUAR A.; ALVITO, M. **Um século de favela.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.